Google

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Google

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437884 9

NQT

Pestana

CAÏEL

De Longe

CONTOS ILLUSTRADOS

LISBOA
PARCERIA PEREIRA — EDITORA
1904

DE LONGE

CONTOS

1. Fiction, Portuguese

CAÏEL

De Longe

CONTOS

Illustrados com 110 gravuras

LISBOA: 1904.
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta — 50, 52 e 54

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
590825B
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
B 1951 L

Officinas Typographica e de Encadernação, movidas a vapor

Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º

A' minha querida Zeferina

amiga de toda a vida.

BODAS DE PRATA

O general olhava com persistente fixidez D. Angelica.

Ella andava por ali a regar com desvelo as begonias.

Elle, jornal esquecido nos joelhos, pasmado, remirava nas costas arqueadas da mulher a obra irreverente do tempo.

Vinte e cinco annos passados! Alem agilidade, graça, frescor, travessura, mimo. Hoje indecisão, esforço pesado, fios brancos nas fontes, rugas profundas na testa, luneta encavallada a mudar a expressão dos olhos!...

Vinte e cinco annos passados!

O general observava aquelles destroços complacente e merencorio.

Estremeceu um pardal na gingeira, ao reboarem no ar badaladas cheias, echoantes.

D. Angelica depoz lentamente o regador.

— «Lembras-te, Victor? Dava assim meio dia quando entrámos na igreja.» — e sentava-se abstracta diante do marido. — «Nove... dez... onze... Ora esta! Pois são só onze!... E' verdade... Se a pequena foi á missa das onze!... E' que me tem parecido esta manhã de um tamanho!»

O general... (Pag. 1)

— «Não assim ha vinte e cinco annos.»

— «Então, não.» — e o olhar de D. Angelica retingia-se passageiramente dos brilhos do seu noivado.

— «Dia lindo tambem!»

— «Choviscou. Não te lembras? Minha avó ficou tão contente! Dizia sempre — ***Boda regada, boda abençoada.***»

O general teve uma contracção dos sobrolhos expressiva e pessimista.

D. Angelica, entre jovial e queixosa: «Logo n'esse dia nos zangámos deveras.»

— «A embirraçãosinha do vestido azul?»

— «Tu sempre teimoso!»

— «Não tinhas vestido que te ficasse como aquelle.»

— «Fazia-me um calor!»

— «Vamos lá! Um caprichinho...»

— «Que me fez chorar...»

— «Forte asneira!»

— «E a ti tambem. De cousa nenhuma arranjámos uma scena pathetica...»

— «Como nos dramas do Mendes Leal... Quem nos dera a nós n'esse tempo!... Bons pesares!... Mas que inferneira!»

A ultima exclamação do general referia-se ao chiar de um carro, carregado de troncos de pinheiro, que rodava na estrada inharmonicamente, puxado por uma parelha de bois magros, lustrosos de suor e de baba. Deixaram afastar-se aquella nota perturbadora até que, esbatida no espaço, tomou o tom grato das cousas rusticas que a alma aprehende com extase.

— «Que me fez chorar...» (Pag. 2)

— «O effeito da distancia!» — reatou meditativa D. Angelica — «Então a certas cousas, quando passam vinte annos por cima!...»

— «E o peor é que a mudança não está n'ellas... Está só em nós» — commentou o general cabisbaixo — «A vida é uma historia!»

D. Angelica tinha-se levantado de golpe, acenando para

o lado do grande portão de ferro que dava fundo á rampa de castanheiros floridos.

— «Braz... O' Braz... Escuta, pequeno... Parece surdo... Que fim levou teu pae?»

O Krupp, guarda maior da quinta...

O rapazinho estacou puxando o barrete. Com ambas as mãos coçava afincadamente a cabeça, olhos enviesados á casa.

O Krupp, guarda maior da quinta, latia, dente arreganhado, despedindo no olhar ameaças coruscantes. A corrente rangia na violencia dos puxões.

— «Krupp! Krupp!» — admoestou, severa, D. Angelica — «Então! Que animal!... Ouve, Braz... Dize ao pae que não se esqueça do estrume que ficou de trazer; ouves?»

— «O pae anda p'rá villa» — e o rapazinho espairecia a vergonha esgaravatando com porfia um buraco da camisa no cotovelo direito.

— «Pois quando vier... Já está fazendo falta... E não te esqueças tu tambem, toma conta.»

— «Nan senhora.» — E lá se foi descalcinho, com a pelle suja a transparecer dos farrapos. No braço balanceava, em ar de brinquedo, o cesto quasi meio de escremento de gado, que elle ia recolhendo da estrada, como cousa preciosa, com as

Dize ao pae que não se esqueça... (Pag. 4)

mãos juntinhas. Se passava por cão, gato ou gallinha, pousava o cesto, apanhava uma pedra, e fazia, de olho direito fechado, rancorosa pontaria. Pun! Attingido o alvo, estugava o passo de contente, acompanhando as lastimas do queixoso com o fado do Hilario, que assobiava repenicado, com variações.

— «Que miseria!» — lamentou D. Angelica, seguindo aquella manobra até perder de vista. — «Tem olhos espertissimos. Com trato talvez ali houvesse cabedal para boa obra... Assim...!» — e meneava a cabeça desanimadamente.

— «De barro humano não ha boa obra, mulher...»

— «Não digas isso... O rapazinho é gente. Ali onde o vês tem já vontade sua. Por nada queria chamar *pae* ao padrasto. Dizia sempre *o sr. Ambrosio.* Aprendeu como os macaquitos de realejo; a poder de pancada. Pobres crianças!»

— «Criam-se mais fortes assim... E quem sabe se este não virá ainda a beber os ares pelo padrasto! Na vida real ha só paradoxo» — e o general apertava nervoso nos dedos o tabaco com que fazia um cigarro. E logo o accendeu, atirando o fosforo com gesto de inconciliavel desprezo.

Depois de concentrado silencio, D. Angelica commentou convencida:

— «Deixa lá! Quem cardos semeia espinhos colhe.»

— «Theorias de mulher! O mundo não se governa por anexins» — e uma fumarada impetuosa misturava o cheiro acre do tabaco ás suavidades da madresilva e da baunilha.

— «Pois homem, com vinagre é que nunca se apanharam moscas. Dirás que não é certo?»

— «E com o mel apanham-se? E' boa!» — A vivacidade do gesto exclamativo fez cair uma porção de cinza ardente que o general piparotou das calças com má sombra.

D. Angelica ia a retorquir quando talvez o olhar incendiado do marido a conteve. Tomando o regador voltou ás begonias com um suspiro fundo.

— «Sempre quero saber se criámos a nossa com mel ou com vinagre... Sim... Tomara que m'o dissessem!»

O regador tremia. Os vasos trasbordavam — «O que tu agora vaes buscar!» — e, apparentando leveza de animo, D. Angelica observou com entonação emphatica: «Sempre esta begonia abriu flores de hontem á tarde para cá!»

— «A realidade! A vida! Isto é um covil de feras...»

— «Jesus, homem!... Sempre tu! A Gabriela bem nossa amiga é!... Olha Deus não te castigue!» — e D. Angelica agitava o regador n'um movimento nervoso que lhe molhou o vestido.

— «Deus tem mais que fazer... E' amiga, é... E não pensa senão no dia do casorio para abalar com o marido para Londres!» — Os labios do general crispavam-se n'uma casquinada dolorosa.

— «E a minha fregueza...

— «A sorte!... Tinha que ser!»

— «A vida, mulher, a vida!»

— «Parece que sempre a censuras... Faz-me uma pena!...»

— «Não censuro, mulher. Ella é como todos... Como tu... como eu... Culpa, não sei... Não ha culpas...»

— «E a minha fregueza merca-me cá hoje este casalinho de patos?» — Vinha a pergunta de um alentado saloio que

do portão agitava no ar desenganadamente, na intenção mercantil de o fazer sobresair, um casal de patos atado fortemente pelos pés.

— «Hoje não preciso.»

— «Estão como carneiros, fregueza... Custam-lhe uma tuta-e-meia.»

— «O' homem, não sacuda assim os animaes... Olhe que isso não é de trapo.»

— «Com'assim já estão acostumados... Pois isto!...»

— «Você não sabe que é prohibido trazer a criação assim pendurada?»

— «P'ros modos em Lisboa inté fazem pagar multa e tudo... Isso cá p'a fóra nan pega... E antão a fregueza nan merca o casalinho?...»

— «Se m'os dá baratos, compro-lhe esses dois... só para lh'os tirar da mão a você.»

— «A senhora tem graça! Isto nan quebra osso... Pois olhe, só por via de me encetar, deixo-lh'os por quinze tostõesinhos.»

— «Dou-lhe doze e não vae mal.»

— «Ha-de-se ver a fazenda qu'é... Tamem os levo, tamem... mas nan é cá esta belleza...»

O general agitou o jornal impaciente.

— «Homem, se quer deixar os patos, deixe-os... Se não, vá á sua vida... Aqui não se lhe dá mais» — e accendia, nervoso, segundo cigarro.

— «Bem, mê senhor... Nan vale zangar... Vá lá... mas olhe qu'é só por conhecer qu'a senhora que está ahi com gosto n'elles.»

O general ia a replicar violento.

— «Deixa! Não vale a pena!» — interveiu D. Angelica. E dirigiu-se apressadamente ao portão a pagar a compra: «Vá vocemecê de roda e entregue-os na cozinha... Mas olhe que hão de ser esses mesmos. Diga ás raparigas que os desatem já.»

— «Ora essa, fregueza! Está de vêr... A gente cá samos de palavra. E bem baratinhos que lhe ficam. Nan ganho n'elles nem p'ró milho...»

O general olhou com rancor o saloio: «Intrujão! A lenda da simplicidade campesina!»

— «E' só por ser p'ra quem é... Isto o ganho d'uns é que dá p'r'os outros» — e lá se foi, em demanda da cozinha, com grandes ares de isenção e desinteresse.

Uma esmolinha...

— «Minha rica senhora... uma esmolinha p'ramôr de Deus... Uma entrevadinha que nan no póde ganhar... Cinco réisinhos pelas alminhas e pela sua boa sorte... p'ra que Nosso Senhor a avivente e lhe augmente a sua fortuna e de toda a mais familia... Estou quasi céguinha dos olhos... E as pernas é isto» — e a mendiga, que do portão mandava a sua cantilena plangente, acompanhada dos latidos e valentes arremettidas do Krupp, arregaçava a saia até ao joelho para mostrar a esqualidez das pernas entrapadas.

— «Dou-lhe um vintem para que se vá» — disse, com phi-

losophia pouco caritativa, D. Angelica, talvez por saber que o marido reprovava intransigentemente a mendicidade e a esmola.

— «Assim alimentamos o vicio e a ociosidade» — commentou elle, piparotando com impeto a cinza do cigarro.

— «Que queres tu que faça esta pobre velha?» — Sem esperar resposta, D. Angelica reverteu ao portão com a moeda de cobre engatilhada. De passagem amimava a cabeça colossal do Krupp no intuito de lhe calmar a ira.

— «Seja pelas bemditas almas... P'ra um pedacinho de pão... As horas que são e inda por'qui nan passou nada» — e a mendiga afagava compassivamente os gorgomilos.— «Deus Nosso Senhor lhe dê a vossa incelencia tamanha gloria no céu como a eu quero p'ra mim... Padre Nosso que estaes no Céus, santificado seja o vosso nome...»

— «O' mulherzinha» — rugiu de lá o general, perfilando o busto — «Dispensamos a reza. Vá com Deus. Rezas são para os altares...»

— «Bem, bem, mê rico senhor... Por isso nan seja a duveda... Seja tudo pelas alminhas.» — E afastou-se com dignidade, assoando-se rijo á ponta do avental immundo: «O mafarrico do homem! Aquillo p'ros modos é hereje. Abrenuncio!» — e cuspia o vintem com intenção de esconjuro, estugando o passo, menos dependente já da muleta. Tinha afan de chegar depressa á taverna do José Torto, de onde costumava sair muito mais *torta* que o morigerado taverneiro, que só se permittia o prazer solemne da bebedeira em dias assignalados de festa graúda.

— «Fique-se com Deus, fregueza... Inté outro dia.» — Era o dos patos que voltava do lado da cozinha.

— «Adeus... Recommendou lá que os desatassem?»

— «Ora essa! Já se deixa vêr» — e o homem passava a mão na bôca talvez a recolher o bafo da mentira. Cruzou-se com a mendiga quando ia a poucos passos da taverna do Torto — «Eh lá, tia Borracha! Que tal vamos hoje da pinga?»

Eram saloios dos mais...

E ella fula, hirsuta, de muleta no ar:

— «Bandalho! Alguem se mette com vancê?»

— «Su odre!»

— «Malandro!»

— «Su bebeda!»

— «Descarado!»

— «Borrachona!»

— «Su alma do diabo!»

— «A *touc-a* hoje p'ros modos é taluda!»

— «Salteador!»

Com a injuria decisiva a velhota entrou desempenada para a taverna.

— «Ahi temos outros!» — indicava entretanto o general, fazendo ranger com enfado a cadeira de vimes.

Devia referir-se a um par que n'aquelle momento assomava ao portão.

Eram saloios dos mais authenticos: elle, calça e jaqueta de panno castanho, camisa clara sem gravata, cinta escura, grande chapéu preto desabado; ella, saia muito rodada com

seu requife, chale traçado, avental azul escuro, lenço vistoso de ramagens.

Completa o perfil do Manel da Leonarda um potente guarda-sol de chita azul com orla de ramagem branca, e uma cesta de rubicundos pecegos rosas que fazem cama a uma prudentissima gallinha branca que os não depenica.

A Leonarda é portadora de um fôfo e tostado pão de ló, ainda adherente ao papel que o resguardou no fôrno.

Avançam com animo differente os dois: a Leonarda adiante, saracoteada, festeira, animosa; o Manel atrás, cosido com as saias d'ella, segurando-lhe de quando em quando a ponta do chale, vexado, medroso, côr de pimentão e a suar.

— «Ora viva a minha rica senhora!» — saudou em gritos a Leonarda — «Cada vez mais porfeita, bemdito seja Nosso Senhor!... E o sr. capitão? Esse, benza-o Deus, sempre o mesmo!»

Para a Leonarda Tormenta nunca o *sr. capitão* mudara de posto desde que ella, bons annos atrás, lhe entrara para casa a criar a filha.

— «Adeus, ama. Que tal?» — Havia sincero enternecimento na voz do general. Ouvir-se tratar com tão atrevida baixa de posto quiçá acordaria memorias dulcificantes no seu espirito.

— «Adeus, ama.» — E D. Angelica, dirigindo-se ao saloio com sorriso acolhedor: «O sr. Manuel vae agora melhor?»

— «Elle, com'ó outro» — apressou-se a informar a Leonarda — «a nan ser isso dos rinzes... Anda, hôme... Fala ós senhores... Solta-me essa lingua... Credo! Cruzes! Uma consummição assim!... Já d'esta idade e vergonhoso que nan parece senão... Nan quero que haja outro... Peor qu'ó fi-

ho... O sr. capitão nan repare... Ê cá antão ralo-me mais ·o' isto !»

O Manel, olhos fincados nos pecegos e na gallinha, não dava o menor acordo de si. A final, para fazer uma cousa, pendurou o enorme guarda-sol no braço direito pelo cabo recurvo, e mudou de mão a cesta dos pecegos.

O Manel, olhos fincados...

— «Deixe-o lá» — alvitrou complacente D. Angelica — «Cada um é como é» — e, com bondade tranquillisadora para o saloio: «Descance o cesto no chão, sr. Manuel. Para que ha de estar com esse peso no braço?»

— «Ah! nan senhora... Isto nan é peso... Nan se póde dêxar por via do raio da gallinha. Cuida vomecê que nan depenica? Nada, nan depenica!... Trago aqui o braço mais moído!» — e o Manel resolvia largar a cesta, espreguiçando-se desafogadamente com um bocejo phenomenal.

A Leonarda confrangeu-se: — «Os senhores bem podem perdoar... Cá co'este hôme é tudo assim...»

— «Vocemecês sempre a incommodarem-se!... a trazerem cousas!» — notou D. Angelica talvez como derivativo — «A ama não tem emenda.»

E logo a Leonarda, toda incendida: «Crédo, senhora!

Cale-se lá! Virgem Santissima!... Como s'isto fosse coisa!... Antão! Nan querem lá vêr!... N'um dia de tanta festa a gente nan haveramos de vir co'as mãos a abanar!... Qu'o mê Manel lá antão p'ra certas coisas... Ê tanto digo o bom com'ó ruim... Sim, lá isso! N'este dia, só s'a gente de todo em todo nan puderamos... Qu'elle umas alegrias assim já cá nan voltam tan depressa...» — e a Leonarda repartia um olhar amoroso entre os dois paes da sua menina, que o tempo tão assignaladamente ia encanecendo.

— «Estão frescas as taes alegrias!» — murmurou entre dentes o general, sacando do bolso novo cigarro.

— «Hoje é que completa os vinte e cinco annos, nan é assim, minha senhora?»

— «Vinte e cinco» — confirmou D. Angelica, com sorriso que não desdizia do seu nome — «Bodas de prata.»

— «E' uma farturinha! E nan se vá sin reposta que lá os fidalgos da nossa terra já fizeram os cincoenta annos.»

— «Cincoenta annos de casados?»

— «Pois antão! E' p'ra que saiba a minha senhora» — e a Leonarda dava com a lingua um estalo triumphante.

— «Isso então são bodas de ouro.»

— «E co'aquelles antão que avesam mais bagalhoça!... Inté se diz que o pae do sr. D. Vasco que media o dinhêro ós alqueires... Pois elles!... Isso, quando foi das taes bodas de oiro, inté lá houve festa por um sarilho... Qu'a festa o povo é que a fez... Os velhinhos, bem bons estan aquelles p'ra festas!... O fidalgo a bem dezer cego da vista... A fidalga tolhidinha de dores... Despois, sempre p'r'ali os dois sósinhos!...»

— «Já não têm filho nenhum?» — perguntou sorumbatico o general.

— «Qual! Maior desgracia!... O sr. D. Antonio, uma flor de rapaz! Veiu por fins a morrer da borrachice do vinho, ós vinte e cinco annos qu'inté parecia elle doido da cabeça... Tiveram de o metter em Rilhafoles, de desatinado que estava, e lá acabou inté sin conhecer a Deus... E o sr. D. Vicente? Essa é outra! Tamêm um desinfeliz. Tantas fez, tudo por via do raio das mulheres, qu'inté qu'o pae nan quiz mais saber d'elle. Estabaleceu-lhe uma mezada. Ha já muito anno que elle está p'ra uma terra chamada Paris, que nin é terra de portuguezes nin nada ...Sempre aquelles meninos! Ê cá tenho mais dó da fidalga! Antes ella tivesse tido uma menina!... Uma menina, no que é dezermos p'ra companhia, sempre é outra coisa...»

A gallinha...

— «Pois não foste!» — casquinou o general, expellindo da boca impetuosa fumarada.

— «Ora eu que tantas vezes tenho dito á ama que não quero que me traga cousas!» — renovou D. Angelica, talvez com o unico proposito de cortar o fio ao assumpto.

A saloia espevitou-se.

— «A senhora, p'r'amor de Deus, nan me esteja co'essas coisas... Olha agora! Os pêcigos san da horta do Jirolimo e já estavam encommendados ha mais que janêros... Assim o Senhor me nan falte co'a luz dos olhos... A gallinha... ahi

o Manel que o diga... criou-se c'o milho de casa já á collecção d'este dia... Assim a graça de Deus m'alumie na ultima hora!... E cá o pão de ló, nin a comadre Zefa me quiz levar nada p'r'ó fazer... A morte me colha já aqui s'isto nan é assim tal qual... E nan é lá dezer... Ficou mesmo que é uma belleza» — e a Leonarda avançava dois passos exhibindo a prenda — «Ê bem le buzinei que nan le faltasse c'os ovos... e mais estan a 15 réis cada um. Um desaforo! Sempre as coisas têm chegado a uns pontos!... Mais, inda mal me precato... Qu'é da Esgravielinha? Por donde anda a minha menina que nan na vejo?»

— «Foi á missa... ahi á capella do sr. Marquez. Ja não pode tardar.»

— «Rica filha! Vae já a fazer um anno que a nan tornê a ver... Entra a puxar-me cá de dentro tamanha sódade!... Em junho, logo que os senhores chegaram á quinta, quiz ê cá vir e mais o mê Custodio, que lá o pae, co'este genio, primêro que desapegue de casa p'ra fóra...»

— «E' verdade... E como está o Custodio agora?» — quiz saber D. Angelica em tom de interesse verdadeiro.

Riram-se os olhos á Leonarda.

— «O mê Custodio? Mais bom! Aquillo é com'umas casas... Que tamêm é o que vale, qu'aquillo, falando mal e depressa, com perdão ali do sr. capitão, o qu'é p'ró trabalho ...é mesmo uma besta de carga...»

— «E sempre bom rapaz?»

A Leonarda traçou o chale n'um arrebatado movimento de enthusiasmo.

— «Nan é por ser filho, nem por estar o pae aqui presente... mais, lá isso, o mê Custodio sempre foi um borre-

go... E p'ra falarmos de confiença? Vá a gente p'rá donde formos. Fica-nos lá o cão de guarda, mal comparado, como

Ahi á capella do sr. Marquez. (Pag. 16)

ali o Kruppio... E ê que nin le fiz uma festa!» — Largando de improviso o pão de ló na mesa de vimes, a Leonarda foi correndo ao Krupp que a olhára de soslaio á passagem, pela companhia sempre suspeita do Manel. O general, entre sarcastico e benevolo, fazia notar á mulher que o rapaz, no con-

ceito materno, equivalia pouco mais ou menos a um jardim zoologico.

A Leonarda voltou em casquinadas que lhe trazia uma lembrança alegre: «A minha senhora quer-se rir? Ora vá óvindo... E o sr. capitão desculpe se sou confiada... Ê cá, assim como m'o deram assim no vendo... Pois a comadre Zefa, a tal dita sujêta que fez o pão de ló sim me querer levar nada... E já nan é a primêra vez... Tamêm quando foi do casamento da irmã do sr. prior ...uma que casou c'um d'isto dos telefos... foi a mesma causticação... Qu'a gente semos amigas, mais lá isso ...amigos, amigos, negocios á parte... nan le parece á minha senhora?... Mais isto cá san contos largos qu'agora nan vem á collecção... Pois esta tal comadre Zefa veiu-me n'ótro dia co'esta — Que a Esgravielinha que tinha um derriço e p'ros modos qu'era coisa de casorio... Ê sempre ri! Que lh'o tinha dito a filha do ferrador que p'ros modos é amiga de tu d'uma sobrinha da mulher que cá vende a mantêga. Chama-se a dita mulher ti'Anna do Alto, uma toda ratada das buxigas, que troca a modo a vista dos olhos. Ê cá arrenego mais de gente zarolha! E esta p'ra mais, qu'inda traz a besta manca d'um pé e co'aquella balda dos coices... A minha senhora tome conta nunca se lhe arrime á beira, qu'o animal, quando as prega, nan dá signal. Nin sê com'á minha senhora nan compra antes a mantêga á Juliana da Azenha. Essa, sequer ó menos, é limpa e nan se mette co'a vida de ninguem. E, de boas contas, até ali. ...Pois a comadre Zefa vinha-me co'aquella historia do derriço co'a sua cara de santarrona. Ê antão que as conheço! Aquillo alevantam ellas a ver o que pescam. Querem mais é tirar nabos da panela sin se escaldarem. P'ra cá vem barradas... O' Manel!

Ora a dezer a verdade, hôme! Tu nan vês isso? Tu nan vês esse desaforo? Nan vês essa desalmada a picar nos pêcigos? Ora que sempre este hôme ha-de estar a górdar cabras! Forte paz d'alma!»

Quando a Leonarda concluiu, já o Manel, de cócoras, ameaçando estoirar as calças muito justas, estava desatando a ré no intuito prudente de a separar do corpo de delicto.

— «Hão de querer comer alguma cousa» — lembrou com deliberação D. Angelica — «Vão até á cozinha. Estão lá as raparigas».

— «Vão, vão». — obtemperou o general, espreguiçando levemente as pernas — «Comam e descancem. Sempre são umas poucas de leguas, hein?»

— «Muito agradecida, sr. capitão» — acudiu, penhorada, a Leonarda. — «A gente haveramos mais era de vir mais cedo por via do calor... Qu'elle inté a modo choviscava quand'a gente saíramos de casa. Fome, graças a Deus, nan na temos, qu'inda o filho nos óbrigou a trazer brôa e chouriço p'r'á desjejua. Vieramos de vagar. Ê p'ra grandes andanças de mais já nan estou. E sempre dêta a umas cinco leguas, pois nan dêta, ó Manel?»

O Manel já aprumado, compunha a cinta que se lhe tinha desarranjado. Era o seu forte. E declarou com voz de baixo, entre os ocios de um bocejo largo, que de casa á quinta eram por ahi umas seis leguas grandes, bem puxadas.

— «Van lá vendo!... S'elle é estrada e mais estrada!... Inté uma pessoa se aborrece de andar... Pois a santarrona lá da comadre Zefa vinha-me co'aquella, toda lampêra. Ê tamêm logo le respondi in quente. — Dêxe-me cá co'isso, senhora. Vancês o que san todas, san umas grandecissimas ba-

dalonas. Olh'agora a minha menina! Mais ben estimada qu'uma rainha. Nan qu'ella era doida! Ella quer lá saber! — e logo le dê as costas».

— «A menina tem vinte e quatro annos feitos, ama» — lembrou, a medo, D. Angelica.

— «E aos vinte e quatro annos, mulher» — intrometteu, com intonação nervosa, o general — «já uma pessoa está farta de ser mimada como uma criança... Quer-se já outra vida, outra independencia. Entra o corpo a pedir cuidados, preoccupações... Se a gente é toda assim! Só ella havia de ser de outra maneira!»

A Leonarda tinha os olhos redondos desmedidamente escancarados.

— «Então querem ver...? Sim, lá os vinte e quatro já ella nan torna a fazer... A gente é que, in os trazendo ó collo, já cuida que sempre handem ficar pequaninos...» — e levava o avental aos olhos desalentadamente.

— «Pois a historia é essa!» — reforçou, caloroso, com repetido meneio de cabeça, o general. — «Para os paes os filhos são sempre pequenos, e sempre seus... E é que se não cura a gente d'esta asneira! Pois a experiencia e o bom senso mandam outra cousa. Mandam não contar a gente com os filhos para nada.»

— «Isso lá, sr. capitão... quêra o senhor perdoar... mais uma pessoa, se nan conta c'os filhos, com quem vae a contar?... Sin ir mais longe. Ê e mais o Manuel, o que vinhamos a gente a ser ambos e dois sin o mê Custodio? P'r'ahi umas almas penadas... Inda, quando foi das sortes, só de futurar que m'o hávian d'impontar p'rá Africa, p'r'á guerra dos pretos, inté parecia que andava ê doida da cabeça e perdi

o comer. Que lá por isso... ê bem conheço a rezão... elles nan san com'á gente, nan senhor. A minha avó, Deus le fale n'alma... Escolastica se chamava ella... sempre dizia: ***Uma mãe é p'ra cem filhos e cem filhos nan san p'ra uma mãe.***»

— «Essa é a historia!» — e o general removia nervoso na cabeça o bonet de fustão — «A nossa? Casa com um estrangeiro e vae-se-nos com elle para longe muito feliz!»

Rangeu o portão. Era uma pequenita descalça e rotinha, ajoujada com um enorme ramo de hortencias azues. Parou indecisa a meia rampa.

Parou indecisa...

— «Que queres tu, filha?» — perguntou maternalmente D. Angelica.

— «Mora aqui um senhor...?»

— «Mora. Aqui mora um senhor. Não sabemos se é o que tu procuras.»

A pequena concentrou-se nos reconditos da memoria á busca de alguma cousa. Depois, com esforço, contrahindo as palpebras: «D'isto da tropa... Um senhor que manda nos soldados.»

— «Ai que graça!» — explodiu a Leonarda, batendo palmas — «Ora a petiza!»

— «E tu d'onde vens?»

— «Eu? Eu venho das senhoras Vasconcellos.»

— «Ah! bem. Dá cá... Que lindas hortencias! Não são, Victor?»

— «Apanharam-nas ellas mesmo agora... e que desculpasse serem tão poucas... e perguntam se cá estão em casa á noite.»

— «Que lindas!... Tu então fazes recados?»

A pequena sorriu, meneando-se affirmativamente.

— «Tu és a Celeste de que as senhoras me têm falado?»

— «Ná! Essa é piquena. Eu sou a Belmira.»

— «E tu quantos annos tens?»

— «Hei de fazer oito.»

— «Não tens medo de andar sosinha pela estrada?»

— «Os bois não fazem mal. A Celeste é que tem medo. Em vendo um boi põe-se logo a gritar.»

— «Anginho!» — commentou enternecida a Leonarda.

— «Ha quantos annos morreu o teu pae?» — quiz saber D. Angelica.

A pequena meditou sem resultado. Depois concludentemente: «Ha um rôr d'elles!»

— «Tu lembras-te do pae?»

A Belmira tornou a invocar reminiscencias longinquas com os olhos postos meditativamente no pão de ló.

— «Tinha as barbas assim de grandes» — e marcava a altura por um remendo esbeiçado no casaquito a meio do peito. — «E um dia deu-me um pontapé aqui» — e mostrava na barba uma costura arrepanhada.

D. Angelica olhou pasmada aquelle indelevel vestigio da paternidade do bruto, e disse desconfiadamente: «A mãe, essa não te bate.»

— «Inda honte.»

— «Alguma fizeste tu...» — suspeitou a Leonarda, talvez mais por a ouvir que por outra cousa.

— «E' porque me estava a pentear.»

— «Antão a mãe nan quer que te penteies, filha?»

— «E' só quando não ha trabalho p'ra fazer.»

— «Bem se te vê por essas grenhas... Sempre san umas!... E antão mão leve! Iss'é uma coisa!»

— «Criam-se rijos, ama» — opinou, duro, o general.

— «Dêxe lá, sr. capitão. Fazem-se malhadêros e perden a vergonha, é o que é.»

— «Quando a têm para perder, o que não é sempre.»

— «Tu gostavas de entrar para um collegio? — indagou carinhosa D. Angelica.

E mostrava na barba... (Pag. 22)

— «Eu não. Lá tambem batem.»

— «E' só nas que fazem maldades, tonta» — animou a Leonarda que era toda pela instrucção, pelo progresso.

— «E quem havera de tomar conta na Celeste e mais no Himpolito, por via do poço? e ordenhar a cabra? e ir levar o leite?»

— «Toma lá.» — e D. Angelica estendia um tostão á pequena.

— «O senhor lá já me pagou o recado.» — A Belmira fazia a declaração honrada, sacando do bolso do aventalinho

roto um vintem que mostrou com orgulho na palma da mão muito negra.

— «Só isso!» — estranhou D. Angelica, relanceando ao marido um olhar carregado.

— «Antão! Eu sou piquena.»

O general sorriu áquella philosophia, pensando talvez no bom do Vasconcellos que, no ultimo comicio socialista, defendera, com abundante rhetorica e dedos engalfinhados no cabello, o avançado principio *Salario igual para trabalho igual.* Tanta eloquencia tribunicia, propria a embasbacar as gentes, a quem elle servia depois uns copos de zurrapa na *Quintinha*, não obstava a que pagasse por 20 rs. dois kilometros, para ida e volta, por estrada ardente, á frecha do sol, a uma creaturinha descalça e maltrapilha que ignorava o direito da reclamação.

— «Toma.» — insistiu com imperio D. Angelica.

A pequena guardou o tostão envergonhada.

— «Se queres comer, vae de roda á cozinha.»

— «A ti'Ignacia deu-me figos no caminho. Já me vou por via da mãe.»

— «Dize lá ás senhoras que agradecemos muito as flores... São muito bonitas. E que á noute cá as esperamos com muito gosto.»

— «Tanta palavra, mulher!» — corrigiu mal humorado o general. — «Não te dá conta.»

— «Nada nan dá!» — discordou, viva, a Leonarda. — «E' ver aquelle olho! Que recado levas tu ás senhoras, piquena? Hades dezer tudo a eito...»

A Belmira começou por coçar o lado direito da cabeça atrás da orelha. Aquillo tinha que ser. Depois, com desem-

baraço, enfiando as palavras: «Que as flores que eram muito lindas, que muito óbrigado, e que á noite que venham ellas cá... Não é?»

— «Isso mesmo. Dá cá um beijo.» — e D. Angelica juntou ao beijo um dos pecegos mais formosos do cesto.

— «Podia-se précurar por baixo algum que viesse tocado.» — alvitrou o Manuel, já de cocoras para proceder á operação.

Mas ergueu-se, a um gesto de D. Angelica que elle traduziu assim: «Deixe lá! Alguma vez tambem o mel ha de ir á boca do asno!»

— «Toma lá»... (Pag. 23)

Aquillo não lhe parecia a elle inteiramente corrente, e os olhos iam-se-lhe cubiçosos nas faces rubicundas do *seu* pecego, que elle, com tanto melindre, guardara do bico voraz da gallinha branca. Aliás parecia-lhe aquillo irreverencia ás qualidades da sua offerta.

— «Dá-me um bêjo a mim tamêm.» — pedia entretanto a Leonarda, contagiada de ternura. — «Passa de largo qu'o cão nan é certo.»

Mas o Krupp desmentiu o aggravo. Viu passar a pequena sem vestigio de desconfiança. Não chegou a levantar o focinho dormente de sobre as patas.

— E' p'rá donde le dá.» — commentou soturno o Manel que sabia ter no Krupp um inimigo inconciliavel.

— «Vamos pôr estas cousas lá dentro, ama.»

Tomando a cesta do pão de ló, D. Angelica dirigia-se a casa. — «Sempre hão de querer almoçar.»

— «A gente nan vieramos p'ra dar incommados... Nin ê agora, co'essa da menina, vou a poder tragar nada... Aquillo já a pensar em casar!... Sempre o mundo está!... Inda me parece que le estou a mudar as fraldinhas... Quem mais roupa sujasse inda nan vi!... E então qu'a pôr-se de enxuto, era uma bocarra aberta!... E ponta-pé qu'arrumava! Era mesmo com'ás cobras!»

— «Lembra-se, ama, quando ella lhe deitava a mãosita aos cabellos.» — O olhar do general amenisava-se ridentemente ao calor das recordações.

— «Nan me lembra a mim outra coisa! Aquella descarada! Bastantes me arrancou! Iss'era ver as estrellas! Ih! Jasus!»

— «Pensar que tudo isso morreu!»

— «Ande, ama. Vamos pôr estas cousas lá dentro que podem chegar visitas» — insistiu D. Angelica, com suas razões para não deixar atrás de si a verbosa Leonarda.

— «Ora nan ha, nan ha! Ê cá estou p'ra vida nan ter!» — e para o marido: «Oh hôme, larga-me! Então já viram? Aqui nan ha nenhuns perigos. Forte consumição! Olha ali o sr. capitão... Dá-le ó menos a salvação... Nan passes com'o cão pela vinha vindimada. Jasus! Mil vezes peor qu'ó filho... Con sua lecença, sr. capitão... O senhor desculpe...»

— «Sim, mulher, sim.»

E a Leonarda, já no encalço de D. Angelica — «Oh mi-

— «Porque está o papá a olhar para mim assim?» (Pag. 29)

nha senhora, mas antão diga-me cá... Pois elle sempre é certo que a nossa Esgravielinha... Valha-me Nossa Senhora! P'ra mais, isso de estrangeiros diz que é tan má gente!»

— «Agora almoçar... Depois conversamos» — e D. Angelica acelerava o passo, fazendo á ama enviesadamente uma serie de tregeitos de que ella não dava fé.

O general ficou só no jardim.

Cotovelos fincados na mesa, cabeça apertada entre as mãos, cigarro comprimido nos beiços, para ali estava, abstracto, alheio a tudo que o rodeava: a baunilha e a madresilva, disputando primasias de perfume, a agua tilintando na cascata, o colloquio chilreado de dois toutinegros entre a folhagem verde clara dos eucalyptos, o afanoso carreiro de formigas, lidando desde os morangueiros até ao banco de pedra, o cão amarello, vadio e plebeu a espreitar pela grade, de olho avido, o somno tranquillo do Krupp que, acordado, quiçá lhe envejaria a liberdade faminta.

Estremeceu o general ao decidido ranger do portão.

Gabriella entrou refulgente de esplendida mocidade. De pé, o Krupp, aos saltos curveteados, adejava a cauda, uivando saudações freneticas.

Ella descalçou rapidamente as luvas. Mettendo-as com o livro debaixo do braço, pagou com largueza aquella manifestação.

Logo coube tambem a vez ao general cuja testa ella veiu beijar amorosamente. E poz-se a contar-lhe, com movimentos leves de andorinha, quem estava na capella: esta, aquella, todo o *high-life* veraneante por ali.

O general olhava-a n'uma especie de pasmo.

— «Porque está o papá a olhar para mim assim?» — notou impressionada.

E elle, taciturno, batendo lentamente na testa: «Cousas que passam aqui! Visões tão remotas!... Agora via-te eu no dia em que fizeste dez annos... Estreaste um vestido côr de rosa... Pouco mais alta eras do que esta mesa... Talvez por aqui» — e, com a mão muito pelluda nas phalanges inferiores, marcava a altura.

— «Bem me lembro... Um vestidinho todo feito pela mamã.»

— «Estavas linda com elle! Trança caída pelas costas. Na rua parava gente a olhar-te para o cabello... Tua mãe trazia-te sempre!... Fazia serão até que horas... Sósinha dava conta da roupa toda... N'esse tempo tinhamos muito pouco.»

— «Pobre mamã!»

— «E eramos muito felizes... Quem me dera a mim n'esse tempo!»

Houve um silencio pesado. Gabriella passava minuciosa revista aos dez dedos das luvas, como se tivesse de jurar não haver nenhum descosido.

— «Muito bons dias a Voscelencias... Raivas, esquecidos, balachinhas do Bom Successo, torradinhas, palitos de Oeiras, pasteis de nata de Belem, abobora coberta, rebuçados d'ovos, tudo muito fresquinho... Quantos pacotes hão-de querer Voscelencias?»

Era o conhecido, já classico homem dos bolos, recitando a usual cantilena com emphase dramatica digna de S. Bento ou do theatro do Principe Real.

O general despediu-o com um aceno, acompanhado de secco *Não se quer nada.*

O cavallo, como se comprehendesse a recusa, poz-se logo

a caminho sem indicação do dono, que o seguiu magestosamente, dizendo em voz e gesto de melodrama:

— «Tenham Voscelencias muito boas tardes. Até á semana. A's ordens de Voscelencias.»

— «E o papá não se lembra como jogámos o anel n'esse dia dos meus dez annos?» — perguntou vivamente Gabriella, sorrindo ao embate de uma graciosa reminiscencia? — «Era até o anel do seu casamento. Não se lembra?»

Mostrava-lhe as duas mãos...

— «Brincavamos tantas vezes!»

— «Mas é que n'esse dia, eu quiz-lhe pregar uma peça.» — Depois de breve silencio, Gabriella continuou, fazendo a menção — «Eu mostrava-lhe as duas mãos muito fechadas e perguntava: Em qual está? — Mas queria pôr-me seria e não podia. Rebentava de riso...»

O general seguia enlevado a narração; a memoria não o esclarecia.

— «O papá perdia sempre porque o anel estava... Não se lembra onde elle estava?» — e Gabriella olhava o pae com sorriso malicioso.

— «Agora!... Agora!» — exclamou o general, com o olhar incendiado na jovialidade da recordação — «Estava na tua algibeira, refinada trapaceira.»

— «E o caso é que o papá zangou-se muito comigo e eu quasi que chorei. Estava a enganal-o com tanto gosto! Achava tão engraçado!»

O semblante do general carregou-se subitamente.

— «Enganar, filha, nem aos dez annos.» — E logo n'outro tom, a deslisar do grave no melancholico: «Bons tempos aquelles! Sentia-me tão feliz!»

— «E hoje não?» — perguntou, a medo, Gabriella, pousando a mão no hombro do pae, e nos olhos d'elle um olhar quasi lacrimante.

Elle passou-lhe delicadamente o braço á cintura — «Hoje... é outra cousa... Hoje já nós não somos, como então eramos, os primeiros para ti...»

Ella sentiu vontade de chorar e, ruborisada, com a voz balbuciante: «Que idêa, papá! Pelo amor de Deus não me diga cousas d'essas! O papá e a mamã são e hão de ser sempre as primeiras pessoas para mim.»

— «Sempre?» — repetiu elle com sorriso amargo.

— «Sempre» — protestou ella com energia, entre carinhosa e frenetica.

«Telegramma!» — gritou uma voz ao portão.

— «Empurre... Empurre... Está aberto» — acudiu, alvoroçada, Gabriella. E, arremessou-se ao encontro do portador, duvidoso de subir a rampa, pelas arremettidas façanhudas do Krupp.

Ella rasgou o sello com mão nervosa, e leu avidamente as quatro palavras do telegramma: ***My best love. William.***

E, banhada de irreprimivel goso, voltou á mesa onde o general cofiava sombrio o bigode grisalho. Com voz levemente tremula: «São parabens do Guilherme.»

O general meneou a cabeça em silencio, com o olhar firme e melancholico pregado na filha. E ella, ignorante ou alheada d'essa inspecção, sorria agora com enlevo a pensamentos intimos, passando os dedos distrahidos entre a pluma do chapéu que antes puzera sobre a me a.

— «Olha a minha rica menina! Ora nan ha! Já aqui e ê sin o saber!» — Eram exclamações impetuosas da Leonarda, parada em extase á porta da casa, de braços abertos, com a cabeça do Manel a emergir-lhe do hombro esquerdo.

Telegramma!... (Pag. 32)

— «Oh! hôme! Jasus! Os santos me valham!... Forte consumição! Tu vês os mais assim agarrados ás mulheres? Inté nin sê que m'isto parece...» — e, investindo desenganadamente para a frente: «Mê rico anjo! Minha rica filha! Que linda qu'ella está!» — foi agarrar-se sofregamente a Gabriella, beijocando-lhe a cara, amarrotando-lhe irreverentemente as rendas do vestido transparente.

Gabriella aparou aquelle aguaceiro de ternura com a coragem dos sentimentos delicados. Sorrindo á mãe, que seguira immediatamente os saloios com uma grande jarra de hortencias que veiu collocar sobre a mesa, perguntou pelo Custodio.

— Que bom. Que forte como umas casas... E tambem lindo mocetão, louvado Deus, não desfazendo... Pelo geito estava a ver que já tambem lhe não parava muito tempo solteiro...

— «Sua másona!» — exclamou, subito, a Leonarda, reavivando a chamma do olhar e o tom da voz, ao mesmo tempo que familiarmente assentava uma sonora palmada na face ruborisada de Gabriella — «Sua másona!... Ande lá que tamêm nan se górdou pr'a tarde! Mas lá essa d'abalar p'ra longe e dêxar o paisinho!... essa é que m'a mim nan passa d'aqui...» — e tacteava os gorgomilos com os dedos requeimados da soalheira.

D. Angelica evidenciou claramente um gesto de impaciencia — «Com o alvoroço de vêr a menina, nem chegaram a tomar nada. Andem. Vão lá dentro. Ao menos, fazer-lhe uma saude.»

— «A gente já pouco nos podemos demorar. O Custodio anda a colher batata e a casa está só...»

— «Mas assim nem descansaram» — lembrou frouxamente Gabriella.

— «Ai que graça que ella tem!» — exclamou com as mãos juntas a Leonarda, enlevada como se Gabriella tivesse dito uma cousa extraordinaria, maravilhosa — «Descançar. rica filha, descança a gente mais é quando morremos.»

— «Agora é que a ama acertou» — applaudiu vehemente o general.

Parava ao portão um *landeau* com tilintar de gargalhadas femininas, e a polycromia vicejante de enormes ramos de flores.

— «E' a viscondessa.» — reconheceu D. Angelica. E logo, fazendo um aceno de despedida aos saloios, endireitou ao portão.

— «Vamos lá sempre a tomar uma gotinha de café.» — resolveu a Leonarda a enxugar lagrimas ao avental — «De-

pois, a gente saimos mesmo pela porta da cozinha... Antão adeus, sr. capitão. Inté mais ver.»

— «Adeus, ama... Appareça...»

— «O sr. capitão agora veja lá... Nan entre a empren-

O Custodio anda a colher batata... (Pag. 34)

der... A gente está cá n'este mundo p'ra estes trabalhinhos... Ha de ser o que Nosso Senhor quezer...»

— «Sim, mulher, sim.»

— «Nan hávia de ser assim, mas antão!...»

— «Adeus, ama, adeus... Adeus, Manuel.»

— «Antão Manel... nan ouves ali o sr. capitão?... Forte estafermo d'hôme! Sobem-me cá umas córrelas.» — e n'outro tom, para Gabriella — «Adeus, minha joia... Vá, vá ás vesitas.»

Gabriella, em silencio, foi-os acompanhando até á porta de casa. A Leonarda parou e, com a voz intercortada: «E elle essa tal terra fica muito distante? É só se me Nosso Senhor quebrar as pernas é que lá nan hê-de dêtar...»

— «Vae-se em comboio e depois por mar.»

— «Inda p'ra mais! Sempre isto foi buscar uns p'rigos por suas mãos!» — e a ama beijava as faces de Gabriella, regando-as copiosamente de lagrimas. — «Ande, mude-se. Vá p'rás vesitas, que pode parecer mal.» — e, deitando um olhar desconfiado ao grupo — «No mê tempo nan vinha cá nenhuma viscondessa.»

— «A sr.ª D. Placida Fernandes. Não te lembras?»

— «Aquella qu'o hôme tinha estabalecimento de seges?»

— «Sim. Essa mesma.»

— «Tóma!... Pois ande... vá p'ra lá, que podem reparar.» — e ficou toda enlevada na graciosa ligeireza com que Gabriella, depois de fazer-lhe um ultimo aceno com as pontas dos dedos, se dirigia ao grupo cacarejante da viscondessa da Fornalha e tres filhas.

O Manuel coçava a cabeça com ar cavilloso: «Ó mulher, mas elle antão... isto de viscondes é assim obra de empreitada?!»

— «Dêxa-me cá, hôme! Quero cá saber! Nan tiveramos a gente outros cuidados!... Anda, vem d'ahi, que nin sê o que me sobe cá dentro quando me pranto a olhar p'r'ó sr. capitão. Co'a cabeça toda cheia de brancas! Quando isto é agora, o que fará despois! Aquella grandecissima ingrata que nan tem outro nome!...» — e a Leonarda foi direita á cozinha, limpando simultaneamente ao avental as lagrimas e os moncos.

Parava ao portão um *landeau*... (Pag. 34)

Entretanto na alameda sombria dos castanheiros estalejavam estas vozes confusas:

— «Muitos parabens, general.»

Segredou ao ouvido da Gabriella... (Pag. 40)

— «General, muitos parabens.»

— «Agora as de ouro, as de ouro.»

— «Que lindas flores! Mas que incommodo!»

— «Minha D. Angelica, um abraço.»

— «Minha senhora.»

— «Senhor general.»

— «Parabens, Gabriella.»

— «Nas bodas de ouro já tambem se hão-de dar parabens aos netos.»

— «Isso, a Deus pertence.»

— «Altos juizos!»

— «Vocencias preferem entrar ou ficamos aqui?»

— «Aqui, aqui.»

— «Aqui está-se tão bem!»

— «Cheira tanto a madresilva!»

— «E á baunilha.»

— «Que lindas hortencias! Umas formozuras!»

— «E o Krupp que não ladrou!...»

— «Não ladra a gente bem vestida.»

— «Ai que graça! Ouves isto, Mimi? Ella que é toda amiga de bichos!...»

— «O cão é um animal muito intelligente.»

— «E amoravel!»

— «Já o gato, não.»

— «O gato é ingrato...»

N'este comenos a Chica (Fornalha), apartando-se algum tanto do grupo, segredou ao ouvido da Gabriella: «Reforço os parabens. Já sei que te casas em Abril. Disse-o hoje a marqueza á minha mãe.»

— «Credo, menina! Abril!... Fevereiro, se Deus quizer» — e a noiva, jubilosa, passava o lenço na face, ou para encobrir rubor, ou supprimindo os ultimos vestigios dos beijos da Leonarda.

— «Cada dia te parece um seculo, hein?»
— «Quando estiveres no meu caso, verás».
— «E não te custa muito deixar os teus paes?»
— «Custa... Mas então!... Eu depois venho vel-os».

PHILOSOPHIA DA CIDADE

O José das Perdizes não se decidia. Cotovellos fincados nos joelhos, queixo nos pulsos, para ali estava a matutar sinistramente.

Ir... não ir... a casa do compadre visconde.

Tempos! Tempos! — murmurava entre dentes. E os olhos inchados como punhos!

Tinha razão o José das Perdizes. Tempos mais differentes! Elle e o visconde brincando juntos... tu cá, tu lá. Os paes amanhando terras de meias. Depois o tio Carinhas, lá por Lisboa, topara conhecimentos. Fizera-se empreiteiro de emigração clandestina. De cada ingenuo que exportava, coalhava uma libra.

Enriquecera, despovoando os campos em redor. Puzera o

filho no estudo; fizera-o doutor. De doutor a deputado, um passo. De deputado a visconde, uma léria.

E tudo isto se passava em quanto o seu paesinho d'elle, o Maximo, cavava de sol a sol, e elle, José, não aprendia mais que o amanho das terras e o temor de Deus.

Decorreram annos. O Jeronymo só voltou á terra quando quiz ser deputado pelo circulo.

Chegou uma manhã magestosamente, com abundancia de sorrisos e de dinheiro para distribuir aos galopins.

Já tinham morrido os dois velhos.

Elle tratava desde então o amigo de infancia por *Sr. visconde.* O outro dizia familiarmente *José*, com ostentosos ares protectores.

Casaram ambos. Desde ahi, quando o fidalgo vinha passar os verões, a Joanna levava dias inteiros na quinta a engommar a roupa fina da sr.ª viscondessa.

Tinham nascido pelo mesmo tempo o Eduardinho e o seu Maximino, de quem fôra padrinho o visconde.

A viscondessa era um pelém, uma linha de pescar. Volta e meia, mandava chamar a Joanna ao palacio. E lá ia ella a correr, cantando, com o filho em braços, na alegria immensa da sua mocidade robusta. Creára ella, a bem dizer, o Eduardinho.

Assim tambem se fôra o Maximino creando muito pelo palacio, entre tapetes e crystaes. Mas não por gosto. Sempre de pequenito fugira do padrinho; tinha-lhe medo. O visconde não gostava de creanças, ralhava porque faziam ruido. Uma vez dera-lhe um tremendo puxão de orelhas, quando elle, sem querer, assentara a bota ferrada na cauda felpuda do *Marechal* que se puzera a ganir desalmadamente.

Por fim a Joanna nem já levava o Maximino. Se tinha que ir á quinta, deixava-o entregue ás visinhas.

Ao José das Perdizes até lhe parecia que o compadre tomara embirração á criança. Seria porque o Maximino estava a fazer-se um rapagão forte como umas casas, e o Eduardinho era um pau de virar tripas, a mãe por uma penna? Mandava Deus assim as coisas — que diabo!

Um tremendo puxão de orelhas... (Pag. 44)

O Maximino tinha lume no olho. Quanto mais crescia mais embirração tomava ao palacio. D'aquella casa — dizia muitas vezes — só o *Marechal!*

A mãe reprehendia-o. Mas não conseguia que elle lá fosse, a não ser uma vez cada verão, nos annos do padrinho. Vinha então de lá com a caricatura muito grotesca do visconde, que só mostrava aos amigos intimos e á Rosinha, a sua conversada desde cachopitos. Não esperava mais que passar as sortes para casar.

São tantos os alviçareiros como os invejosos. Chegara depressa ao palacio rumor d'aquella balda que tomara o Maximino de alegrar-se aos domingos.

Qualquer pinguita a mais o toldava. E então era falar, falar sem tino.

Chegado a casa, a mãe, lacrimosa, encaminhava-o á cama.

Roncava até pela manhã. De semana, comportamento exemplar; alegria juvenil e muito amor ao trabalho.

Certo domingo tinha já em si mistura de Termo, Collares e Bairrada quando implicou com um galopim do visconde, caloroso a exaltar a intelligencia do defunto tio Carinhas, que do nada soubera pôr em pé uma casa d'arromba.

O Maximino saltara.

— Boas fortunas aquellas, á custa do sangue do proximo! Fortunas malditas de Deus! — e lembrava um, e outro, e outro, que ao cabo de tempo tinham voltado do Brazil ou de Demerara, só para vir largar na terra os ossos miseraveis.

Ao outro dia o visconde chamara o José das Perdizes ao palacio.

— Que, se o borracho do filho continuasse a enxovalhar-lhe a memoria do pae pelas tavernas, com elle se haveria! Arranjava que lhe caísse a sorte para soldado e que logo desse com os costados em Africa! Limpava a terra de um patife.

O José reprehendera o rapaz severamente. O Maximino, chorando, promettera emendar-se. Mas sempre protestando que não dissera mais que a verdade.

Depois de tudo isto é que viera aquelle malfadado dia de Santo Antonio. Alegria na taverna. Vinhaça e mais vinhaça. Palavra a puxar palavra. Turvam-se os olhos; a razão offusca-se.

A proposito de nada — ser verdadeira ou falsa uma moeda de dez réis — o Maximino trava-se de razões com o Manuelito da Horta. Engalfinham-se; sovam-se. O Manuelito puxa da navalha. O Maximino deita a mão á sua para defender-se. Intervem o tio Atanasio, o futuro sogro, pae da Rosinha, que

— Que, se o borracho do filho... (Pag. 46)

ali fumava um cigarro, a ouvir historias infindas de um veterano da liberdade. A navalha do Maximino, apontada ao outro, encontra-lhe o pescoço. O tio Atanasio nunca mais falou. Tres dias depois offerecia a Deus a sua boa alma, escrevendo diante de testemunhas que perdoava ao Maximino que não quizera fazer-lhe mal. E morria tranquillo entre a Rosinha e a Joanna, que se queriam com filha e mãe. E o desgraçado no calabouço, a rebolar-se nos lagedos, a supplicar por tudo uma arma com que se matasse.

Offerecia a Deus a sua boa alma...

Uma desgraça assim! E do palacio nem um recado, uma simples palavra! Grandes figados tinha aquella gente!

E agora tinham passado quinze dias; o julgamento estava á porta.

E nem com isso se decidia o José das Perdizes! Cotovellos fincados nos joelhos, queixo nos pulsos, para ali estava a matutar sinistramente. Iria... não iria... a casa do compadre visconde?

A Joanna já o não podia ver. Ennovelando com resolução as madeixas encanecidas n'aquella quinzena, atirou-lhe com esta: «Pois home, se nan te astreves, dêxa que me vou ê lá».

Elle levantou-se sem responder. Atirou com a jaqueta para o hombro, e pegou a subir lentamente a encosta que ia dar á Quinta. A Joanna foi accender a lamparina a Nossa Senhora.

* * *

«Pois home... (Pag. 49)

Ao chegar lá, o velho *Marechal* levantou-se a lambel-o, meneando a cauda.

O José das Perdizes sentiu um baque na alma. E' que o *Marechal* fôra grande amigo do seu Maximino em pequeno.

Os viscondes acabavam de jantar. Estavam ao café.

Deu uns passos e parou interdicto.

—«Adeus, José; queres café?»

—«Agradecido, mê compadre.»

—«Licor? Anda, homem, bebe um copito.»

—«Quêra perdoar, mê compadre... Parece que se le põe á gente um nó na graganta.»

—«Então, Porto... Bebe homem, bebe» — e estendia-lhe um copo.

Elle acanhou-se de recusar outra vez: —«Antão, lá vae á saude do sr. Eduardinho» — e bebeu de um trago, passando a manga nos labios.

—«Não tens apparecido, homem!» — disse o visconde, accendendo um charuto aromatico.

— «A gente... co'este desgosto...»

— «Ah! sim... Faço idéa!... Déste-lhe largas...»

— «Destinos! mê compadre.»

— «Tivessel-o tu aperreado como eu ao meu!»

O José das Perdizes coçou a cabeça. Olhou de soslaio a viscondessa, muito entretida a ler a marca de fabrica de uma bolacha. Elle bem sabia que o Eduardinho tinha saído um estroina de má morte, recebendo da fraqueza materna dinheiro com que alimentava verduras que lhe deshonravam os dezoito annos.

«Antão, lá vae á saude... (Pag. 50)

— «E' o diabo educal-os a gente!... O Maximino nunca me dê pena... mas lá veiu uma hora...»

— «Não me quizeste ouvir... Agora é aguentares-te... De borracho a assassino já vês que é um passo... Era ter logo pregado com elle nas fileiras...»

— «Bom remedio, mê compadre! Lá inda elles se perdem mais depressa!... E' ver o João da tia Annita... As fileiras! E' quando nan respêtam Deus nim mulher...»

— «Vocês sabem lá o que dizèm!... Pois agora aguenta-te...»

Houve um silencio.

— «Má sorte de cada um!... Nan sê se o mê compadre sabe a historia...»

— «Sei, sei... Tão pouco se tem badalado d'isso!...»

— «Pois o julgamento — nan sê se o mê compadre estará sciente — vem a bater, p'r'os modos, p'r'á semana que entra...»

— «Ah, sim?»

— «Vae antão ê mais a Joanna... Sim, alembrou-se a gente... Se o mê compadre nos quizesse fazer a esmola...»

— «Que esmola, homem?»

— «Sim... elle recommendando-se o rapaz lá ós senhores juizes ou a quem é...»

— «Tu estás doido, homem! Vocês são todos o mesmo... não fazem idéa de nada. A justiça não admitte trapalhices... Com a justiça não se brinca... O castigo deve ir a quem toca... O mais é immoralidade» — e, levantando-se bruscamente, o visconde continuou em tom mais brando: «E agora desculpa-me, José... Tenho hoje que escrever uma infinidade de cartas para o correio... Não desesperes, homem... O rapaz é novo... Atrás de tempo, tempo vem... E, quando me vieres com algum pedido, seja cousa que se possa fazer. Estas cousas de justiça são muito delicadas... Depois, um homem commette um crime... A gente até tem vergonha de o nomear... quanto mais ir ainda pedir por elle!»

— «Pois mê compadre» — atalhou nervoso, mas com a voz muito clara, o José das Perdizes — «Deus le conserve as suas felecidades, qu'ê cá... Mas sempre le quero levantar essa... O mê Maximino aconteceu-lhe aquella desgracia... Isso a qualquer!... Mas im pontos de honra e no que toca a isto» — e batia fortemente no coração — «nan ha fidalgo que le passe adiente... Com sua lecença...» — e partiu, congestionado, sem verter lagrima.

— «Viste-o como revirou o dente?!» — commentou para a

mulher o visconde. — «Todos o mesmo; estes camponios! Promptos sempre a morder a mão que os afaga. Não é mau que o maroto do filho apanhe uma ensinadella mestra!»

Quando o José das Perdizes chegou a casa, a Joanna saiu-lhe ao terreiro. Elle trazia catadura fera.

— «E antão?» — perguntou-lhe, anciosa.

— «Dêxa-me, mulher! Má'raios me partam s'ê torno a cruzar os humbraes d'aquella casa!»

E foi só então que se atirou sobre a cama em soluços: «Mê rico filho, mê desgraçado filho!»

E batia... (Pag. 52)

O bom comportamento do Maximino, as circumstancias particulares do crime, tudo foram attenuantes. No acto do julgamento levantaram-se duvidas sobre quem realmente matara o tio Atanasio. Elle, com hombridade, reclamou para si a responsabilidade inteira.

O Manuelito da Horta só lhe fizera a elle um raspão na mão direita.

Seis annos de degredo!

Com protecção, com empenhos, era voz geral que teria sido absolvido.

No momento do embarque para Africa, a Joanna, afogada em soluços, só tinha uma phrase entrecortada:

«Bemdita sejas de Deus, filha!» — e batia já sem força no hombro da Rosinha que acompanhava o Maximino por

esses mares fóra, mulher legitima, por casamento celebrado na prisão.

Quem lhe restava a ella no mundo? Dava a sua vida a consolar aquella immensa desgraça. A sua grande alma de mulher cerrou ouvidos aos commentarios soezes da aldeia, que lhe erigiam em ponto de honra não tornar a pôr os olhos no Maximino.

O José das Perdizes no caes, a acenar com o lenço: «Se aquelle malvado tivesse querido!... Alma de serpente!»

E a Joanna, já na sua missão consoladora, a gaguejar, com a voz cortada: «Dêxa lá, home! Largam em bom dia, sabado de Nossa Senhora. E mais elle leva um anjo na sua companhia!»

*

* *

O José das Perdizes não se decidia. Cotovelos fincados nos joelhos, queixo nos pulsos, para ali estava a matutar sinistramente.

Ir... não ir... a casa do compadre visconde... Levava já cinco annos sem lá pôr pé! Fôra protesto.

A Joanna, olhos inchados como punhos: «Home, dêta lá num estante... Inté ha de parecer mal...»

Elle passou a mão na testa, preoccupado: — «Por ir, ia, mulher... Mas entra-me assim uma aquella!... Inté podem cuidar... ê sê lá!... que um home vae por bisbilhotar.. por metter o nariz...»

— «Cala-te lá, qu'inté isso parece peccado! Ê cá nan vou lá que nan posso. Levanta-se-me tudo cá dentro. Aparê-o

ê quando nasceu, coitadinho. Queria-lhe, a bem dezer, como ó nosso...»

— «Bem t'o pagaram, mulher!...»

— «Dêja-te agora de pagos, home... Anda qu'elles estan bem peor qu'á gente. D'aqui a quatorze mezes, com a ajuda de Nosso Senhor, já a gente cá temos o nosso Maximino, e mais a Rosa e os piquenos... E o Maximino a trabalhar de officio, todo este tempo sem provar pinga! Tudo foi por Deus! Aquella de partir em sabado de Nossa Senhora foi uma grande coisa! E mais que elle levou um anjo na sua companhia!... Mas cá os senhores, coitadinhos! P'rá morte nan ha compostura... E, p'ra mais, morte com vergonha!... Anda home, vé-te lá... E á senhora, diz-le que ê, an que fôra coisa minha...» — e ficou-lhe incompleto o pensamento na força dos soluços.

No caes, a acenar... (Pag 54)

— «Boa vae ella!... Está dito, mulher... lá vou... O peor é que nan adrego com o que hêde dezer ó home... Os filhos! os nossos peccados!»

Vestiu-se de preto e pegou a subir lentamente a encosta que ia dar á Quinta. Ia a ruminar aquella grande desgraça

do compadre: o suicidio do Eduardinho, desfalcador do banco onde o pae era director. De um homem pegar n'uma espingarda e fazer saltar os miolos!

A' porta da Quinta quantas recordações! O *Marechal* já lá não estava. D'esta vez já o não recebia aquella lingua amiga. Morrera de velho, coitado!

Escarranchado no *Marechal*...

E revia, com um aperto de alma, um grupo de muitos annos atrás: o Eduardinho, vestido á maruja, muito delgadito, sempre amarello e com olheiras, escarranchado no *Marechal*, a gritar-lhe com uma vozinha de pipia: «Eh cavallo!»

Pobre Eduardinho! Tristes paes!

Estavam abertas as portas do palacio. Foi entrando. Lá em cima topou com a viscondessa que levava um copo de leite.

O José das Perdizes não tinha segurança nas pernas. Quiz falar. Não achou voz.

A viscondessa, n'um arranco de temperamento energico, luctador: «Adeus, José. Vem ver o visconde?»

— «A gente, com'ó outro... Mas lá p'ra incommodar. não... A Joanna tem-se farto de chorar... Nim quando foi do nosso rapaz...»

— «Entre, José, entre... Vou ver se elle toma este leite... Está n'uma exaltação! Não fala n'outra cousa!» — e seguiu corredor fóra, adiante do José das Perdizes, que se

sentiu revolver todo, percebendo-lhe o movimento do lenço a enxugar lagrimas.

Entraram no escriptorio.

O visconde levantou a cabeça de sobre um album em que havia retratos do Eduardinho em todas as idades, com trages mais ou menos pittorescos. Franziu os labios e carregou o sobrolho ao ver assomar o José das Perdizes.

A viscondessa falou baixo ao marido.

— «Entra, homem» — disse o visconde muito secco.

O José parou a meio do quarto, cabisbaixo, compromettido:

— «Viva, mê compadre!... Todos estes dias tenho andado p'ra cá chegar... Qu'a gente tem-se relado mais!... A Joanna, antão, anda-me lá como tonta da cabeça... Nan se le enxugan os olhos...»

Levantou a cabeça...

— «Bem, bem... Obrigado... E noticias do teu rapaz?»

— «A saude boa... E tamem vae ganhando bem, graças ó Senhor... Aprendeu a sapateiro.»

— «Casou, não?

— «Pois casou, mê compadre... Já temos dois netos como duas flôres... A Joanna tem lá os retratos...»

— «Bem, bem... Tiveste sorte, homem... Tiveste sorte!»

— «A Providencia, mê compadre... Que ás vezes...

nim uma pessoa sabe o que cuide... Esta que agora le passa ó mê compadre!...»

— «Bem, bem... Com que estás avô, homem...»

A viscondessa, no vão da janella, fazia signaes ao José para que não falasse mais no caso.

Elle acabou por entender.

— «Pois, mê compadre... bella vindima vae ter este anno... Ha mais de quantos tempos que nan passava p'ra esta banda... Uma novidade mais formosa!»

— «Bem me importo eu com as vinhas!»

— «Assim nan venha lá p'r'ó fim a perdição das chuvas, como o anno passado!»

Houve um silencio pesado, em que o José lustrou muito a aba do chapeu.

De repente, tomando resolução: «Pois mê compadre... com sua lecença... A gente p'r'ó que prestar... A Joanna, em ganhando animo, por cá virá á sr. viscondessa» — e partiu, não fosse cousa que armasse um escandalo, desatando ali a soluçar na bochecha dos dois.

O visconde do Passo da Giesteira deixou afastar o camponez. Depois, para a mulher, em tom vibrante, dando uma forte palmada na secretaria: «Dá as ordens que quizeres para que este maroto me não torne a pôr os pés em casa.»

— «Este pobre homem?»

— «Este pobre homem!» — repetiu o visconde ironicamente — «Patife!... Não veiu cá senão falar-me das suas felicidades... metter-m'as á cara... regosijar-se com a nossa desgraça!... Tem lá pena! Tomaram elles ver-nos de rastos... Todos o mesmo, estes brutos! Não sentem... não tem coração...»

— «Talvez te enganes, Jeronymo.»

— «Conheço-os melhor que tu... Veiu de proposito... a humilhar-nos, o patife!... Vingança, porque lhe não quiz valer ao filho assassino... Que me não torne a cruzar a porta, vê lá bem...»

Quando o José das Perdizes chegou a casa, a Joanna saiu-lhe ao encontro.

— «E antão a senhora?»

Elle encolheu os hombros.

— «P'r'ali uma coisa!»

— «E o sr. visconde?

Repetição do movimento. Depois, no mesmo tom: P'r' ali uma coisa!»

— «Crédo, home! Nan te intendo! Elles que fizeram? o que te disseram?»

— «P'r'ali umas coisas, mulher!» — e, notando o gesto impaciente da Joanna: «Sabes que mais, mulher?... Ê nan nos intendo... Tudo em muita orde... Elles bem vestidos!... elles bem penteados!... E lá a respêto do Eduardinho... nem tus nem mus!»

Não torne a pôr... (Pag. 58)

— «Nan falaram n'elle! Conta, home, conta..»

— «Aquillo era inté caso p'ra se dar um abraço n'um home, nem mais nem menos... Quando a coisa puxa bem de dentro!... Esta gente fina das cidades!... Parece qu'inté os corações san lá fêtos de outra manêra!... Tarrenego!»

— «Dêxa lá, home!... Bem me capacito ê d'essas finezas! Aquillo lá por dentro handem estar raladinhos... Sempre san paes! Importa lá ser de Lisboa ou de donde seja!» — e, enxu-

gando olhos e nariz ao avental, a Joanna continuou a regar as rosas brancas que tencionava deixar domingo ao Eduardinho, no sumptuoso mausoleu onde elle repousava junto ao tio Carinhas.

PASSANDO NA ESTRADA

Tarde de outono. Athmosphera espessa de trovoada pesando nas cousas. A estrada lá ia, de Cascaes a Cintra, calva, poeirenta, solitaria. O sol a pôr-se entre castellos de nevoa grossa, escura.

Seguiam os dois estrada fóra, a passo lento. Iam melancholicamente ao acaso. Invadia-os irresistivelmente a languidez do scenario.

Quem diria que eram noivos? Quererem-se de bom querer, e caminharem assim, lado a lado, tão tristes!...

Atravessariam penosamente um d'esses momentos côr de chumbo, em que parece carregar sobre nós a responsabilidade collectiva de todas as dôres humanas?

Subito, retinem gritos de afflicção, ao longe. De certo, além, n'aquella barraquita miseravel.

Rompem de novo os brados, violentos, frementes.

Que será? — Olham-se os dois transidos.

O terreno complicado de divisões. Muros de pedra solta apartam pequenos tractos de propriedade.

Não ha caminho. Verdadeira pista de obstaculos!

E os gritos continuam estridentes, cortados, afflictos!

Elle decide-se. Sem combinação, sem palavras, arremette para além. Salta o primeiro muro; salta o segundo; salta o terceiro.

E ella, n'uma anciedade, sem auxilio, n'um esforço desesperado, consegue transpôr essas barreiras, seguil-o.

Chegam quasi ao mesmo tempo. A voz humana cessara. Um cão pequeno, muito magro, pello branco manchado, latia furiosamente.

Appoiado á mulêta, emerge da barraquita um homem com a perna direita cortada. No braço esquerdo, uma criança de peito semi-nua e sorridente.

N'um equilibrio instavel, erguia um pouco o braço, o da mulêta, a indicar a sua desgraça, a mulher, desgrenhada e lacrimosa, lá em cima, junto ao muro de alvenaria, a gesticular, a contar mentiras, a excommungada, aos dois creados da sr.ª duqueza chamados por aquelle alarido. Uma vergonha!

E explicava as cousas: — Nunca ella fôra muito certa da cabeça. Sempre a modo telhuda. Mas com o nascimento do petiz, nove mezes antes, puzera-se n'aquelle estado. Varrida! Dava-lhe aquillo pela cabeça, pegava aos berros, desaustinada, a botar o ceu abaixo. Haviam de cuidar que a maltratava; que lhe punha as mãos! Raio de sorte a sua! — e, com a colher de pau muito negra, dava uma volta ao macarrão, a ceia, que fervia ao lado n'uma fogueirita de aparas. Não fosse cousa que se pegasse.

Lá em cima, os creados da duqueza riam desapoderadamente.

Então a mulherzita, com passo tardo, cambaleante, o olhar timido, veiu approximando-se.

E, em voz rouca, pesada de recriminações: — Que bem fazia já idéa! O homem estaria, como sempre, a desacredital-a, a dizer que lhe cuidava mal da creança... Traste!... Pois mentia!... Mentia o demonio com quantos dentes tinha n'aquella boca depravada! A criança, não havia dia que lhe não lavasse os trapinhos, sabia Deus com que custo!

Junto ao muro... (Pag. 62)

A outra mulher empenhou-se em socegal-a.

— Que não... que o Frederico dos Santos — era o nome — não dissera taes cousas. Lamentava, sim, coitado! que ella não pudesse calmar os nervos, evitar aquellas scenas, aquelles gritos...

— Que não, que não podia. Podia lá!... Sentia uns baques na cabeça! Ninguem fazia idéa... E tambem elle, o malvado, porque não a poupava? Sempre a pegar por isto... por mais aquillo! Entrava de ralar-se e vinha-lhe aquillo. No hospital, ao menos, estivera melhor. O senhor doutor, um assim alto com a barba já pintada, tinha passado ordem que a deixassem, que lhe não dissessem uma nem duas. Um regalo... E ali em casa? Um inferno que só ella! — e, n'um supremo

desforço da sua grande dôr represada. — «Ai, minha rica senhora, não ha coisa mais triste que é uma mulher! Todos fazem chacota!»

Os creados da duqueza, que tinham descido, a ver, appoiaram o conceito com risos.

O coxo defendia-se.

— Pois dias de um desespero como elle ali os tinha! Se não bramasse, estoirava. Aquellas gritarias d'ella, aquelles escandalos, era que os tinham deitado fóra da barreira. E lá sempre aquillo era outra cousa! Tinham o pão certo. E tambem a barraquita era melhor. Aquella ali custava-lhe os olhos da cara. Seis tostões por mez!... Só das cautelitas que agora vendia, como havia de sair isso, e ainda por cima o comer? A's vezes um homem fazia-se ladrão! Vida levada do diabo — e provava com sentido o macarrão, em quanto dois gatos amarellos, entre as couves espigadas, ennovelados, retoiçavam doidamente.

No maldizer da barraca estavam acordes. Ella reforçava, exaltando com asco o covil de bicharia que era. Ninhada de ratos e de baratas... Um nojo! E mais tinham os gatos! O *Saldanha* então que era mais fino!... Só ella para soffrer aquillo! E cada vez a doença a peor!... Ir aos medicos? Para quê?... Remedios! Tomaram elles dinheiro para o pão e para o tabaco!... Botica! Isso era luxo... Nem sequer uma simples purga!

Elle confirmava. — Era a pura verdade aquillo. Entrava e saía o anno e nenhum se purgava! Um viver para ali ao Deus dará! Dias mais consumidos!... Pois, apesar de tudo, — e já ia em quatro annos que se tinham ajuntado — nunca ainda lhe tinha batido! E não era que a excommungada não

fizesse por ellas... Custavam-lhe mais aquelles alaridos! Uma vergonha! Qualquer dia cegava-se e atirava-lhe com a muleta ás trombas...

Os noivos olharam-se confrangidos. Depois a senhora procurou acalmar, consolar aos dois lados.

— Tinham razão os dois... Vida muito dura! Só triumphariam com a paciencia. Dependia de ambos o socego. Elle, vendo n'ella uma doente, sem culpa. Ella, domando os nervos, por elle, coitado! e pelo pequenito... Tão bonitinho! E bem criadinho que estava!

Só das cautelitas... (Pag. 64)

O sorriso do casal dizia agora que rompera como uma alvorada n'aquelles espiritos obumbrados de dor. E a mulher com orgulho, erguendo-lhe a camisita muito limpa, toda enlevada n'aquella rosea nudez que era obra sua: «Rolinhos de carne, pois não é verdade, minha rica senhora?... E accadinho!... Que lhe caia a lingua damnada se tiver alma de dizer que lhe trato mal isto!» — E resoavam no espaço, com os silvos da locomotiva a manobrar na estação, rijas palmadas de carinho.

Então elle á força, descerrando a boquita ao nacarado pimpolho, algo descontente: «E os dentinhos? Já oito e inda não completou o anno!»

— «E ao meu peito criado sempre, minha rica senhora» — informou, vaidosa, a mãe, colhendo aos braços descarnados o pequerrucho que perneava, choramingando.

— «Quer-lhe a gente mais!» — suspirou o Frederico dos Santos. E retirava o macarrão do lume.

Conheceram os dois noivos que chegara o momento opportuno da ceia. Disseram vivamente muita cousa. Aconselharam visita a uma medica especialista que dava consultas gratis. E temperaram consolações e conselhos com a moeda de prata que o caso estava pedindo.

E retirava o macarrão...

Despediam-se com promessa de voltar. Reanimada ao calor do dinheiro, a mulher sentia agora vir a si, com força, toda a curiosidade do seu sexo e da sua classe.

Curvada a um lado, para uma longa, desafogada assoadella na saia immunda: «E a senhora tambem tem meninos?»

— «Nada; não senhora. Muito boas tardes... Vá á consulta, vá, que talvez lhe aproveite.»

— «Mas é casada, a senhora...?»

— «Tambem não.»

— «Ora vejam!... Pois a mim queria-me parecer...»

Já subiam para o portão que abria na azenhaga. E a mulher atrás, descalça, sem ruido.

— «Não se incommode. Não precisa cá vir.»

— «E os senhores estão mesmo em Cascaes? assistem cá?»

— «Estamos a passar o verão.»

— «Bem me queria a mim parecer!»

Estavam no portão.

— «Ora Deus lhe dê á senhora... e mais ao senhor tambem... as felicidades que desejarem!» — e havia n'aquelle olhar um grande desconsolo evidente de curiosidade insaciada. O pequerrucho sorria, a bolsar leite, escancarando a boquita côr de rosa. E lá em baixo o côxo, sentado n'um cesto emborcado, fazia placidamente um cigarro.

Sentado n'um cesto...

Os dois afastaram-se cabisbaixos. Transposto um pedaço de caminho, voltaram-se a olhar uma vez mais a scena melancholica e sugestiva.

Penumbra do crepusculo com aureola de raios esbatidos assignalando o poente; além a choça negra, mesquinha, as couves espigadas, altas como cactos, o cão estendido no rescaldo, os dois gatos, o *Saldanha* e o outro, sempre em cabriolas, e o casal, sentado agora no chão, devorando promiscuamente, do mesmo tacho, o macarrão cozinhado em tão dramaticas circumstancias. Tirando da boca uma porção mastigada, a mãe infundia-a, com os dedos grosseiros, pela boca do filhito. E, ao mesmo tempo, falava e gesticulava animadamente.

Adivinhar se era justo ou injusto e o que dizia!

Os outros voltaram costas com uma funda impressão, pesada, melancholica.

Mas tinham aproveitado aquelle fim de tarde. Não fôra aquillo como levantar uma pequenina malha, n'essa teia de reparação, como a de Penelope tanta vez feita e desfeita, que tende a concluir-se definitivamente, n'um esforço collectivo,

para resgate de um grande peccado social em que todos somos mais ou menos cumplices?

Ao longe os dois comiam com avidez o macarrão, entre agudos berros do pequeno meio engasgado, e o retouçar bravio dos dois gatos foliões.

O JOSÉ CALIXTO

Ao principio de casados, suas difficuldades.

Elle pospontava seguro e deitava meias solas a primor. Mas era recemvindo da terra. Em Lisboa não o conheciam.

Depois começou a trabalhar para a loja. O patrão apreciava-lhe o ponto. Semana atrás de semana, dá-lhe que dá-lhe na sovela.

A' Antonia até já aquillo parecia canceira por demais. Mas sempre bemdizendo Dens. E, por causa do peito, ia-lhe deitando maior naco de toucinho na panela.

Tinham alugado casita muito limpa a Campo de Ourique. Ambos da serra. Grande amor ao ar e á luz. Depois o José Calixto tinha um gosto innato pelo aceio, pela boa ordem.

Elle não era um bruto. Aprendera as letras com o bom

Ventura, mestre escola da sua aldeia. Depois, varios sermões que ouvira ao seu cura falavam liberalmente de igualdade dos homens perante Deus, deixando-lhe suspeitar que ella devia existir tambem na terra. No *Sertanejo*, orgão dominical do logar, entrevira laivos de politica arguta e de socialismo rubro. Da convulsão de todos estes elementos tinham brotado *as suas idêas*.

Fervia-lhe no peito a consciencia latente da injustiça social. Não apoiava o processo sanguinario; mas queria vozes altas a clamar verdades, braços valentes a arrasar infamias. De outro modo, nada feito.

Respeitava-se. E a ancia que tinha pelo alinho da casa bem podia ser que prendesse com esse respeito, com certa noção da sua dignidade.

— Vivem como alimarias! — criticava de certos camaradas — O povo assim é uma escoria.

Os domingos inteiros em casa. A pé com a alvorada. A manhã toda ao quintalito.

Queria-lhe deveras. Maravilha brotar assim um paraiso de um pedaço de terra secca! Um regalo aquella frescura olorosa! Cortava o trabalho para ir espreitar a miude o rebentar das couves e das alfaces, o abotoar dos cravos e amores-perfeitos, o rescendente verdejar da salsa e da hortelã. Electrisado, abraçava a Antonia ali mesmo, nas barbas dos visinhos. Aquillo era mesmo estar a ver crescer filhos! — segredava-lhe.

Mas protestava a energica Antonia — Isso mais devagar! Olha o asno!

Nasceu a Balduina e devia ter-se convencido o José Calixto. Logo o primeiro domingo da paternidade se lhe foi todo em martelar um carro. Para puxar a Balduina pelas ruas

fóra, como bébé de ricos, olá! Só não queria nem sonhado o supplicio das toucas de renda. Qual! Melãosinho ao tempo.

Dardejava ardente o sol e não se regou o quintal n'aquelle dia.

Os seus titulos de marceneiro engenhoso estavam aliás comprovados já nos armarios da salinha, em varios bancos e no gallinheiro. Resultado coherente: o carro saiu primoroso.

Cabiam lá dois. Quando nasceu o Viriato, já tinha o seu logar. E a boa alma do José Calixto alargara então já, até abranger placidamente todos os affectos do lar; mulher, filhos, horta, a gallinha com os seus pintos, e até o *Saltico*, esse absorvente amigo, o gato.

O abotoar dos cravos... (Pag. 70)

*
* *

Por esse tempo foi que elle começou a frequentar a ***Liga dos Sapateiros.***

Ia sempre muito escovado, com um ar digno. Os camaradas acatavam-no; ouviam-no.

Usava palavras escolhidas. Falando da Antonia, dizia: ***a minha senhora.*** Quando lhe perguntavam pela prole, informava: dois; ***um menino e uma menina.*** Rapaz, rapariga, termos vulgares que lhe despraziam.

Ria muito pouco. Fixava-se de preferencia no lado austero da vida. Um dia amarrotou com rancor certo jornal onde

Cabiam lá dois. (Pag 71)

leu — que o povo pedia albarda. — Não, não era para facecias d'aquellas... Corja de idiotas!

Começou a escrever uns artiguinhos graves para as folhas satyricas *A sovela* e *O bico da agulha*. Gostava de levar á insulsez d'aquelles chistes bravios a sua nota sentimental e cordata. Na grammatica desacreditava bastante o bom mestre Ventura. Mas de offensas ao bom senso andava geralmente limpa a sua penna.

Abusava um tanto da palavra *reivindicação*. Mas sincero; porque ella correspondia aos seus anhelos pela justiça.

Um collega remendão, a pugnar sempre por que na sede da Liga se vendesssem bebidas alcoolicas, chamou-lhe por troça, nas costas, *Mestre reivindicações*.

Um dia, n'um anniversario solemne, o dr. Sarzedas foi á séde da Liga fazer uma conferencia.

O José Calixto apenas o conhecia de vista e pelos artigos vibrantes do *O Independente*.

O dr. Sarzedas, com palavra de mestre, poz em relevo o desvergonhamento dos poderes constituidos, vexações soffridas pelo povo tolerante e credulo, necessidade

Um dia amarrotou... (Pag. 71)

imprescindivel de uma transformação social equitativa e decorosa.

Interrompiam-no saudações e applausos.

Terminou proclamando a hegomonia do povo. Enxugando da testa o suor tribunicio, elle encontrava-se disposto a pugnar por esse ideal até ao ultimo arquejo da sua vida.

O enthusiasmo dos ouvintes acompanhou-o em grita até casa.

O doutor veiu ainda á janella, sem chapeu, acenar, agradecer. Esta cortezia reacendeu os animos. Deram-se vivas.

A policia, de luva branca por ser dia de gala, effectuou algumas prisões.

O dr. Sarzedas... (Pag. 72)

O José Calixto, voltando a casa, rouco da expansão enthusiastica, vinha matutando n'uma coisa: — Que diabo quereria dizer *hegemonia?* Perguntal-o a um companheiro mais conhecedor de palavras de Lisboa, não ousara. Parecia-lhe quebra de dignidade, reducção do seu prestigio.

A Antonia, observando a distracção com que elle engulia a ceia sem mastigar, increpou-lhe rudemente: «Que dianho estás tu p'r'ahi a magicar, home?»

Elle então não se conteve. Com os olhos fusilantes, pin-

tou-lhe bem pintado o dr. Sarzedas. Aquelle sim que era um homem! A ouvil-o, quem não criaria esperanças n'um futuro melhor? Aquelle merecia a adoração do povo.

A Antonia escancarava um olhar entristecido. Depois, n'um arremesso, levantando nos braços o Viriato que chorava: «Inda tu te fias n'essas lampanas, home!»

O José Calixto descarregou um formidavel murro na mesa. Com mil bombas! Pela primeira vez media a extensão da sua desgraça, casado com uma mulher que não comprehendia a belleza dos ideaes sublimes.

Saiu violentamente porta fóra, sem beijar os filhos, sem ver lagrimas que borbulhavam nos olhos da Antonia.

Foi-se direito á redacção do *O Independente*. Queria pôr-se incondicionalmente ás ordens do dr. Sarzedas.

Era cedo. A redacção quasi deserta. O doutor, sósinho no gabinete, escrevia o artigo de fundo.

Escutou benevolo o José Calixto. Depois, complacente, expendeu largamente as suas ideas, passeando agitado como n'uma tribuna, atirando para o ar, com decisão, gestos e fumaradas de charuto caro.

— Elle, claro, era republicano. Mas como constituir uma republica sem homens? Servir uma abstracção era perder a vida. Queria factos concretos, beneficios palpaveis. A sua causa era a causa do povo, eternamente escravo e espoliado. O seu pensamento, o seu tempo, o seu sangue, o seu dinheiro, pertenciam sem reserva a essa cruzada santa. Contava com ingratidões. Mas passaria sobre ellas; não se deixaria quebrantar. O povo era a eterna criança. Elle, até morrer, batalharia pelo triumpho d'essa criança caprichosa.

O José Calixto, fremente de enthusiasmo, protestava sincero.

— Não, o povo nunca lhe seria traidor. O povo, na sua rudeza, conhecia os amigos de boa lei.

*
* *

Desde aquelle dia memoravel o José Calixto foi cegamente a creatura do dr. Sarzedas.

Elle nunca vira um homem assim.

Dedicação! Renuncia! E o trato! Se passava o rei, fazia vista grossa. E a elle, José Calixto, apertos de mão, palmadas no hombro, diante de toda a gente, na rua, onde calhava.

O doutor, sósinho... (Pag. 74)

Memoria, um assombro! Raro o dia que não perguntasse pela Antonia! E com os pequenos! Sempre pelos nomes!... Balduina cá, Viriato lá. E era interesse de dentro. Tivessem outro filho para elle ser padrinho — recommendava.

O José Calixto tambem, pela sua parte, não lhe ficava atrás. Na redacção trabalhava-lhe como um bruto para receber uma miseria. A tratar-lhe da eleição suara quartilhos nas lides de galopim.

Estava empenhado em provar-lhe que os do povo tambem tinham entranhas. E n'este afan fôra-lhe sacrificando tudo: o officio a que não attendia; a mulher cujas lagrimas o encole-

risavam; os filhos cujas graças infantis deixou de notar. Quando o dr. Sarzedas perdeu a eleição, elle enxugou dois dias de febre.

— A desmoralisação official está pedindo mais alguma cou-

E a elle, José Calixto, apertos de mão... (Pag 75)

sa do que discursos platonicos! — rugia, n'aquella noute, em estremeções que abalavam a cama.

A Antonia, apavorada, mãos cruzadas, resava Ave-Marias.

— Que dianho seria aquillo? - - matutava confrangida.

Era um fermento de anarchismo a penetrar-lhe subrepticiamente no sangue.

*

* *

Uma madrugada em que voltava da redacção tiritando, o José Calixto encontrou a Antonia prostrada. Ardia em febre.

Uma madrugada em que voltava da redacção... (Pag. 76)

Aquillo estarreceu-o. Habituara-se a consideral-a invencivel. Não cuidava n'ella. Era de ferro.

Alinhados carinhosamente pela Antonia junto da caminha... (Pag. 80)

E agora para ali amodorrada! sem dar acordo!

E sósinha! Como um animal! Como um cão! Maldito elle!

Só n'este momento comprehendia o que ella lhe era. Sem a valente companheira, o que teria sido d'elle?

Saltaram-lhe as lagrimas ao descobrir no misero rescaldo a pinguita do café que lhe ella deixara ali, sob a guarda do *Saltico*, a roncar enroscado, pata sobre o focinho.

Levou as mãos á cabeça n'um desespero.

Que fazer? Devia seis mezes no Monte-Pio. Inutil chamar o medico. Não viria.

Melhor esperar com paciencia a manhã alta e ir ao dr. Sarzedas. E respirou um largo hausto consolador pensando na grande alma do doutor.

Agoniada vigilia, entre o delirio offegante da Antonia e a respiração debil dos dois filhinhos.

Ia reparando na sua casa. Havia tanto tempo que não olhava para as cousas!

Não havia nada. A Antonia fôra empenhando, empenhando, para calar a fome aos pequenos.

A um canto, despresada, a ultima encommenda de freguez paciente, sem duvida enternecido ás lagrimas d'ella.

Por toda a parte miseria e abandono. E — nota mais pungente de todas! — aquelles dois parzitos de sapatos, espipados, sem solas, sem biqueiras, alinhados carinhosamente pela Antonia junto da caminha onde dormiam as crianças, n'um instincto porfioso da ordem, do arranjo.

Estremeceu. Seria elle um miseravel?

Veiu-lhe um soluço, e outro, e outro... E ella inerte, para ali estirada, sem compaixão para aquella dôr que o roia! Se parecia meio morta!

E decorreram oito negros dias em que o José Calixto não pôde arredar pé d'aquelle martyrio.

A' pressa. com os olhos cegos de lagrimas, tinha garatujado duas cartas: uma ao patrão que lhe retirara a obra havia mezes; a outra ao dr. Sarzedas, pintando-lhe a situação. Pedia-lhe que annunciasse n'*O Independente* o seu trabalho de sapateiro.

Pedia-lhe que annunciasse...

O patrão não respondeu.

O dr. Sarzedas annunciou um dia em typo miudo na quarta pagina e não repetiu o annuncio.

*
* *

Calçava com esforço... (Pag. 82)

Correram semanas.

O José Calixto voltara a trabalhar com afan e apuro. Sentia acordar em si o gosto antigo. No ardor, como nunca! Se protestara desempenhar tudo! Boa tarefa!

Todo o santo dia a sovela dá-lhe que dá-lhe. E a freguezia a voltar. E elle sempre a puxar o ponto... e a puxar tambem pensamentos! Quantas cousas a referverem no cerebro!

Um dia achou-se de bom humor. O patrão voltara a mandar obra que elle executava a capricho.

Lembrou-lhe uma partida: apparecer na redacção d'*O Independente*. Sempre queria ver a cara do *pandego!*

O dr. Sarzedas, de chapeu, no gabinete, calçava com esforço attento luvas novas.

— «Estás transtornado, homem! Tambem doente?... Eu logo vi que uma ausencia d'estas... E a mulher já boa?... Pois estás abatido, estás...»

— «Cuidados, sr. doutor... As ralações é que acobardam muito o individuo... Mas tambem a gente aprende alguma coisa...»

— «Eu lá te puz o annuncio... não sei se viste...»

— «Vi, vi... Muito obrigado, sr. doutor.»

— «Se quizeres que repita...»

— «Muito agradecido... Agora com'assim... já não faz falta.»

— «Tens ido á *Liga?*»

— «Eu, sr. doutor!... Não tenho ido a banda nenhuma.»

— «Pois, homem, animo. Uma pessoa nunca se deixa abater... A vida é dura para todos que servem idéas... Grandes homens têm supportado fome combatendo pelos seus ideaes... Tenho conhecido alguns... Tu apparece, homem... Agora estou com pressa... Tenho gente á minha espera... Mas outro dia veremos... Sempre has de poder ganhar ahi algum vintem... Saude e valor!» — e o dr. Sarzedas deitou a correr pela escada, mettendo no bolso os apontamentos de um discurso.

O José Calixto notou, abanando repetidamente a cabeça, que elle lhe não estendera a mão. Nem sequer lhe batera no hombro. Com um tregeito singular dos olhos, observou a um reporter: «Vae de casaca... Coisa de estalo, hein?»

O outro informou: «E' banquete, agora ás oito, na *Liga dos Philanthropos.*»

— «E logo dos *philanthropos!* Ora o diabo não tem somno!... E o jornal? Vento em pôpa?»

— «Qual! Tem isto abandonado... Elle larga o jornal, você não sabe?... Arranjou noiva com bagalhoça... Isto são!... Adeus politica, adeus jornalismo, adeus democracia!... Mê'migo, cada qual...»

— «Albarda o burro como lhe convém?... Está na logica...» — e o José Calixto rodou escada abaixo, taciturno.

...rodou escada abaixo...

*

* *

Uma sexta-feira a Antonia foi ao Senhor dos Passos pagar a promessa que fizera por occasião do typho. Não queria morrer deixando os seus em tanta miseria. Que seria d'elles sem os seus nervos de aço?

Levava os filhitos. Mais ainda que por devoção, para deixarem trabalhar o pae.

Agradeceu a Deus com fervor aquella crise tremenda em que a felicidade voltára á sua casa. Com o trabalho viera tudo o mais. Tinha reverdecido a alegria, a saude das crianças, e as flôres do quintal.

Ao saír da igreja, a Antonia cruzou-se com um par sum-

ptuoso. Acabavam de apear-se de uma carruagem reluzente.

A Antonia, com um estremecimento forte, persignou-se.

Ao sair da egreja, a Antonia cruzou-se com um par sumptuoso. (Pag. 83)

Entaramelando uma Ave-Maria, puxou a Balduina e o Viriato até á pia da agua benta e molhou a testa a ambos.

Entretanto, mirava de soslaio o esplendido vestido de seda preta recamado de vidrilhos.

De repente, os seus olhos embateram nos do doutor que logo se desviaram.

Então ella, n'um recrudescimento de pavor, tomando arrebatadamente as mãositas dos pequenos, largou a correr para casa, gaguejando, n'um vehemente esconjuro:

«Cruzes, demonio! T'arrenego!»

GUITARRA QUE FALA

O Fortunato Alegria era um excentrico de marca. Mas bom sujeito a final.

Sempre todo empenhado em esconder a estranhos o menosprezo da sua terra. Trazia-o lá muito nos escaninhos de dentro esse menosprezo.

Aprumado com dignidade, physionomia composta, falava da patria com reserva quando era interpellado. Poucas palavras; phrases curtas. Tolhia-lhe a fala um temor enorme de ser sincero.

Elle viera de lá com uma refrigerante sensação de allivio. Mas não o dissera ao estrangeiro. E não admittia que lh'o adivinhassem.

Estimava individualmente patricios. Em globo, porem, como sociedade, aquillo era depressivo, aquillo era asphixiante, era tremendo.

Não exprobava ao seu paiz o ser pequeno. Não havia cousas pequenas. Podia ser importante e illustre uma familia de quatro ou cinco membros, como uma nação de quatro ou cinco milhões.

Aprumado com dignidade... (Pag. 87)

A razão do desprestigio nunca era razão numerica. Fraqueza procedia sempre de deficit ideal.

De longe, tomando distancia, tudo aquillo parecia ainda mais carregado. Tinha vistas de matuto e pessimista o Fortunato Alegria.

Via, reinante por lá, um regimen de desconfiança incoherente, em que o governo parecia esperar tudo dos particulares e os particulares tudo do governo.

Via a rivalidade desunindo os homens dentro da classe, e as classes dentro da nação. E, d'ahi resultante, uma sociedade inteira de descontentes, gastando a vida a murmurar, com sorrisos conservadores, de uma situação em que eram a um tempo censores e cumplices.

Na politica o mais acabado scepticismo. O povo descrendo dos partidos, e os partidos descrendo de si mesmos. O Parlamento unanimemente considerado mentira e dolo; e, apesar d'isso, sempre de pé, para que o sr. A. intimasse com brio marcial o sr. B. a retirar certa phrase em que era chamado embusteiro e ladrão, e o sr. B. recolhesse a phrase, declarando o sr. A. um poço de virtudes e de talento, impecavel funccio-

ıario, exemplarissimo chefe de familia. Como o Fortunato **Alegria** era por cima de tudo cabeçudo e terco, nem sequer

...que resultava de sairem os dois da Camara, braço dado...

reconhecia a pacificadora lição que resultava de sairem os dois da Camara, braço dado, exemplificando as doces theorias da penitencia e do perdão. Elle, matuto dos quatro costados, só via o peor lado das cousas.

O ensino de alem enxergava-o todo applicado á intelligencia, como se cada individuo fosse uma abstracção feita carne. D'aquelle emaranhado conflicto de systemas, em que conspicuos pedagogos, desunidos, divergentes, alguma vez rancorosos entre si, calculavam o melhor processo mechanico de armazenar nos cerebros maior *stock* de sciencia abstracta, elle não apurava nada a limpo.

E tinha-lhes má vontade de dentro, porque sabia que aquelles senhores consideravam a gradual formação da *pessoa,* o facetar do caracter, e o desenvolvimento rythmico da compleição physica a ensanchar moldura para alma grande, meros devaneios utopicos e sentimentalistas, fóra dos dominios do trabalho serio.

Elle tinha para si que o equilibrio era condição tão essencial á creatura humana como a todo o outro producto da natureza. Nunca poderia admittir que o rachitismo de corpo e alma do estudante seu patricio aproveitasse nada ao seu desenvolvimento intellectual, prejudicado aliás por uma constante excitação mechanica da memoria. Sustentava elle que, sob tal regimen, a escola, em vez de levantar, abatia; sem condições para accender enthusiasmo, propagava apenas a peste do scepticismo precoce. Não havia esperar d'ella que fosse a escora e a melhor esperança da nação, mas só a peor causa encapotada da sua ruina, e o sorvedouro desapiedado de todas as suas esperanças.

Nunca o Fortunato Alegria fôra palaciano — elle não passava de um desastrado, malavindo com a casaca. Por isso talvez pensava tambem com melancholia e desanimo n'aquella artificial atmosphera que lá ia pelo Paço dos reis, feita de bajulação e de hypocrisia.

Os adulados, não ouvindo nunca a voz franca, sinceramente amiga, envolvidos no incensar constante da sua omnisciencia, bem poderiam, com prejuiso seu e alheio, exaltar as virtudes e dotes proprios á obcecante presumpção da infallibilidade sobrenatural.

Uma das fortes excentricidades do Fortunato Alegria era a profunda antipathía, até despreso pyrrhonico ao despotico numerario. E alem apparecia-lhe o monstro-dinheiro, em pedestal engalanado, mirando com sobranceria os afanosos que se acotovelavam em baixo, na renhida lucta pela vida. E, por diante d'essa deidade arrogante, que não tinha um claro sorriso aberto a fazer perdoar o seu fausto e o seu desnivel, constantemente desfilava a longa romaria dos devotos a beijocarem a terra, humildes e rendidos.

O gosto literario da sua terra exasperava-o. O romance estrangeiro, barbaramente traduzido, era o melhor manjar servido pelas livrarias. Os folhetins diarios, a dois e tres por periodico, eram gulosamente devorados pelas familias. E toda essa frandulagem, consumindo tempo e dinheiro, dava cheque á mercadoria nacional com desespero inutil dos auctores famintos. O Fortunato Alegria, de uma vez que o consultou um patricio sobre carreira de vida literaria, atirou-lhe, assanhado, palavras vehementes, espantosas.

A critica não existia por lá. A' obra literaria estava destinada na imprensa jornalistica certa provisão de adjectivos e adverbios, afins por etymologia, proprios a tornar mais ou menos agradecidos os auctores. Oriental-os por via segura nos dominios da esthetica ou da arte, não podiam nem pretendiam.

Entoavam-se nenias desfibrantes sobre a decadencia do

romance e do drama nacional. Mas o Fortunato Alegria estava farto de saber que o mesmo publico ledor de folhetins só por acaso conhecia alguma das melhores peças dos seus excellentes dramaturgos. E, afanoso e avido, esse mesmo publico animava com enchentes successivas os espectaculos de importação estrangeira, embora muitas vezes occorresse serem esses espectaculos igualmente offensivos do decoro e da arte.

Por estas e outras razões, augmentava todos os dias o seu desespero vendo tão depreciada a lingua que cantara, sonora e forte, altas façanhas, e agora descaía, como a raça, ameaçando total ruina.

A arte, arripiada e triste, estiolava-se lá tambem por falta de meio. N'um instincto de viver, o artista acolhia-se alguma vez a climas estranhos, sorvendo inspiração, matando a sua sede de alegria renovadora. Por fóra, n'uma intensa atmosphera de arte, procurava talvez esquecer a terra onde se tolerava á industria mercantil que profanasse e conspurcasse os monumentos artisticos.

N'aquella sua terra a mulher, sem individualidade propria, crescia vegetativamente desinteressada de tudo. Expendia a actividade represada no exercicio sincero e extremado de praticas devotas que mais a separavam do homem. E, sem responsabilidades nem graves questões a resolver, exagerava a importancia do trage, attribuindo a fitas e pennachos, que apellidava em lingua exotica, um valor muito alto que em rigor não cabia a taes bugigangas. O homem dava-lhe sempre a direita, offerecia-lhe flores, galanteava-a delambidamente nos momentos de ocio e desfastio, punha o seu nome nas casas pretenciosas que construia, precedendo-o do estrangeirismo *Villa*. Mas na vida a serio tratava-a como simples

utelada, como irresponsavel. Por commodidade e por ha-bito, não lhe reconhecia a faculdade de ter ideas. Outorga-va-lhe a supremacia das salas, e negava-lhe arbitrio em todos

O homem dava-lhe sempre a direita, offerecia-lhe flores... (Pag. 92)

os casos fundamentaes da vida. E ella, docemente embalada na morbida corrente, acceitava com sorrisos e complacencias essa absurda situação, deixando-se indolentemente galantear, indolentemente enganar.

Por tudo isto era que elle, Fortunato Alegria, ratão, bi-

sonho e matuto, deixara a sua terra com aquella sensação de allivio de que guardara recatado segredo. Nem elle proprio, indeciso e sombrio, chegara talvez a dosar nunca a porção de amargura que entrava n'aquelle allivio.

...na varanda... (Pag. 95)

A proporção que o seu espirito melhor abrangia era a do tempo decorrido com o maior aborrecimento que ia sentindo ás cousas *de lá*. Abominava os interesses concretos que moviam os bons dos seus patricios. Nos arcanos da sua matutice elle chegou a premeditar um *golpe de estado*.

Aquillo não tinha emenda. E a elle a final que lhe importava? que devia importar-lhe? Em vez de roer comsigo aquelles desesperos, ralado, moído até aos ossos, ia mas era fazer pela vida, esquecendo.

Que tinha com o que ia por lá? Que lhe importava? Boa tolice!

Determinou resolutamente votar tudo aquillo a esquecimento. Passaria uma esponja sobre aquillo tudo.

Era definitivo. Cortou as assignaturas dos jornaes de lá. Que lhe importava?

E viveu tempo assim... mezes e mezes... annos, a fazer lá comsigo, pacientemente, nos escaninhos de dentro, aquella premeditada obra de desagregação.

A final, assentou em que estava curado.

Mas nem por isso se sentia optimista e prazenteiro. Antes cada vez mais original, mais casmurro, mais mettido comsigo.

Uma noute, no hotel, na varanda da sala de leitura, poz-se embasbacado para o ceu caliginoso. Estava devorando comsigo um ***spleen*** formidavel. Ao ouvido impacientado chegaram-lhe ruidos longinquos. Como, por temperamento, havia sempre de escabichar n'uma cousa, poz-se agora a matutar como era estranho que toda essa gente, na ruidosa cidade, atulhasse áquella hora os cafés em futil e alegre palestra, quando a guerra, em climas inhospitos, disimava tão cruamente os seus irmãos!

...poz-se a caminhar, rua fóra... (Pag. 96)

E veiu-lhe ao espirito a soturna consideração de que a humanidade era desprezivel.

Subito, um som estranho, inesperado, fel-o estremecer. Debruçou-se avidamente na varanda. Aquillo era o instrumento popular da sua terra. E a canção tambem a do seu povo, dolente, sentimental, chorosa, typica. E tambem a lingua era a sua...

Alvoroçado atirou-se escada abaixo. E, sem abrigo, sem

chapeu, melena ao vento, poz-se a caminhar, rua fóra, como somnambulo, atrás d'aquillo.

Os naturaes acclamavam festivamente. O forasteiro, dedilhando com mestria as cordas, desferia, entre o rumorejar da cidade alegre, a sua cantiga muito *chorada,* embebida de commoção, talvez inspirada n'alguma saudade amorosa.

...a arrumar a mala... (Pag. 97)

E o Fortunato Alegria, magnetisado, a caminhar, a caminhar, sem abrigo, sem chapeu, melena ao vento. E sem sentir a grossa nevada que começara a cair, a cair, em flocos reluzentes, continuos. Elle seguia o bando popular, mudo, transido, como na mysteriosa cidade dos doges, na ineffavel poesia do *gran canal,* as gondolas seguem á noute, n'um recolhimento devoto, essa irresistivel fascinação — a musica.

O Fortunato Alegria caiu em si quando o grupo enfiou para uma taverna. Então, varado de frio, molhado até aos ossos, voltou para o hotel. E sentiu então mais do que nunca a frieza inhospita do seu quarto.

Procurou em vão dormir. O pensamento espertinava-o, todo a puxar para recordações de alem.

E toda a noute se lhe foi no remoer este dilemma tremendo: — Iria? Não iria?

Após aquella insomnia, vieram outras. Aquillo já era loença.

Os creados no hotel estranhavam-no. O homem andava lesatinado.

A final, um bom dia, resolveu sair d'aquillo energicamente. Tinha sempre os *golpes de estado* para as situações difficeis.

— Sempre ia até lá... ver de perto aquella desgraça... A elle, a final, que lhe importava?

E poz-se afanosamente a arrumar a mala, em estranha barafunda, com enthusiasmo de outros tempos quando, na sua provincia, abalava para a serra, para as suas caçadas.

A CRIADINHA

Tinha 9 annos e era um amor.

Nos dias de mercado e nas festas affluia gente.

A mãe, a Thomazia, toda se esmerava em lustrar-lhe o cabello annelado. Punha-lhe o vestidinho côr de rosa que tinham dado as senhoras Mellos, já então desfeiteado por ella com um cinto verde-gaio. Para o topéte havia um laço azul-pavão, dado pela filha da senhora professsora.

Com este preparo a Thomazinha ficava cem vezes menos bonita. Mas o orgulho materno não o comprehendia assim. E quando o João, ao sair da fabrica, estreitava a filha com frenesi aloucado, saltava-lhe a Thomazia que não fosse bruto, não amarrotasse as galas á criança. Elle então, compromettido, largava-a. E punha-se, pasmado, mão na grenha, a mirar

5908758

aquillo com attenção devota. Devia ser cousa assim o extase dos reis Magos diante de Jesus pequenino. Aquella princezinha, posta ali entre rusticos, havia de ser engano de Deus— matutava o João com um pensamento agradecido para o céu. E todo se babava, quando lhe perguntavam pelo nome, ouvindo a vozinha de anjo responder com formalidade — «Thomazia da Purificação, uma sua criada.»

A Thomazinha odiava os dias consagrados, em que a vestiam assim, prohibindo-lhe que se espojasse na terra. Olhava então com inveja os amigos pequenos que não tinham aquella tremenda responsabilidade do vestido das senhoras Mellos. Iam-se-lhe os olhos a vêl-os ao domingo, como ella á semana, comer a dedo, em plena liberdade de nodoas, a sardinha gordurosa sobre o naco da brôa.

Crescendo, tomara certo gosto á sua belleza. A mãe, a puxar-lhe de roda o viez amarello com que já acompridara o vestidinho uma boa mão travessa, dizia-lhe sempre: «Está-te queda, para ficares bonita.» A superioridade da belleza fôra-se-lhe assim infiltrando.

Mas a condição de conservar sem mancha o vestido côr de rosa, que tinham dado as senhoras Mellos, seccava-a a ponto de a empallidecer. E o passeio dominical por diante do coreto da musica, pela mão dos paes, como anjinho de procissão, enfastiava-a horrendamente.

*
* *

Agora tinha quatorze annos. Vivia n'uma cozinha escura a tratar da comida para elles. Dormia n'um sotam sem ar e

sem luz. Andava sempre com muito medo de que a sr.ª D. Joanna lhe batesse.

E a Thomazia? Devia de estar no céu. Nunca o sr. dou-

E o passeio dominical por diante do coreto da musica... (Pag. 100)

tor atinara com o que fôra aquillo que lhe dera pela cabeça quando o Senhor a chamou para si. A hora que tinha chegado!...

E o João? Por lá nos Bugalhos aos dados. A viuvez deixara-o meio manco. Não era a Thomazia tão fraco apoio!

Enlouquecia com a preoccupação da criança. Elle de sol a sol a moirejar no trabalho! E a desgraçadinha para ali sujeita a mil perigos! Uma lastima!

As senhoras Mellos offereceram pôl-a a servir em Lisboa. Não a podiam ter comsigo, pelo sobrinho Frederico, o estudante de medicina, que já lhes dava agua pela barba. Mas buscariam casa amiga, casa capaz.

O João agradeceu a chorar. Do que elle duvidava era de que lhe quizessem a cachopa, sem saber nada de cousas delicadas. Que tonta não era, graças ao Altissimo! mas nunca tinha visto nada. Tinha os olhos tapados.

A Thomazinha perdeu o comer. Supplicava em altos prantos que a deixassem ficar. Era bem capaz de levar o jantar á fabrica, de fazer o café e de remendar as blusas — Que tinha isso de maior?

E o João, a fazer-se forte: Que não fosse maluca. — Ia aprender. — Era para seu bem.

Em Lisboa, a Thomazinha entrara para casa de duas senhoras, mãe e filha. Ia para cuidar da velha paralytica. Levava os dias sentada n'uma cadeirinha a limpar-lhe o pingo do nariz, a metter-lhe o comer na boca, a chegar-lhe o escarrador.

Esmagada pela escuridão d'este destino, fazia tudo com indifferença, machinalmente. Mas quando a velha, com o braço que tinha livre, lhe atirava a muleta ou lhe puxava os cabellos, pensava então sinistramente em abalar para os Bugalhos a pé, seguindo a linha ferrea até Torres. Era isto aos doze annos.

Quando morreu a paralytica já as sr.as Mellos tinham ido de todo para a sua casa de Villa do Conde.

A orphã não pudera conservar criada. Prestara-se, porém, a arranjar-lhe nova casa. O João, consultado, agradecera fervoroso. A fabrica fechara. E elle agora andava sempre

or fóra a pilhar trabalho. Impossivel ter lá a Thomazinha!

E era por isso que aos quatorze annos ella vivia n'uma ozinha escura, sem ar e sem luz, a tratar da comida para

Levava os dias sentada n'uma cadeirinha... (Pag. 102)

elles, e andava sempre com muito medo de que a sr.ª D. Joanna lhe batesse.

Quem eram *elles?* Uns conhecidos da patrôa antiga. Um casal: a D. Joanna, quarentona de genio violento, vestida de seda na Avenida, sustentando de portas a dentro uma economia feroz; e o rubicundo Barroso, chefe de secretaria já grisalho, apuradissimo no brilho das camisas e no olhar com

que descobria certos requisitos femininos que o enfeitiçavam.

A Thomazinha era criada unica d'estes Barrosos. Cozinhava, servia á mesa, varria, engommava, esfregava... fazia-se uma mulher — segundo a phrase da sr.ª D. Joanna.

...e o rubicundo Barroso... (pag. 103)

A casa era na rua da Atalaya, em pleno Bairro Alto. Aos domingos, de manhã cedo, mandavam-na á missa, a S. Pedro de Alcantara. Não tinha outra diversão. Punha então o vestido de lã que lhe tinha dado a senhora, e os brinquinhos de ouro com que a presenteara o sr. Barroso pelos annos d'elle.

E lá ia muito contente, depois de mirar-se e remirar-se nas vidraças da casa do jantar, que por isso trazia sempre muito limpas. E era realmente bonita, apesar da fome e da canceira, que lhe punham olheiras fundas nos olhos negros.

Vinha-lhe de longe um como instincto de embonecar-se aos domingos. Alguma vez lagrimejava, recordando-se do vestidinho côr de rosa que tinham dado as senhoras Mellos, e que a mãe — Deus a tivesse em gloria! — lhe punha sempre com

...a servir á mesa...

tanto amor. E partia para a egreja, entaramelando um Padre Nosso e uma Ave-Maria por alma d'ella.

N'aquella vida tão dura a consolação unica era saber-se bonita. Quando o gallego das compras, o revisor do gaz ou o da agua, lhe dirigiam um galanteio atrevido, retrahia-se toda córada; mas intimamente não desgostava. Sentia-se realçar de importancia, como quando, a servir á mesa, encontrava cravados em si os olhos avermelhados do sr. Barroso.

Um dia, porém, que elle a colhera no corredor para darlhe um beijo, todo o seu pudor se alvorotara. E fugira para a cozinha a chorar, ameaçando-o de fazer queixa á senhora.

Succedeu-lhe uma vez quebrar uma jarra. A D. Joanna, desrespeitando a belleza plastica da criada, encheu-lhe a cara de arranhões. Seguiu-se uma scena violenta entre marido e mulher. E á tarde, quando o Barroso veiu jantar, trouxe-lhe a ella um lenço côr de rosa para a cabeça, novinho, com os vincos da loja.

Desde aquelle dia a sr.ª D. Joanna tratava-a peor; batia-lhe mais, ás escondidas do marido. Mas que lhe importava? O que ella queria era vêr chegar o domingo, apresentar-se na rua com o lenço novo. Sobretudo, por causa da visinha defronte, que tambem tinha lenço côr de rosa, e parecia olhal-a com curiosidade.

Aquella mulher impressionava-a. Sempre ao pescoço um grande cordão de ouro de tres voltas! Era um assim que ella gostaria de levar á terra quando lá fosse. Já que tinha soffrido por cá, ao menos...!

O pae tinha-lh'o promettido. Elle agora trazia de renda umas territas que amanhava. No tempo da fructa pediria á patrôa que a deixasse lá ir, obra de uns oito dias. Se ella chegasse a entrar nos Bugalhos com o cordão deitado ao pescoço, a dar as tres voltas como a outra, então é que havia de ser o bom e o bonito! A Chica do Torto, a Rosinha da tia Anastacia, a Mariquita do Largo, todas, todas á uma, a comerem-se de inveja!... Que regalo!

Tinha o dinheiro na mão da senhora. Se não fosse por vergonha, perguntava á visinha o preço do seu cordão.

Ficara morta por arranjar pé de conversa com ella, desde que lhe ouvira dizer para uma que passava, ajoujada debaixo de uma enorme canastra de hortaliça: «Você é bem tola, mulher. A gente, quando tem um palminho de cara como se quer.

escusa de andar com canceiras, e tem tudo o que lhe é reciso.»

Aquillo fizera-lhe muita impressão. Que quereria dizer a riatura? Cogitava. O caso era ue a via levar vida regalada, janella, de cavaco com quem assava. Havia de chegar a etos aquella!

...ajoujada debaixo... (Pag. 106)

Um dia em que da mesa ião sobrara nada para ella jan- ar, e á noute, no sotam, teve ncarniçada lucta com as rata- anas que a não deixaram dor- mir, matutou com mais fixidez n'aquellas cousas. E de manhã, muito cedo, quando ainda dor- miam os patrões, foi subtil- mente ao grande espelho da sala, ensaiar, em quanto engro- lava uma Ave-Maria para que o pae a viesse buscar ou man- dasse por ella, que tal lhe ficava aquelle penteado alto da visinha. E notou com goso que a mudava, que lhe punha certo ar petulante, apesar de lhe fal- tarem os pregos amarellos. Despontou um grande raio de ale- gria na sua vida escura.

*
* *

Agora tambem a Thomazinha tem cordão de ouro de tres

voltas e preguiça os dias repimpada á janella, a cavaquear com os que passam.

A belleza olheirenta dos seus dezoito annos já não tem nada d'aquella princezinha dos Bugalhos com o vestidinho côr de rosa que tinham dado as senhoras Mellos. As feições engrossaram, a pelle crestou-se, o corpo e o gesto abandalharam-se. Tem gargalhadas alvares que soam como instrumento desafinado. E sempre está rindo assim!

Uma noute entra-lhe pela casa um rapaz bem vestido. Pasmam os dois um para o outro.

— «És tu, Thomazinha!... Já me tinham dito... Valha-te Deus, mulher!»

— «Olha quem elle é! O menino Frederico das senhoras Mellos!» — e baixava os olhos.

— «Como chegaste a isto, mulher?»

— «O patrão, o sr. Barroso... Depois, a gente... como o outro que diz... Tratei foi de me pirar com medo da patrôa... Que eu não tive culpa nenhuma. Foi n'um domingo, que ella tinha ido p'r'á missa... Raios o partam!»

— «E fugiste de lá então?»

— «Pois eu...»

— «Podias ter ido servir n'outra casa, mulher...»

A Thomazinha teve um estremeção. Empertigando-se com arreganho, a repuxar com o indicador o olho direito: «Isso, pae Paulino! Quem é que é tolo? P'ra martyrio bastou.»

— «Oh! mulher! Mas tambem isto!»

— «Sempre a gente come! E, se leva bordoada, tambem a dá.»

Houve um silencio.

— «E teu pae?»

— «Botou-me a maldição... Tambem o demo logo lhe

...e preguiça os dias repimpada á janella... (Pag. 108)

deu cabo do canastro!... Deus lhe perdôe!... Já hoje lhe resei por alma...»

— «Tu nunca mais o tornaste a vêr?»

A Thomazinha não respondeu logo. Depois, com a voz embargada: «A gente, a entrar n'isto... é deitar contas que não tem familia... pff!...» — e atirou comsigo, em soluços que

a abalavam toda, sobre a mesa de gallo, onde havia um copo com flôres murchas que se derramou.

Durou muito aquelle choro. Afinal foi caindo, caindo, até

De manhã ainda despenteada... (Pag. 111)

que deslisou n'uma baixa respiração muito profunda. Pelo decote do vestido saía um pescoço muito branco, viçoso de mocidade, mordido por um cordão de ouro de tres voltas.

— Dormiria? — pensou o Frederico — Morta de cançada!... Aquella vida! Pobre Thomazinha! — E parecia-lhe que a estava vendo, nos Bugalhos, tão pura e tão linda, com o vestidinho côr de rosa que tinham dado as tias Mellos.

Olhou em roda. Na alcova, através da cortina encarnada,

via-se a cama muito aceada. Sobre a meia commoda um quadro da Senhora das Dores, alumiado com lamparina de azeite. E tudo muito esmiuçado do pó. Uma limpeza meticulosa, n'um visivel instincto de ordem, de arranjo.

Metteu os dedos no bolso. Levava 700 réis. Deixou-lh'os sobre a mesa e saíu pé ante pé. Fenecera-lhe de todo a brutalidade com que entrara!

Quando a Thomazinha acordou e viu o dinheiro, correu, em alvoroço, a fechar a porta. Já tinha ganho o seu dia.

De manhã, ainda despenteada, foi defronte contar o caso ás visinhas.

— Era um rapaz mais fino! um mocetão mais perfeito! Aquillo ia ser uma paixão! A coisa vinha já de trás. Tinham sido como irmãos. Quando ella era pequenina, as tias, as senhoras Mellos, vestiam-na de ponto em branco e sentavam-na á mesa. Lembrava-lhe um dia em que elle, correndo atrás d'ella no jardim, lhe perguntara se o queria para noivo. Nada, não! E elle estava o mesmo, tal qual. Só mais bonito, mais forte, mais homem... Dizia-lhe o dedo minimo que o menino Frederico a vinha tirar d'aquella vida...

As visinhas escancararam as bocas, rindo alvarmente, com palmadas retumbantes nas cochas flacidas. Com uma praga obscena ella voltou-lhes costas.

E não lhe saíu mais do espirito a imagem d'*elle,* que tantas vezes nos Bugalhos jogara com ella as escondidas em casa das tias Mellos. Seria possivel que aquelle gostasse d'ella a valer? Tinha fé que havia de voltar. Prometteu uma corôa á Senhora das Dôres e poz-lhe azeite novo.

.....

Mas elle não voltou. E um dia que aconteceu passar por

ella na rua do Ouro, baixou os olhos e seguiu, fingindo que a não conhecia.

Entretanto uns estudantes á porta do Aurea dirigiam-lhe uma graçola. Talvez que a Thomazinha nem os ouvisse. Levava os olhos grossos de lagrimas. Comprehenderia até que ponto fôra joguete da inconsciencia social, que agora lhe impunha uma barreira inflexivel, a separal-a do mundo dos affectos?

A PRIMEIRA INFANCIA DO ZIZI

Monsenhor chamara-lhe Luiz na pia baptismal. Mas elle a articular os primeiros sons, e logo toda a familia empenhada em que a si mesmo se chamasse Luizinho. Não podia comprazer. Apertado, construiu para seu uso o dissyllabo *Zizi*.

Foi uma commoção enorme. Logo todos á porfia—mamã, papá, avós, tias, primos — deram em chamar-lhe *Zizi*.

Tem hoje nove annos e continúa a ser unicamente — o Zizi. Sel-o-á talvez sempre. A vida tem d'estas crueldades.

Por emquanto a alcunha não lhe faz grande transtorno. Ha até n'ella certa symmetria com a vida que o menino leva a atulhar-se de doces, a disfructar os melhores bocados que vêm á mesa, a amuar por tudo e a dormir com a avó.

A criada veste-o, a avó ata-lhe os atacadores das botas. a mamã tem á sua conta o penteado e o laço da gravata, o papá parte-lhe a carne em pedacitos miudos por causa dos perigos da faca e da engasgação. Não lhe resta a elle senão fazer despropositos. Todas as cousas discretas em que poderia empregar a sua actividade nascente estão a cargo de outras pessoas.

...e já capitão...

E já se premedita e discute muito a serio o papel que elle virá a desempenhar na sociedade.

A mamã, muito pratica, opina por carreira de poucos estudos, que dê *resultado* sem grandes labutações de cabeça, sem canceiras. E tem lá para si. com segurança, que o commercio é. nem mais nem menos, isto.

A avó mira ao exercito. Guerras. tem visto passar annos e annos sem as haver. E tambem, havendo-as, nem todos lá vão. Sorte, como em tudo! O genro é militar, e já capitão. E, a respeito de batalhas? Nem por um oculo. Boa vida afinal! muito descanço, soldo certo, muita representação, e de responsabilidade nem raspa. Ella, D. Prudencia, sempre teve um medo horrendo a responsabilidades.

O capitão Marcial no que matuta é em remetter o pimpolho a Coimbra por causa da facundia. E mais tarde fazer-lhe tomar um valente mergulho de cabeça na politica. Pôr o seu rapaz a nadar com pulso rijo e matreiro nos canaes tur-

vos da politiquice alfacinha, é todo o seu fito e proposito. Este programma positivo tranquillisa-lhe por completo a consciencia paterna.

Porque o Zizi é centro de gravitação e eixo de mentali-

Indo com o Zizi, raro lhe diziam alguma cousa na rua. (Pag. 116

dade na casa, o assumpto discute-se com frequencia e calor. E o Zizi, quasi sempre presente, vae já entrevendo que difficil missão é a de formar um homem na preoccupação exclusiva da sua maior commodidade ociosa. Assim se vae iniciando na emaranhada rede da engrenagem social.

Mal sabe lêr; mas de entendimento não se mostra pêco.

A mamã, a pobre Maria Candida, toda se revolta á idéa de mandar o Zizi a um collegio. Bem sabe que um dia — dia fatal! — terá de ser... Mas, ao menos, adiar. Quanto mais

tarde, melhor. Agora até lhe parece uma profanação. O seu Zizi, o Zizisinho da sua alma, com aquellas maneiras tão finas! aquelle seu arzinho tão distincto! Nunca viu um collegio que não fosse um viveiro de lapuzes. De pequenino é que se torce o pepino.

E depois, tambem, a falta que elle lhe faria! O Marcial não a deixava sair só. Uma mania! E com o pequeno não se importava. O certo era que aquella creaturita lhe dava respeitabilidade. Indo com o Zizi, raro lhe diziam alguma cousa na rua. Ou veria e ouviria ella menos por ir entretida.

E elle tão bonitinho! As mulheres, sobretudo, reparam muito na longa cabelleira de caracoes louros que ella todas as noutes mette em papelotes.

Nas visitas, o Zizi patenteia juizo exemplar. Parece inteiramente compenetrado da dignidade do fatinho e gorro de velludo preto, e grande cabeção de renda branca. Lembra a miniatura de alguma figura palaciana em tempo remoto. A tudo sobresae aquella graça no agitar a bengalinha de castão prateado entre os deditos enluvados de branco. Um encanto de pequeno o seu filhinho!

A pobre Maria Candida chegou a pensar que não resistiria se lhe faltasse o gracioso companheiro das suas tardes. De manhã não lhe importava cedel-o ao sr. Polido, que vinha ensinar leitura e escripta, os rudimentos da grammatica, as capitaes da Europa e as quatro operações. A' noute consentia que a D. Prudencia se encarregasse do cathecismo, adormecendo quasi sempre em meio da pratica devota, emquanto o Zizi se divertia profanamente com a *Pluma,* a gata, meio cohibido, na idéa de estar commettendo um grande peccado de cumplicidade com a avó.

Pois tudo isso, vá! Agora de tarde, quer tel-o sempre comsigo, pelo menos até completar treze annos. Será então já um homemzino.

Que orgulho entrar com elle no *Rendez-vous des gourmets*, por volta das cinco horas, a comer pasteis! A's vezes vem-lhe certa pena de não ter antes uma filha. Reconhece que as filhas são muito mais para as mães.

...cedel-o ao sr. Polido... (Pag. 116)

O Zizi não parece nada pesaroso de não saltar, de não correr, de não se exercitar em jogos. O costume, no dizer dos doutos, é segunda natureza. Os folguedos infantis são para elle mero objecto de curiosidade passiva, como os espectaculos dominicaes do Real Colyseu, de que é frequentador.

Tem em casa, guardada na commoda da avó, uma bola que não atira por causa do conselheiro Azedo, que padece de dôres nos tornozelos, e tem com isso grandes impaciencias e particular implicação ao ruido.

O Zizi, um tanto indolente, vê estas cousas com bastante indifferença. Natureza ou habito, agrada-lhe muito não fazer nada.

Elle não tem a menor idéa de que um individuo são deva bastar-se a si mesmo. Quando elle quer beber agua, a mamã corre ao aparador, a avó á cozinha — o Zizi bebe sempre agua temperada por causa do perigo dos catarrhos a que

...gostava de ouvir o sr. Polido...

é atreito —, a creada traz o assucar, e o papá, se está em casa, conclue a operação limpando-lhe a bocca com o lenço.

E, apesar de tudo, a lição diaria do sr. Polido não lhe desagradava. Em quanto ia fazendo a calligraphia, gostava de ouvir o sr. Polido explicar-lhe a letra do traslado. Interessava-o aquillo por ser differente do mais.

A doutrina, por exemplo, aborrece-o mortalmente. Palavras que expelle sem entender. A avó não explica nada.

A's vezes com o mestre o que lhe succedia era perder o fio á idéa por outra que se intromettia. Occorria-lhe acaso alguma observação faceta, ouvida á mesa, referente ao casaco, ao chapéu, ao proprio nariz vermelho do sr. Polido. E alguma vez

Já hoje fez chorar a Maria do Céu. (Pag. 120)

se insinuaria no seu espirito esta duvida perturbadora: O sr. Polido seria pessoa para tomar-se a serio, ou de escarneo?

A questão dos traslados foi a ruina e o descredito do sr. Polido.

O primeiro, que o Zizi durante algum tempo copiou tres

vezes por dia, resava assim: «*Todos somos iguaes. O rico não vale mais que o pobre. A verdadeira distincção é a das virtudes e da bondade.*

O sr. Polido, com porfia admiravel, recommendava de cada vez os dois cc de *distincção*. — A mofina tendencia era sempre deixar um d'elles no tinteiro. — E, ao mesmo tempo, explicava e desenvolvia a idéa do thema: a theoria da igualdade humana, que banhava de uma doce luz irradiante as magras faces do sr. Polido e punha uma expressãosinha incredula e desdenhosa no rostinho massiço do Zizi.

O mestre alguma vez sentiria quiçá o culposo desejo de assentar-lhe um puxão de orelhas.

Um dia — dia 13, por signal e sexta-feira — o Zizi, no meio da exhortação moralista, parou de escrever. Depois, n'um gesto vivo, que levou um tremendo borrão irreverente á palavra *virtude*, saiu-se com esta: «Mas a mamã não me deixa chegar para os pequenos mal vestidos. Diz que têm piolhos.»

O sr. Polido sentiu-se varado. Recommendando ao Zizi que falasse baixo, porque era feio levantar a voz, fez varias considerações sobre o animalejo incriminado. E saiu logo, concluindo a lição, cabisbaixo.

No dia seguinte, novo traslado: «*Tratem-se os servos com doçura. Não temos o direito de maltratar as pessoas que nos prestam serviço.*» E explicou, commentou, desenvolveu.

Observação do Zizi: «Mas a mamã está sempre a ralhar... Já hoje fez chorar a Maria do Céu.»

— «Não, é que tambem ás vezes as criadas...» — E o sr. Polido atalhou-se, não achando conclusão idonea.

E no dia seguinte mudou o traslado: «*A mentira é uma feia acção. Deve sempre dizer-se a verdade.*»

O Zizi saltou logo: «A mamã é mentirosa. Sempre manda dizer ás visitas que não está em casa.»

Em casa continúa a discutir-se com afan e porfia... (Pag. 123)

Calafrio do sr. Polido que, muito carrancudo, ordenou silencio por causa dos grossos e finos.

Ao outro dia, novo traslado: «*Deve estar-se á mesa com decencia. A faca serve apenas para cortar. Os dedos conservam-se limpos e nunca se mettem no prato.*»

A principio o Zizi não repontou. Afinal, já cançado dos

commentarios do sr. Polido: «Ora! O papá sempre come com a faca e chupa a gallinha com os dedos.»

Tudo isto trazia o sr. Polido desgostado, apprehensivo. Adivinhava-lhe o coração cousa ruim. Levou uma noute inteira sem pregar olho, a cogitar n'um thema que não pudesse acarretar-lhe desgosto. Por fim, de madrugada, adormeceu tranquillo, satisfeito de si. Tinha arranjado cousa d'arromba.

— «*O trabalho nobilita o homem. Vale mais a mão callosa do operario, que a ociosa do fidalgo.*»

Como o Zizi não comprehendia as palavras, elle teve que explicar, que desenvolver. Mas fêl-o d'esta vez expeditamente, sem objecções do discipulo. E saíu n'aquelle dia himpando de contentamento e de importancia.

A' noute em casa recebeu aviso para suspender as lições do Zizi. Faltavam duas para acabar a duzia, mas davam-lhe claramente dispensa. Como recebia adiantado, competia-lhe ainda ficar agradecido.

Já decorreram tres semanas e o sr. Polido ainda não teve successor. O Zizi continúa em ferias emquanto — segundo a propria expressão materna — não apparecer *cousa* de confiança.

E todo este tempo a pobre Maria Candida não tem falado de mais nada ás amigas — O mestre, o sr. Polido, aquelle chóchina, tinha-lhe saído... nem podiam imaginar o quê!... um socialista chapado! — Gestos de horror das boas senhoras. Algumas persignam-se. — Fosse lá alguem fiar-se em apparencias! As caraminholas que lhe estava mettendo na cabeça á criança! Faziam lá idéa! O Zizi, então, mais ladino!... Tudo era já vir-lhe a ella com umas doutorices! umas perguntinhas de algibeira!... A's vezes, uma atrapalhação tamanha! E'

que ficava mesmo sem ter que lhe responder... Credo!... Tratara de cortar o mal pela raiz... Certas cousas só assim, energicamente. — E sempre remate final, com olhos cravados no tecto — Ai filhas, muito custa a educação dos filhos!

Em casa continúa a discutir-se com afan e porfia, se o menino deve encaminhar-se para os algarismos commerciaes, para os botões amarellos da farda, ou para as cavillosas manhas da politica.

Se qualquer circumstancia imprevista livrasse hoje o Zizi das apertadas contingencias da familia, talvez se pudesse ainda aproveitar um homem.

Mas ficavam ainda todos os outros Zizis, que ás tardes sobem a rua do Ouro, em direcção á Avenida, com muito proposito, vestidinhos de velludo, luvas e bengalinha!

O SONHO DA RAINHA

A rainha recolheu aos seus aposentos commovida, exhausta, feliz. Nada comparavel na sua vida ás alegrias d'esse esplendido dia de maio!

Eclipsara-se a regente. O coração da mãe transbordava de felicidade.

O menino, criado entre afagos e receios, é emfim rei.

Ella não tem a menor saudade da realeza. Com enlevo de artista revê-se na obra longamente trabalhada.

Risonha, commovida, entrega feliz o sceptro a essa gentil criança que se esmerou em formar segundo o seu ideal da perfeição.

E chegara emfim esse dia tão desejado e tão temido. E vertiginosamente passara.

E o palacio, ha pouco envolvido em ruidos de festa,

caira agora n'aquelle silencio que precede a madrugada, tão convidativo á meditação, quando não ao somno.

No seu leito tão brando a rainha volta a sentir, atte-

O menino, criado entre afagos e receios, é emfim rei. (Pag. 125)

nuadas, todas as commoções d'aquelle dia inolvidavel. Compraz-se sobretudo o seu espirito, entranhadamente devoto, em rememorar aquellas circumstancias em que associa a juvenil imagem do rei ao pensamento da divina bondade.

Aquelle precioso rosario de saphiras e rubis, tendo pendente um rico medalhão armorial — dadiva de Sua Santidade

...recebendo temeroso a primeira communhão... (Pag. 128)

ao real afilhado — é para a rainha especie de amuleto que afugenta temores ao novo reinado.

A *Rosa de Ouro* com que a brindou a ella o Summo Pontifice, e que ahi está corruscante junto ao leito, figura-se-lhe a irradiação synthetica e beatificada de todas as impressões d'aquelle dia memoravel.

Recorda, dolorida, o nascimento mesto d'essa criança já então orfanada, e a commoção que agitou o Paço, e logo a nação, quando a duqueza, senhora camareira-mór, pouco depois do meio-dia, communicou ao presidente do conselho —

casualmente o proprio que agora preside ao primeiro ministerio do rei novo — o nascimento de um varão.

Tremenda responsabilidade para os delicados hombros de uma mulher! Rememorava agora tudo n'um intimo estremecimento de grata devoção para o Altissimo.

Revia o seu filhinho, pequeno e franzino, nos primeiros passos de uma existencia periclitante e dubia: depois, aos dôze annos, recebendo temeroso a primeira communhão das mãos de um reverendo bispo, e logo, como transfigurado por esse acto pio, progredir maravilhosamente na saude e no entendimento, auxiliado pelas praticas da hygiene e pelos mestres de toda a especialidade.

Parecia-lhe agora sonho a formação repentina d'aquelle mocinho que, desde algumas horas, era *Sua Magestade*. N'um plano de vida regular e austero, concebera fazer d'elle um ser superior. Vira-o, enlevada, abranger os rudimentos da sciencia; manejar facilmente as linguas; cultivar as artes, na musica, na pintura e na photographia; folgar na gymnastica, na esgrima, na caça; crescer na devoção com que genuflectia, humilde e subjugado, ante ess'outro throno muito mais imponente e poderoso que o da sua ephemera realeza.

Finalmente amanhecera aquelle radioso dia de maio. Tudo ares de festa! E pelas ruas principaes da capital, guarnecidas de arcos, afestoadas de flores, por diante de janellas apinhadas, de onde pendiam vistosas colgaduras e antigos tapetes preciosos, por meio de uma multidão compacta e buliçosa, entre alas de tropa, ella passara emfim triumphalmente, sorrindo muito commovida ao povo, dizendo-lhe egoistamente em espirito: «— Ahi o tendes. Amae-o. Bem podeis dar-lhe um reinado feliz.»

...a mão estendida sobre os Santos Evangelhos... (Pag. 130)

E a massa popular, em bicos de pés, excitada, curiosa, sceptica, pasmava olhos avidos para a reluzente fila dos palafreneiros, arautos e reis de armas, que rompia a marcha do real cortejo, depois para os vinte e quatro coches, de uma riqueza phantastica, que conduziam a corte e os represen-

tantes das potencias estrangeiras, alvo de particular interesse pela variedade e brilho dos fardamentos e condecorações. E, por fim, o coche real, sumptuoso, puxado a oito esplendidos cavallos brancos.

Era então que nas fileiras do povo perpassava um fremito de curiosidade mais pittoresca. As mulheres, enternecidas, acenavam á rainha, extrahindo áquella scena de espectaculosa gala palaciana a sentimentalidade que ella devia conter na sua feição natural, humana.

A ovação officiosa, que, rompendo meticulosidades da praxe, recebera a comitiva real, ao entrar na sala do *Congreso,* fôra para o coração da rainha quasi uma provação dolorosa. E, a contemplal o de pé no throno, em attitude firme diante do sceptro e da corôa, a mão estendida sobre os Santos Evangelhos, que o secretario do *Congreso* lhe apresentava, jurando respeitar e fazer cumprir as leis do reino, uma sensação como de vertigem offuscou-lhe passageiramente a vista. Mas nenhum momento comparavel áquelle em que, n'um dulcissimo enlevo todo mystico, ella o viu entrar na cathedral, sob a envolvente solemnidade do pallio, entre alas rutilantes dos bispos paramentados, a prostrar-se com toda a poesia da juvenil devoção, ante o Monarcha Supremo, na enebriante atmosphera do grandioso Te-Deum incensado, entre as harmonias ineffaveis da musica magistral.

A rainha emfim descança após o longo anciar de dezeseis annos de duvida! O afan de assegurar a essa criança a estabilidade no throno fizera da sua viuvez um arquejo incessante.

Só hoje, repousando deleitosamente no leito, ella sente

...procura atirar para a carruagem real uma carta de amores. (Pag. 133)

emfim a tranquillidade baixar ao seu espirito. Tem a sensação desafogada do general que, após agitadas lucubrações estrategicas, viu o glorioso dia da victoria.

A convicção lisongeira de um espinhoso dever cumprido enlanguesce docemente os nervos da regente. Presa de um como poder magnetico, ella nem talvez aquilata o peso de esmagadora responsabilidade que transfere aos hombros de el-rei: encargo de governar uma nação outr'ora gloriosa e florescente, hoje retalhada e dorida. E nem sequer talvez presente a immensa vergonha de entregar-lhe o patrimonio de que foi guarda, consideravelmente reduzido e depreciado no conceito do mundo.

A rainha adormecera tranquilla com um doce sorriso nos labios. Instantes depois, agita-se em excitação febril.

O sonho, esse funccionar inconsciente do entendimento, tanta vez lisongeiro, tanta vez cruel, desenrola aos olhos da rainha, em proporções fantasticas, um unico facto episodico d'aquelle dia venturoso.

Em frente do palacio um pobre louco, inoffensivo, ingenuo e ardente, procura atirar para a carruagem real uma carta de amores.

No mesmo instante, um bando de alabardeiros e palafreneiros lança-se raivoso ao misero, que não oppõe resistencia. E, em quanto a poder de pranchadas e bastonadas, o sangue jorra da cabeça e rosto ao triste namorado, elle roga, com humildade e afinco, que lhe proporcionem defrontar-se com el-rei, ou, melhor ainda, com a dama dos seus pensamentos.

Este o quadro merencorio que o sonho de novo reproduz á imaginação da rainha.

A' mesma hora o preso está velando a noute no governo civil, com a desvairada cabeça apertada em ligaduras. E aos que lhe falam elle confessa ingenuamente não comprehender porque o trataram tão mal.

Comprehender! Como se pudesse uma pobre cabeça dementada abarcar a transcendencia de taes motivos!

São infinitamente pequenas e subtis as particulas d'essa atmosphera que se tem adensado em volta ao docel dos thronos, pondo frente a frente, ás vezes com mascara de cordialidade, a desconfiança e a ameaça.

TRES TYPOS HISTORICOS

Ao Barbichas

Pertencem á raça felina. Faço já honradamente a declaração no intuito de poupar a desenganos o leitor.

Ir á cata de intensas e emaranhadas psychologias e deparar com personagens de longa cauda, orelhas a pino e pello mais ou menos lustroso, deve ser um profundo desconsolo. Presumo.

Sei muito bem que a maior parte da gente, tanto na minha terra como n'esta em que agora vivo, considera materia despresivel a parte do reino animal que se convencionou chamar *irracional.*

Tenho conhecido portuguezes que não são d'este parecer. Por exemplo, o fallecido conselheiro José Silvestre Ribeiro, fundador da nossa Sociedade Protectora dos Animaes, a qual,

apertada no circulo dos seus fracos recursos, tem sido todavia, ha muitos annos, um dos mais constantes elementos de civilisação do povo de Lisboa e seus contornos. O sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, autor da obra monumental ***Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia,*** sobre ser um sabio e um benemerito, a quem a patria açoriana levantou em vida uma estatua, era ainda um convicto e caloroso defensor dos direitos dos animaes. E, com este exemplo, occorrem outros: o fallecido general Joaquim Carlos da Silva Heitor, o sr. Julio de Andrade, o sr. Alfredo Gallis, o sr. Luiz Leitão, a...

Mas estes são excepção; são os excentricos. A maioria conserva embotado o entendimento e frio o coração para um objecto que se lhe antolha de somenos importancia. E, não obstante, subsiste sempre esta verdade, palpavel desde que se deite um pé fóra dos Pyreneus:—O procedimento com os animaes é um dos traços que de relance nos pintam o grau de civilisação de um povo.

De Irun olhemos a um e outro lado. Além Waldeck Rousseau promulga uma lei que bane de todo o territorio francez as touradas que escalaram irreverentemente a barreira pyrenaica. Pela maior parte a imprensa applaude calorosamente.

Em Paris pratica-se um genero especial de protecção ás familias pobres que têm animaes. Sociedades de vigilancia fornecem mantas de abrigo aos cocheiros e carroceiros, para resguardar os cavallos durante as paragens; offerecem, para a extincção dos cães vadios, apparelhos cuja base é o chloroformio, evitando soffrimentos inuteis; empregam, em serviço

diurno e nocturno, automoveis para conducção dos animaes feridos ou doentes; promovem emfim aos animaes, sobretudo aos que trabalham, uma protecção effectiva, constante, segura.

Nos jardins publicos da capital franceza, os passaritos pousam tranquillamente na terra e participam, descuidados, do *lunch* das creanças. Ali o animal nunca é bravio, porque não tem de que o ser.

Em Madrid o acontecimento fundamental, culminante, agitador entre todos, é a tourada; sobretudo se n'ella houver duas ou tres *cogidas*. É para essa festa de barbarie que as mulheres se engalanam mais vistosamente de mantilha e flôres; que os homens juntam, com mais sacrificio aos seus habitos perdularios, as suas melhores economias. Por diante do *Retiro*, na *Calle de Alcalá*, os que não têm dinheiro para ir aos touros, juntam-se em filas compactas, que os guardas contêm a custo, para cravar olhos avidos, ciosos, nos bem-aventurados que voltam da praça.

Mas peor que tudo é a festa classica dos *pueblos*, na provincia hespanhola: *el toro*.

Este odioso espectaculo toca as raias do selvagismo sem vislumbre de arte que o resalve. Passam-se assim as cousas. — Vem qualquer dia santo de grande devoção. A povoação-sinha hespanhola prepara bailaricos e musicatas; e, se consegue reunir por subscripção cincoenta a sessenta duros, compra o bicho martyr, e gosa a folgança das folganças: *el toro*.

Fecham-se as aberturas á praça mais adequada do logarejo. As janellas das casas em volta servem de camarotes. Cae lá a povoação em peso, as proprias auctoridades, muita gente dos *pueblos* visinhos.

O misero animal é introduzido na praça. Então, no meio de gritaria demoniaca, os latagões mais forçosos da terra, absolutamente ignorantes da arte de tourear, saem a terreiro munidos de longuissimas varas com ponta de ferro, e bestialmente se divertem espicaçando a torto e a direito o touro, n'um desmando de barbaridades, em que por vezes entra a de lhe espetarem os olhos. Acaba a diversão quando o animal, exhausto já, não tem corpo para a chacina. No dia seguinte faz-se distribuição da carne. E aquella boa gente gosa ainda do prazer de devorar bifes de touro em logar do diario *cocido* de cabra. Se occorre passar ali, no dia de *el toro*, um d'esses bandos de toureiros famintos, de quarta ou quinta fila, que percorrem sempre a provincia hespanhola, os da terra recebem-no de mau cariz, alguma vez *á palos*.

— «*Compraram o touro para divertir-se*» — berram, convencidos do seu direito — «*não para que se divirtam os toureiros.*» E a auctoridade, que tambem tem parte na subscripção e na respectiva distribuição de bifes, reconhece tacitamente aquella theoria.

Mas que admira isto afinal, n'um povo que tem ainda os combates de feras e os combates de gallos?

Nunca em Madrid, no Retiro ou no frondoso parque da Moncloa, os passaros se approximam ou consentem que d'elles nos approximemos. Porque? Basta a explicação inserta n'um artigo do vigoroso periodista sr. Eusebio Blasco no *El Liberal*. Madrid devora avidamente passaros fritos. Por todos os arredores da bella capital, nas provincias em que ha arvoredo, sobretudo na Estremadura, apanham-se quantos passaros se podem apanhar para satisfazer o guloso appetite dos madrilenos. Affirma o sr. Eusebio Blasco que só um industrial, cuja

casa faz esquina entre as *calles del Principe* e *del Prado*, consome durante o anno trinta mil duzias. Lembrando a ternura, até veneração, de outros povos pelos passaros que tantos beneficios prestam ao reino vegetal, commenta o sr. Blasco:

...recebem-no de mau cariz, alguma vez *á palos*. (Pag. 138)

«*Nuestra raza es feroz, por lo mismo que es en su mayoria ignorante.*»

Mas onde me ficaram os *tres typos historicos?* O leitor se, como eu, se interessa por estudos biologicos feitos *in anima vili*, bem me póde perdoar a divagação que não foi voluntaria. Eu estou até n'um d'estes momentos de misanthropia em que nos comprazemos mais de tratar com brutos do que com homens. E aproveito a disposição para estabelecer um corollario, que passo a demonstrar com factos authenticos, ligados

a tres affectos que deixei em Portugal: «Os animaes têm tambem as suas idiosyncrasias; e o meio actua n'elles, material e sentimentalmente, como no seu vulgar tyranno, o homem.»

Rosa Bonheur, na sua intimidade com as selvas, devia ter auscultado muito d'isto.

Henriette Rouner, a celebre pintora allemã, que surprehendeu o *gato* em todos os seus flexuosos requebros e posturas, criando esses reputados quadros que deixou por Dusseldorf, Paris, Hollanda e Bruxellas, através da sua nobre e laboriosa vida entre o pae cego e o marido incapacitado por doença, daria sem duvida algum valor ao esboço de *psychologia felina* que vou pedir ás minhas remeniscencias patrioticas.

. . . . . .

O *Macaco* era um maltez, assim chamado, creio, pela côr do pello, bastante comparavel á de um simio. Quando veiu para a casa da rua dos Prazeres, já trazia o nome. Puzeralh'o o dono, o sabio dr. J. J. Rodrigues, na gaveta de cuja secretaria, sempre aberta, elle ronronara durante annos, emquanto o outro profundava os complicados segredos da chimica.

Ao partir para o Brazil, o doutor deixou aquella prenda ás senhoras da rua dos Prazeres.

Nunca se chegou a averiguar ao certo se, de convivencia tão intellectual e culta, derivara para o *Macaco* aquella serie de qualidades e tendencias que formavam marcadamente a sua maneira de ser, e que eu nunca observei com tal relevo em nenhum quadrupede da sua nem de outra especie.

Elle reunia todos os atributos da educação refinada que compõem o delicado e o egoista. Tinha todas as distincções

pessoaes — releve-se o adjectivo — até a dignidade da indumentaria. O seu trage era todo rigorosamente de uma só côr — cinzento azulado. O pello, de um assetinado oriental, devia o seu meticuloso aceio á mais rosada e mais activa das linguas.

...na gaveta de cuja secretaria... (Pag. 140)

Esguio, flexivel, possuindo no mais alto grau a elegante sinuosidade da sua raça, podia classificar-se o typo genuino da aristocracia felina. Muito grave, nunca aggrediu nem arranhou; como tambem nunca lambeu nem afagou. Conscio de incontestada superioridade, deixava-se querer com certo desdem tranquillo. Não mudava de lugar, ainda que o enxotassem. Estava certo de que isso não lhe acarretaria desgosto.

Nunca em dias de sua vida acudiu ao chamado de ninguem.

— «Macaco, Macaco! Bsch, bsch, bsch!» Escusavam de

se cançar. De sobre a almofada predilecta, elle olhava um momento entre somnolento e matreiro; depois, accentuando bem o seu desprezo, passava o braço sobre o focinho e, como quem diz «Espera, que já vae!», enroscava-se mais nas profundezas do sonho que ás vezes o agitava nervosamente. Comia pouco, sempre com escrupulosa limpeza. Havia pratos da sua predilecção: bacalhau guisado com batatas, coelho de qualquer modo, salmão, peixe de escabeche, pão de ló, carne crua... Mas tudo havia de vir em prato meticulosamente limpo. Senão, regeitava. Bebia agua na sala, n'uma taça de porcelana fina. Quando tinha sede, saltava á mesa. Se na taça não havia agua, esperava sentado. E, ao passar qualquer das senhoras ou alguma criada, miava uma reclamação. Esperava pacientemente até que o servissem. Queria sair da sala? Espreguiçava porta acima o seu vulto esguio, pedindo que abrissem. Satisfeito o desejo, articulava um mio, repenicado, manso e tremulo que, na pragmatica felina a que elle tinha ascendido, devia querer dizer: «Ora muito obrigado!» — Para entrar, uma voz um tanto parecida a esta, que as senhoras traduziam assim: «Se me fizessem o grandissimo obsequio de abrir...»

Nos mios do *Macaco* havia, sem a menor duvida, graduação intencional. Aquillo não era bem palavra; mas tinha claramente sentido. A's vezes, ao encontrar-se só no pavimento inferior — a companhia dos criados nunca para elle foi companhia — saía á escada e dava dois ou tres miaus, estridentes, alterados, de violento mau humor. Isto queria dizer: «Então, que é lá isso? Hoje não se pensa em vir cá para baixo?!»

O quintal constantemente invadido por uma verdadeira cafila de gatos errantes, vadios. O *Macaco* sentia por aquella

chusma, por essa infima canalha, um despreso aristocratico. E tinha-lhe tambem um medo horrendo. Se algum mais atre-

As senhoras, espavoridas, acorriam...

vido se mettia com elle, ou até se entre uns e outros se armava arreganhada sarrafusca, logo esturgiam os ares uns miaus de desesperada afflicção e supplica que claramente significavam: «Acudam, acudam, amigas. Ai! que esta quadrilha dá cabo de mim.» As senhoras, espavoridas, acorriam, os

meliantes punham-se em fuga cada um por seu lado, e o bom do *Macaco* voltava á posse serena dos seus territorios, onde rumorejavam arvores que elle trepava com uma ligeireza e elegancia nunca vistas.

Um dia — infelizmente não recordo a data — as senhoras começaram a notar um facto estranho. D'entre a caterva felina, o *Macaco* distinguia complacentemente um individuo. Via-o com bons olhos; não levava a mal partilhar com elle a soalheira do terraço junto á casa; e começara a inicial-o na arte de trepar ás arvores em que tão eximio era.

O outro um pobresito, magro e humilde, com o dorso preto e o peito branco, sempre muito sujo, que as fomes padecidas tiravam-lhe completamente o gosto pelos cuidados da limpeza...

Na barba tinha uma grande malha preta, signal que o differençava de outros brancos e pretos, talvez seus primos, que vadiavam por ali. Por isto as senhoras deixaram em breve de chamar-lhe *o amigo do Macaco,* passando a denominal-o mais subjectivamente *o Barbichas.*

Pois certa manhã um acontecimento insolito elevou de repente o *Barbichas* a uma situação a que decerto elle, na sua sympathica modestia, nunca tinha aspirado.

Um dos gatos pretos e brancos, appareceu no quintal em situação tetrica, dando uns mios debeis, abafados. Sacudia desesperadamente uma caixa cilindrica de lata, onde conseguira introduzir a cabeça e que o tinha filado pelo gasnête como garra inflexivel. O supplicio durára muitas horas. Um criado confessava ter visto na vespera, ao deitar-se, um gato que fazia identicos movimentos. Pelo escuro da noute, não pudera distinguir de que se tratava.

Simples episodio do negro drama da fome! Seduzira o pobre *Barbichas* o cheiro tentador de uma lata esvasiada de salmão inglez. Com esforço famelico, conseguira metter a cabeça, procurando attingir o fundo. Supplicio de Tantalo requintado!...

Muito difficil livrar a cabeça do *Barbichas* d'aquelle in-

...conseguira metter a cabeça...

commodo appendice! O pescôço ficou-lhe muito mal tratado, correndo o operador grave risco de arranhões profundos.

Não conservo na memoria se o *Macaco,* em tão commovente lance, patenteou algum interesse amistoso. As senhoras, essas sim. Desde aquella hora, resolveram dar perpetuo almoço e jantar ao *Barbichas,* se conseguissem domestical-o.

Não foi ardua a empreza. Ao primeiro aceno acolhedor, elle parecia sempre dizer: «Por isso estou eu morrendo!» Nunca deixou de acudir promptamente ao chamado.

Assim, decorrido pouco tempo, o *Barbichas* era reconhecido *habitué* do terraço, com a sua idiosyncrasia declarada,

os seus costumes estabelecidos, a sua maneira de ser marcada e regular.

Vulgarote, sem sombra da distincção aristocratica do *Macaco,* elle possuia comtudo soberanamente aquelle attributo que os hespanhoes chamam *don de gentes,* animo espontaneamente sociavel que attrahe de improviso sympathias.

Vivia no terraço brincando doidamente com o *Macaco,* que, nem no calor da folgança, perdia a sua linha de *grand-seigneur.* Lembrava o menino fidalgo, com ares de superioridade imperativa, diante do filho do serviçal que veiu ao palacio divertil-o.

Circumstancia cada dia mais notoria era a amabilidade e meiguice do *Barbichas,* em flagrante contraste com o preciosismo requintado e a indolente indifferença do *Macaco.*

Era sentir as senhoras no terraço, e o *Barbichas* logo a seus pés, dando voltas e cabriolas, como a dizer: «Acreditem, excellentissimas amigas; eu sou o bichano mais agradecido que o sol alumia.» Por isso tambem as refeições, preparadas geralmente á mesa, no fim do almoço e jantar, foram rapidamente melhorando de condições.

Servil-o era simples. Bastava tamborilar um momento na porta de vidraça. Apparecia logo, correndo. E patenteava o impaciente appetite em curvetas e tregeitos á volta do prato oloroso. O que esperava o *Barbichas? A festa.* Esperava que lhe passassem a mão uma ou duas vezes pelo dorso com carinho. Cumprida esta praxe, atirava-se a comer gulosamente com muito mais goso e muita menos correcção do que o impeccavel *Macaco.*

Terminada a refeição, lambido e relambido o prato se o *menu* era de preferencia, mandavam-lhe que saisse e obedecia

immediatamente, sem protesto. Certos habitos derivados da vida nomada tornavam perigosa a sua permanencia em casa. Nem elle, selvagem, appetecia tal. *Comida feita companhia desfeita* era preceito que elle assimilava perfeitamente.

Mandou-se-lhe fazer uma casita de madeira...

Entrado o inverno as senhoras começaram a sentir magoa de que o protegido soffresse as inclementes noutes de tempestade pelos quintaes e telhados. Mandou-se-lhe fazer uma casita de madeira com chão fôfo de boa palha. O *Barbichas* comprehendeu logo que aquella dependencia era destinada ao seu uso e conforto particular. Em casa era geral a crença de que elle nunca mais apanharia chuva. Fez-se varias vezes a experiencia. Caia inclemente aguaceiro? As senhoras tamborilavam na porta de vidraça. O focinho rosado do *Bar-*

bichas apontava instantaneamente á porta da guarita, querendo sem duvida dizer: «Sim senhor, cá estou. Até logo.»

Manco em civilisação, ao principio arranhava sem querer. Em poucas lições, com meia duzia de piparotes, aprendeu a encolher as unhas fazendo patas de velludo.

Quando se apanhou gordo, roliço, forte, ataviado com as colleiras usadas do *Macaco,* resolveu lá de si para comsigo limpar o terraço da gataria intrusa. Era ver assomar algum. Logo uma carreira implacavel contra o atrevido. «Eh! Fóra! Fóra!»

Mas através da sua prosperidade as qualidades subjectivas resaltavam sempre: intelligencia viva, doçura inalteravel, lambarice fervente, assignalada indifferença pelo aceio.

Descobriu-se-lhe um dia um amigo plebeu. Preto, escanzelado, esqualido, a trocar as pernas de fraqueza, olhos verdes muito desbotados, muito tristes. O *Barbichas* nunca enxotava este figurão. Consentia-lhe até que se abrigasse da chuva entre os ramos verdes que forravam as paredes do terraço.

As senhoras entraram a chamar-lhe *O Pedro Caruso,* não sei de que miserando personagem do repertorio de Novelli.

Um dia *Pedro Caruso,* do meio da sua apathica tristeza, emergiu para a pratica de um acto que o recommendou definitivamente ao carinho da casa.

Depois de refeição opipara, devorada com delicias do grande glotão que era, o *Barbichas* saía ao terraço esperguiçando-se. Vae-lhe ao encontro o amigo *Caruso,* ventas proeminentes, pescoço esqueletico muito estendido. E triste, paciente, resignado, emprehende lamber com methodo e deleite

o focinho do *Barbichas* onde luziam olorosos vestigios do banquete.

Com isto foi que o *Pedro Caruso* ganhou o almoço e jantar para a vida. O caso enternecera a familia e não era para menos. O pathetico attingindo proporções descommunaes.

...emprehende lamber com methodo e deleite o focinho... (Pag. 148)

Pobre *Caruso!* As fomes e a desgraça teimosa já o tinham inutilisado para a alegria, para o delicado paladar da vida gostosa. Comia pouco e bebia grandes quantidades de agua. O seu maior regalo era levar horas estatelado no terraço. Nunca trepou a uma arvore nem comprehendeu o prazer da brincadeira. Chronicamente assustado; chronicamente desconfiado; nem parecia acreditar na felicidade.

Não chegou a entabolar relações com o *Macaco,* que nunca mostrou sequer dar por elle. Se o *Barbichas,* ao passar,

matreiro, lhe dava uma sapatada, elle tomava aquillo muito a mal. Era logo, todo assanhado: «Pfe!»

E assim, durante annos, viveram lado a lado estas tres creaturas felinas, seguindo cada uma seu destino, revelando qualidades proprias. attestando a profunda influencia dos meios.

Já não são d'este mundo nem o *Pedro Caruso* nem o *Macaco*.

O primeiro faltou um dia no terraço e nunca mais voltou. A morte, coherente, fôra talvez colhel-o no abandono de algum telhado ou quintal estranho.

D'ahi em diante houve sempre muita agua no alguidar. Já lá não estava aquella enorme sede a baixar-lhe promptamente o nivel. O facto não tinha importancia, mas não deixava esquecer o infeliz *Caruso*.

Depois de uma semana de fastio absoluto, passada tranquillamente n'uma almofada, sempre distincto e aceado, sem se queixar, sem incommodar ninguem, sem desmentir nunca a sua personalidade esthetica, o *Macaco* rendeu tambem... exhalou o ultimo suspiro na sua casa da rua dos Prazeres. As senhoras tinham saido. Ao voltar a casa aquella que elle preferia, foi direita á almofada do doente. Elle então, fitando na boa amiga, demoradamente, os olhos languidos, deixou pender a cabeça para sempre. Jaz sepultado á sombra da nespreira que tantas vezes trepou na graça inolvidavel da sua flexuosa carreira.

Apenas sobrevive hoje o *Barbichas*. E' um roliço exemplar da raça, feliz, vulgarote, muito meigo, muito lambão apezar da abundancia que o cerca, muito Sancho Pança, co-

ração firme e leal, com as suas relações completamente cortadas com os felinos desde a perda dos extinctos amigos *Macaco e Pedro Caruso.*

A vida dos animaes, bem observada de perto, impressiona sobretudo — pois não é verdade senhores philosophos? — pela estreita analogia que tem com a vida humana.

ARTIGO DE SENSAÇÃO

Frio de rachar. Nortada cortante entremeada de rijas bategas. Até os pobres que não têm albergue se somem, em noutes assim, ninguem sabe por onde.

Na redacção differença thermometrica de muitos graus. Lá dentro uma atmosphera espessa, com mistura de fumo, poeira e acido carbonico, offerece aos redactores relativo e saboreado conforto.

No gabinete do director, tão animado quasi sempre de vozes e de gargalhada, reina agora silencio completo. Nove badaladas lentas em S. Roque.

— «Co'a breca!» — berrou, com um murro na secretaria, o director — «Muito tarda hoje aquelle Cabral!» — e mettia os dedos pelo cabello riçado, ancioso de ideas, de inspiração.

O Mello, do seu logar, olhou-o com placidez um momento. E, sem articular palavra, voltou logo á faina de corrigir granéis que lhe empilhavam a mesa.

Dois bons typos o director e o revedor de provas.

A importancia ostensiva do Miranda evidenciara-se desde menino. Mas subira de ponto, notavelmente, desde que elle *emprehendera* o jornal, com auxilio de um compadre rico que punha o dinheiro na espectativa de que elle puzesse o talento.

Aquillo de ter uma folha, onde verdascar á vontade a patifaria social, era um regalo que trouxera muita seiva tonificante ao seu estro. Agora ao menos o jornal era seu, a critica era livremente sua; a voz activa ali era a sua. Uma ambição largos annos afogada.

Alto, ossudo, côr de grêda; bota afiambrada, risca muito firme nas pernas das calças, gravata flammejante, collarinho descommunal e alvissimo, chapeu do ultimo figurino, luvas amarellas quasi sempre com pospontos, lenço perfumado, charuto grosso, annel de brilhante como uma ervilha, monoculo buliçoso, unhas apuradas, dentes muito sujos, tal o Miranda.

E' casado com uma esguia de olhos piscos e *lorgnon*, muito dada a pelles e pospontos de torçal de cores, invadida chronicamente da mania de nobreza, que ás tardes, do lado oriental da Avenida, passeia dois meninos anemicos e arregimentados, vestidos de velludo e luvas brancas.

O Mello é a antithese formal de tudo isto. Os collegas classificaram-no de *pobre diabo* e não o tomam a serio. Forjaram-lhe uma alcunha, *o Escolho,* alvejando o que elles chamam — o seu implacavel espirito de contradicção.

Tem sessenta annos e é solteiro. Sustenta uma carga de familia pobre que se lhe aninhou em casa: mana viuva e uma

Alto, ossudo... (Pag. 154)

quadriga de sobrinhas puxando um impetuoso carro de exigencias, todas tendentes á acquisição de quatro maridos que as quatro, de commum acordo, procuram com a mesma avidez de dignidade matrimonial.

Excentrico de marca — eis a cotação mais alta que desfructa o Mello na redacção. Mas nem por isso deixa de ser ali pedra angular. Elle tem duas paixões: a nitidez da impresão e a grammatica. Quando endireita os oculos não ha gralha nem barbarismo que lhe escape.

O seu serviço é impagavel. Leva os serões de penna em riste, corrige e mais corrige, diante dos graneis e provas de pagina. Todo o que esbarrou n'um problema ignorado de grammatica sem bater áquella mesa. Sem elle, etymologia e sintaxe andariam por ahi em farrapos. Ninguem sabe palavra de taes velharias.

De inverno havia tres cousas que elle não largava ainda que o sol dardejasse: o varino, o cachené, e o guarda-chuva.

Não fumava e tinha ideaes republicanos, que largo em largo explodiam por entre a atmosphera incolor, accommodaticia da redacção, como um foguete em meio de grossa nevada. Tinha um estribilho: *Que burros!* Entrara-lhe aquillo com applical-o á barbaridade dos typographos quando revia os graneis. E logo insensivelmente deslisára a distribuil-o com largueza a toda a gente.

As suas botas eram phenomenaes, cheias de protuberancias, com relevo orographico. Corria como certo que a mão agradecida de D. Felisberta, a mana viuva, lhe traçava nas calças intrincada geographia de remendos e passagens. Nunca chegou a averiguar-se. Obstavam duas porfias inquebrantaveis: a do gabão no inverno e a do guarda-pó de verão.

O Miranda ergueu-se de um jacto, mordeu o charuto, accendeu-o impetuosamente no bico do gaz, e mediu o *quarto* a passos nervosos. Ao mesmo tempo engalfinhava os magros dedos pela crespa cabelleira que lhe resguardava o talento.

O Mello olhou um momento e voltou placidamente aos raneis. O outro sorriu sarcastico, mal humorado.

...o varino, o cachené, e o guarda-chuva. (Pag. 156

— «A paz de espirito é que eu lhe invejo, ó Mello! Nunca o senhor foi homem que, um dia por acaso, nos trouxesse aqui uma noticia boa, uma noticia de sensação! Já é! Vê a gente em apertos e nada!»

O Mello, com o seu usual *Que burros!* marcou signal de abrir paragrapho; o a seguir resmoneou entre dentes: «Eu para esses biscates não sirvo.»

— «Pois!... Fossemos todos a dizer o mesmo!... As assignaturas não sobem... E o facto é que o jornal tem decaido... Levamos semanas inteiras sem um artigo que se diga verdadeiramente de sensação! Tudo agua chilra!... Tambem ha que tempos não apparece um crimesito de geito!... Já me lembrou metter uns artiguitos de modas com figurinos... Você que diz, ó Mello?»

Estrondeou a grande tosse do Cabral, a interromper-lhe a musica predilecta, o hymno da Carta, que elle vinha assobiando entrecortadamente.

— «Homem, até que emfim!» — bradou-lhe o Miranda regosijado: «Trazes material para a loja?... Tu ao menos, melhor ou peor, é raro o dia...»

O Cabral tinha atirado comsigo para uma cadeira, estafado. Andava sempre a correr para certificar-se de não ter lesão no coração. Finava-se com medo de doenças.

Apalpando solemnemente uma das algibeiras, annunciou satisfeito: «Trago canella fina, ó menino.»

Em quanto elle remexe e rebusca papelitos de que anda sempre atulhado, dêmos uma vista de olhos ao Cabral.

Baixo, gordanchudo, vermelhaço. Chapeu molle que o sebo endureceu um tanto. Calça descaida, de proeminentes joelheiras. Olhos injectados. Joanetes salientes. Cabello desvairado. Gravata escoceza. Bengalão de canna. E' evidente que nunca tomou banho. A sua passagem traz uma vaga reminiscencia de queijo Roquefort. Na bocca sempre uma cousa: palito ou cigarro. Despede profusão de gafanhotos quando

«Trago canella fina, ó menino!» (Pag. 158)

...para a esquadra, nos braços de um moço. (Pag. 163)

fala. Usa muitos vocativos: «O' menino! O' homem! O' coiso! O' grande besta! O' minha flor!» — consoante a intimidade e o estado de alma.

Vive n'uma casa de hospedes. Não quer pensões. Fuma cigarro como um desalmado e a tosse não o larga. Busca sempre a proximidade do escarrador, adminiculo indispensa-

vel ao seu bem-estar. Sobre a mesa de trabalho ha de ter por força o almanach commercial, a folhinha do anno corrente e uma botija de genebra.

— «Pois isto é do fino... Não adivinhas, ó coiso?» — e o Cabral escolhia, procurava, não logrando sair a contento da confusão das suas notas.

— «Sei cá!... Roubo de pôlpa?» — e o Miranda escancarava olhos cobiçosos.

— «Upa! Upa! Muito melhor... Tens para dois ou tres dias pelo menos» — e, elevando emphaticamente a voz: — «Duplo crime de filicidio... Criminosa de vinte annos... Hoje não se apurou grande cousa... Mas amanhã, entre diligencias policiaes e o mais que se apanhar por fóra, dá-te pelo menos pagina e meia.»

— «Bem. Desembucha, que se faz tarde.» — e o Miranda foi sentar-se á secretaria, estendendo machinalmente para o tinteiro os dedos onde tremeluzia o brilhante do tamanho de uma ervilha.

Como o outro continuasse a complicada rebusca entre papelinhos miudos que eram o seu systema e o seu desespero quotidiano, elle, para ganhar tempo, escreveu, com letra garrafal, no alto do seu linguado — tinha sempre predisposta, á mão, uma rima de linguados — ***Mãe Desnaturada,*** e ficou por distracção, a accentuar muito os grossos nas duas palavras.

— «Cá está» — e o Cabral leu, depois de ter tossido e escarrado ponderosamente: «Maria do Rosario Caramujo, filha de Romana da Encarnação e de Aparicio Caramujo, apontador da via ferrea na linha de Oeste, solteira, criada de servir, de 20 annos... Foi presa á chegada do comboio de Al-

farellos e conduzida á esquadra da rua de Santo Antão onde ficou incommunicavel!...»

— «Bem, homem... Mas o crime, o crime» — pediu, impacientado, o Miranda, que já molhara tres vezes a penna e não passara de pintar e repintar as duas palavras *Mãe Desnaturada*, que já via dançar, como diabinhos, sobre o papel pautado.

— «Já lá vamos, ó filho» — e o Cabral deitava o gadanho a outro papelito, mais pequeno que o primeiro e muito mais sujo. Leu mentalmente e narrou depois em voz alta: — Filaram a rapariga por ter havido denuncia de que pretendia matar um filho que trazia n'uma canastra. Parece que eram dois gemeos, e que o outro já foi pelo mesmo caminho. Um cumulo de malvadez! Se vissem como a cabra chorava no caminho para a esquadra! Tudo umas embusteiras!» — e o Cabral foi largar os apontamentos na mesa do director.

— «Você viu-a?» — perguntou o Mello, levantando os oculos para o alto da cabeça.

— «Bem boa por signal! Uns olhos pestanudos!» — e o Cabral formava um circulo com os dedos da mão direita unindo o pollegar ao indicador — «Assim!»

— «E a criança?»

— «Lá ia tambem de charola para a esquadra, nos braços de um moço. Berrava como um porco atado pelo pé. Uma inferneira!»

— «Pobre creaturita!»

— «Bem.» — concluiu o Miranda, muito pratico — «Deixemo-nos de sentimentalismos, senão não se faz nada. A final, em resumo, o que apuraste tu de positivo?» — e percorria, de olho despresador os apontamentos do Cabral.

— «O' menino... Positivo, positivo, não temos ainda nada, mas...»

— «Então bolas! Muito obrigado!... E vinhas tu com esses espalhafatos!... A final, o importante: A mulher matou ou não matou?»

— «E' quasi certo que matou o outro e quiz matar este... Ainda te parece pouco? Com a tua facilidade tens mais do que assumpto para um artigo de sensação. Pudesse eu!... Tu, em todo o caso dás a noticia. Que te importa? Se não é certo, amanhã rectifica-se... Ainda aqui tenho outras coisitas para noticias miudas que te vou deixar. Tenho que ir *á Aguia d'Ouro.*»

— «Entrevista?... O' diabo, espera.»

— «Volto mais tarde.»

— «Com mil bombas, espera... Isto faz-se aqui n'um rufo.»

O Cabral encolheu os hombros. Resignadamente, foi-se á botija, saboreou um copito de genebra e terminou a operação com um eloquente estalo de lingua. Depois poz-se a refundear uma gaveta cheia de papeluchos revoltos.

O Miranda era todo concentração, anediando a gaforina. Tomando atitude resoluta, molhou a penna outra vez e começou, lendo alto: *Mãe desnaturada.* «Ponho-lhe subtitulo *Filicidio e tentativa,* hein?»

— «Vae bem» — applaudiu o Cabral, sempre a revolver, preoccupado, os papeis da gaveta — «Typo um pouco mais pequeno... Vae bem, vae.»

O Miranda, electrisado, ia escrevendo e lendo alto, com inflexão theatral. Deliciava-se na harmonia dos periodos. — «*O caso que narramos hoje é d'aquelles que arrancam brados*

de indignação, apesar de serem frequentes por culposa benevolencia dos tribunaes...»

«A Maria do Rosario foi filada ao chegar o comboio. (Pag. 166)

— «O preambulo está philosophico...» — apreciou o Cabral preparando um cigarro.

— «Cala-te agora» — supplicou febril o Miranda. E proseguiu: *«Faltam por em quanto dados seguros para uma accusação positiva, mas tudo leva a crer que estamos diante de uma verdadeira fera; triste aberração da natureza, não pensando*

mais que em destruir os seus proprios filhos. O caso é para causar sensação...»

— «*O caso é para causar,* a modo que não sôa lá muito bem, ó coiso» — intercalou o Cabral, accendendo o cigarro no bico do gaz.

— «Tens razão. Põe-se *noticia* — *A noticia é para causar sensação e provocar justa indignação.*»

— «Agora verso» — grunhiu, mal humorado, o Mello.

— «Hein?» — echoou o Miranda, sempre nervoso com as interrupções.

— «Cá falo.» — e o Mello continuou corrigindo os graneis com tanta força que rompia o papel.

— «Como preambulo já basta... Agora copio os apontamentos só com uma ou outra palavra mais viva para dar realce... para dar a côr» — e o Miranda ia escrevinhando sempre, tendo na mão esquerda a tirita de papel com letra microscopica e esgarafunhada fornecida pelo Cabral. — «Só os nomes da familia enchem tres linhas. Uma mina! Elle o appelido que diabo é? Estás cada vez com peor letra! um escandalo!»

— «*Caramujo,* ó filho» — explicou o Cabral sem se melindrar com a franqueza.

— «Pois para caramujo saiu menos mal da casca a tal menina!» — e a mão sempre escrevinhando febrilmente: «Tu disseste que a rapariga chorava, não?»

— «Uma Magdalena! Na intrujice são todas o mesmo.»

O Miranda continuou na mesma tessitura: «*A Maria do Rosario foi filada ao chegar o comboio. Chorava no caminho para a esquadra a infamissima creatura, talvez pesarosa de não haver realisado o seu feroz intento.*»

— «Isso, isso» — reforçou o Cabral, rindo cinicamente.

— «E' atiçar-lhe. Aproveita, menino, aproveita. O *Zé* d'isso é que gosta. E um thema d'estes não vem cá todos os dias.»

O Miranda seguiu sem vacillar, olho no linguado, olho na inscripção geroglyphica do Cabral — *E' alta, bem parecida.*

— «Levas isto para compor já» — (Pag. 168)

Veste saia azul, chale claro, lenço branco de malha na cabeça. Daremos, logo que a obtivermos, a photographia da criminosa. Comprehendemos a anciedade do publico por todos os pormenores do monstruoso drama. Foram apprehendidas cartas que se julga lançarão muita luz sobre o assumpto. Parece fóra de duvida que estamos em presença de um crime dos mais extraordinarios e revoltantes, que nos revela a autora como o maior dos monstros. A justiça que cumpra o seu dever, desafrontando

a sociedade, ultrajada nos seus mais lidimos sentimentos.» Que tal?

— «O' aquelle, isso está primoroso!» — elogiou, sincero, o Cabral — «Tu tens a bossa do jornalismo... Lá isso não se te pode negar.»

— «Sempre tive vocação, isso tive...» — e o Miranda, compenetrado, esfregava as mãos que a nervosidade periodistica arrefecera.

Entrou, pedindo licença, com voz sumida, um rapazote de seus quinze annos, com mais graneis para o Mello. Impressionante cara! muito chupadinho de fome, de insomnia, talvez já do vicio.

— «Levas isto para compor já» — intimou o director, estendendo-lhe o artigo sem o reler. — «Que tomem cuidado nos typos que vão marcados. Primeira pagina. No alto. Entendeste?»

— «Sim senhor.»

O pequeno ao sair cruzou-se com o Lucio Mascarenhas.

— «Boas noutes, meus senhores. Aqui, sim; aqui pode-se estar. Não entra cá o frio.»

— «Adeus, Lucio!»

— «Adeus, ó menino!»

— «Viva!»

— «Trazes alguma cousa para o jornal? Noticiasinha de sensação, hein?»

— «Qual!... Julguei, julguei... A final dois caracoes! Um supposto filicidio!... Só as voltas que eu dei por causa d'essa porcaria!... Tinha-me cheirado a cousa gorda... Interessava-me...»

— «O caso da rapariga de Alfarellos?» — perguntou o

...e o Cabral infundiu mais um copito de genebra. (Pag. 170)

Cabral, escarvando um ouvido com o dedo minimo, e arreganhando os olhos de espanto.

— «Sim, esse. Espremido o limão não deitou summo.»

— «O' aquelle, essa agora é de cabo de esquadra! Uma panthera que matou um filho e quiz matar outro! Ainda mais summo!»

— «Mas se está provado que a mulherzinha não matou nem quiz matar cousa nenhuma!... Venho agora mesmo da esquadra. Afinal resume-se tudo n'isto. A rapariga saiu ha mezes da casa onde estava a servir e foi para a dos seus paes onde teve duas crianças. Seccou-se-lhe o leite. Veiu a Lisboa e largou n'uma escada um dos filhos que foi recolhido na Misericordia. Como a miseria acho que era muita, vinha agora ver se fazia o mesmo ao outro. Ora a mulher póde ser, e é naturalmente, uma desavergonhada, mas isto tudo, tomado como materia jornalistica, como materia sensacional, é uma desgraça; não presta absolutamente para nada. Não ha mysterio; acabou o interesse. Até se apura quem é o presumido pae das crianças... mas, como isso não vem para o caso...»

— «Que burros!» — grunhiu o Mello que havia momentos deixara de corrigir e parecia meditar, com os dedos encravilhados no queixo.

O Lucio olhou sobresaltado, o Miranda retorceu mais o bigode para encobrir a riso, e o Cabral infundiu mais um copito de genebra.

— «Você perdôe, ó Lucio,» — disse emfim o Mello, saindo claramente da habitual tranquilidade — «Que o nome do patife não vem para o caso?! Pois esse é que devia vir sempre na frente. Melhor que pespegar para ahi a parentela da pobre mulher com todos os ff. e rr.»

— «Não, homem, não... Isso é muito differente» — e o Lucio sorria malicioso aos outros dois, querendo dizer — Cá está o *Escolho* de volta comigo. Deixal-o, coitado!

O Mello deu fé do sorriso e espevitou-se. Erguendo os oculos ao alto da cabeça: «Os senhores, verdade, verdade, de

...encaixou o monoculo... (Pag. 174)

mão na consciencia, consideram essa rapariga uma grande criminosa?»

Risota geral.

— «Olha o Mello a defender infanticidios! Ai, que pagode!»

— «Homem, essa agora! Com a sua seriedade!...»

— «Você dormiu mal esta noute, ó Mello... Por mais que me digam!...»

— «Mas, com um milhão de demonios» — e o Mello descarregou dois murros enormes na mesa — «Que queriam os senhores que a rapariga fizesse? Sim; que queriam?»

— «Ora essa! Que trabalhasse! que ganhasse para os filhos.»

— «E quanto ganha uma mulher ainda que se esfalfe? Os senhores sabem como se paga o trabalho das mulheres n'este paiz?»

— «O' Mello, a modo que isso agora trescala a feminismo... Irra!» — e o Cabral despedia gargalhada e tosse atroadoras.

— «Mais logica, é o que faz falta... Mais logica e mais humanidade» — e o Mello esfregava os oculos com o lenço para vazão da actividade nervosa — «Nos outros crimes não se exigem responsabilidades a todos os cumplices? E n'este porque não?... Ellas quando não os matam, tambem os vêem muitas vezes morrer de fome. Mas d'esse crime ninguem quer saber, ninguem lhe busca o responsavel...»

— «Bem, bem. Isso agora já é transcendencia demais para o jornalismo» — decretou o Miranda de testa franzida, assumindo o seu arzinho grave de director — «A obrigação de uma folha diaria é trazer o publico ao corrente dos acontecimentos. Questões de doutrina não são para aqui. Deixemonos de philosophias que não adiantam nada e vamos ao que importa: Deixa-se ir a noticia como está?»

— «Não, homem, não» — protestou vivamente o Cabral. — «Tem que se reformar.»

— «Que diabo de maçada! E é que saiu bom, o ar-

tigo... Tem vibração... tem fremito... E' de que precisam os jornaes para viver...»

Houve um silencio cheio de concentração.

— «O verdadeiro é rasgal-o» — optou corajosamente o Mello.

— «Este Mello! Este Mello!» — gargalhou o Cabral atroadoramente — «Se o homem sempre foi jacobino chapado!»

O Miranda tregeitou dos hombros, muito frenetico. De repente, com uma forte palmada na testa: «E se publicassemos uma local, na ultima pagina, com epigraphe *A' ultima hora,* attenuando a noticia?»

— «Excellente, ó grande diabo! Tu hoje estás feliz» — e o Cabral expandia a satisfação, rolhando bem a botija, que collocou debaixo da mesa porque ia sair.

— «Não me parece mal» — conveiu o Lucio — «Sempre se aproveita um pouco o effeito.»

O Miranda, puxara um linguado em branco e já estava de penna em punho. Esgarafunhou: *A' ultima hora. Mãe Desnaturada. Somos informados de que este caso não tem a gravidade que a principio se lhe attribuiu. Fieis ao proposito de bem informar os nossos leitores, voltaremos amanhã ao assumpto com todos os esclarecimentos que pudermos obter.*

O Miranda pousou a penna, muito contente de si, e levou o dedo ao timbre.

Appareceu logo o rapazito, o cara chupada.

— «Toma. Manda compôr. Vae na terceira pagina. E as provas aqui ao sr. Mello... Não confio n'essa gente nem para isto. Entendeste?»

— «Sim senhor» — e o rapazito voltou, melancholico como tinha entrado, como sempre estava, de dia ou de noute, de

semana e ao domingo, no verão, no inverno, no Natal, na Paschoa.

O Cabral e o Lucio já estavam em pé para sair.

O Miranda abotoou o sobretudo, poz com meticuloso cuidado o chapeu, encaixou o monoculo, sacudiu as pernas para desenrugar as calças.

— «Tambem saes?» — perguntou o Lucio, querendo saber para onde elle ia.

— «Vou um bocado á Duse» — e o Miranda calçava com arreganho as luvas amarellas. — «Ainda tenho que vir fazer a chronica theatral.»

— «Acompanho-te. Tambem lá vou um bocado.»

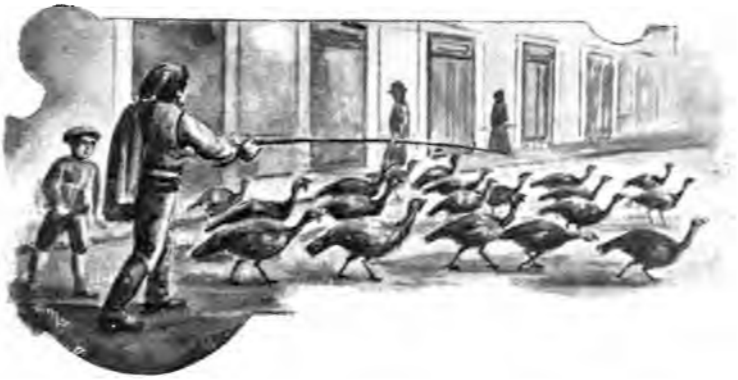
— «Adeus, ó Mello. Você não rasgue o artigo, hein?»

— «Até já.»

— «Adeus. Não sei se logo virei por cá. Ando farto de noitadas.»

— «Boa viagem!»

E, quando elles iam todos na escada, o Mello, de braços estendidos, espreguiçando-se com amplo desafogo: «Louvado seja Deus! Que burros!»



OH! NATAL! NATAL!

A felicidade durara quinze dias. Completa! regalada! sem sombras!

Antes d'aquillo uma desgraça! Sempre tinham penado muito.

As primeiras recordações deitavam ao pateo do sr. Faustino. Muitos companheiros, milho escasso, e elles, pequerruchitos ainda, apanhando só por acaso algum grãosito extraviado. Um viver sem gosto, gramando frio, enxugando fome, entre maus modos do sr. Faustino e da peruada grande!

Um dia — dia de nortada e aguaceiros por signal — deitaram-nos á rua a passear.

Iam todos. Caspité! Trinta e tantos bicos! Uma vista, com os moncos vermelhos a resaltarem das pennas azevichadas! Tirante a indisciplina da *forma,* tal um collegio á quinta feira, tal um esquadrão de melicia com barretinas de gala.

Goso infinito na primeira hora! A variedade, a alegria.

Mas a canna inflexivel breve se tornou intenso martyrio.

Ladeira abaixo, ladeira acima: «Eh! casal de *piruns!* Quem merc'ó casal!» — E elles aos pulinhos, temerosos da canna, que lhes tacteava asperamente o dorso, correndo sempre, na medida das grandes pernas cambadas do sr. Faustino, esfalfados, anhelantes, bico aberto, mortos de sede, afflictos de canceira!

Soava a proposito, de uma janella, o almejado «Pscht! Pscht!» Não que fosse muito melhor bocado. Mãos grosseiras suspendiam-nos pelas asas. Tremiam do desconhecido. Mas tudo a final se resumia no contacto de dedos asperos que lhes apalpavam o peito ou lhes tomavam o peso. Sempre aquillo era um respiro. Cessava sequer por momentos o terror da canna inexoravel, dos americanos, das bicycletas, das carruagens a galope desenfreado, das ordenanças aceleradas, de certos cães mal-encarados, do garoto cruel... Sempre era bem-vindo o «Pscht! Pscht!»

Emfim, um dia chegara aquella ventura inesperada, completa, sem sombra. Memoravel data a entrada para casa do conselheiro! Por bom acaso tinham ficado ambos.

Uma criada de boas maneiras e avental branco tomara cada um debaixo de seu braço. E fôra largal-os na capoeira sem os arrepelar. No quintal um sol temperado tirava aromas frescos dos coentros e da hortelã. Couves abriam para o ceu o olho repolhudo, viçoso e crespo. Alfaces branquejavam como flores entre a rama escura, delicadamente franzida, dos rabanetes.

E era ali n'aquelle paraiso, a um canto soalheiro, que es-

tava a capoeira, muito aceada, com sua rede pintada de verde e o tecto de zinco a evitar a chuva. O tacho das sêmeas, a

...que lhes apalpavam o peito ou lhes tomavam o peso. (Pag. 176)

que os dois se atiraram porfiosamente, era avantajado e farto.

E logo a familia da casa, attentamente, viera visital-os: a senhora, com um amplo roupão que lembrava na côr a sa borosa couve portugueza; e a pequena, a Ritinha, com um vestidinho de seda côr de sêmeas, e o cabello, em sacarrolhas, louro como grãos de milho.

Nada á maneira do sr. Faustino de triste memoria. Outra casta de gente.

Aquillo é que era vida! De mais a mais tinham a capoeira por sua. Só lá havia dois franganitos, insignificantes, pifios, magrizelas, mal emplumados, que nunca pretenderiam hombrear com o nobre par dos moncos vermelhos.

Os costumes da casa regulares, agradaveis. Pouco depois de nascer o sol, apparecia o Jacob, o criado, para varrer o gallinheiro.

Abria a porta; entrava: «Eh! Che! Che!» — e deitava-os para o quintal.

Quanta alegria n'aquelle soberbo quarto de hora!

O Jacob, sempre attento ás janellas do predio contiguo, deixava-lhes liberdade completa. Era um depenicar doido entre couves e alfaces. *Ella* perdia-se pela rama tenra dos nabos. Uma desjejua incomparavel, que tambem fazia as delicias dos dois pifios, dos dois magrizellas, sempre, todavia, a respeitosa distancia.

Limpa a casa, a vassoura do Jacob convidava-os expressivamente a entrar. Mas não havia aggressão manifesta. Comparar aquillo com a odiosa canna do sr. Faustino!

Entravam. E logo trazia o Jacob o tacho cheinho de sêmeas, muito bem amassadas com a couve. Cozinheira de uma vez, a Gertrudes! Aquellas gordurinhas que ella sabia juntar á amassadura davam-lhe sabor de fazer criar agua no bico.

E a agua crystalina, mudada todos os dias! O grande alguidar semelhava um lago. Por isso a primeira vez se abeiraram com precaução.

Ella sobretudo. Sempre fôra timida, nervosa. E talvez por isso *elle* era todo desvelos, attenções primorosas.

E logo a familia da casa, attentamente, viera visital-os... (Pag. 177)

Asas de rastos, monco desbotado de commoção, elle rodeava todas as manhãs o tacho das sêmeas, em reverendas mesuras, sem ousar tocar-lhe.

Limpa a casa, a vassoura do Jacob... (Pag. 178)

Só quando ella vinha começavam ambos. Mas o ouvido masculino, esse ficava sempre álerta, para evitar, bico escancarado, aggressivo, ameaçador, que os dois pifios, os reles franganitos, se desmoralisassem, perdessem o respeito. E, em quanto *ella*, pesada e entorpecida, dormitava as digestões,

aquelle bico zeloso catava-lhe ás vezes o piolho amoravelmente.

Eram muito felizes. Creaturas tão melancholicas como os da sua raça mal poderiam ter previsto semelhante paraiso.

O dia passava-se n'um mar de rosas. De tarde, ao cair do sol, o Jacob voltava. Trazia o sacco do milho, que atirava para ali ás mãos cheias, olhos sempre pregados nas janellas da visinha que sacudia o panno de pó, de vagar, amanteticamente.

A'quella hora *elle* tinha sempre um formidavel appetite. *Ella* desdenhava o manjar. E era então quando *elle,* a desafial-a, se punha a escarvar com o bico na terra, todo impaciente, parecendo dizer-lhe: «Forte tola! Cousa mais rica!»

No fim da tarde tambem a Ritinha apparecia ás vezes, trazendo um pedaço de pão de Vienna. Acabava *ella* então o dia a seu gosto. Pellava-se por pão. *Elle* cedia a sua parte. Não dava um grão de milho por aquillo. Mas punha-se logo todo perfilado a conter em respeito os dois pifios.

E assim sempre, em duas largas e soalheiras semanas!

Só um dia houvera uma sombra leve, passageira. Era sol posto e o Jacob sem apparecer com o milho! O habito da ventura exacerbava o desgosto.

Uma desattenção sem precedentes! *Elle* resolveu protestar.

Aprumado, hirto, muito digno, com quanta força tinha no peito, e quanta avidez no appetite: «Gru-gru-gru-gru!... gru-gru-gru-gru!»

Não foi preciso mais. Logo appareceu a Gertrudes, do lado da cozinha, com o almejado saco, chamando-lhe carinho-

...nas janellas da visinha que sacudia o panno de pó... (Pag. 182)

samente «Peru velho!» E entre palavras doces da sua indole bonacheirona, espalhou por ali a abundancia.

*

* *

Conclue o dia 24. Na freguezia o sino desfere o badalar alegre da missa do gallo.

A Ritinha, endefluxada, não foi á missa. Mas tem logar na ceia da meia noute, entre o primo Luiz, socio preferido, e o *avôsinho* que lhe passará muitas vezes a mão tremula nos cabellos dourados.

Em quanto a familia está na igreja, ella vagueia, aos saltinhos, entre a cozinha e a casa de jantar. Recreiam-se-lhe os olhos, ora no bem-posto da mesa, com as brôas muito abiscoitadas e o vinho Madeira muito lindo, ora nas risonhas, olorosas promessas do fogão, que a Gertrudes fomenta, sollicita e atarefada.

Deu meia noute. Na ceia reina a cordialidade das grandes festas de familia.

Entre a canja e as *croquettes,* a Ritinha pergunta ao avô se não seria tão bom que houvesse Natal duas vezes por anno.

O quadro solemne é a entrada da perua, de costas na grande travessa como um morto no ataúde, a emergir de um canteiro de agrião, estofada, adiposa, aromatica.

Recebe-a um coro de saudações gulosas.

Ella está na verdade flammante. Resumma a manteiga da pelle tostada e lustrosa, a escorrer pelas rodas recortadas de limão, pregadas ao peito como crachás. D'entre a moita viçosa do agrião, espreitam carnudas azeitonas promettendo unir-se ao recheio em paladar exquisito.

Quando o conselheiro, com os phenomenaes trinchantes, fende o peito massiço do bello animal, assoma a todos os rostos o sorriso material da gula.

Estendem-se avidamente os pratos, onde o conselheiro, primoroso amphitrião, vae depondo meticulosamente o membro adequado a cada preferencia.

O applauso é rigorosamente confirmado na voracidade. Quando a travessa, contendo apenas restos do esqueleto descarnado, vae devolvida á cozinha, na mesa, com vinho velho de Bucellas, levanta-se um brinde á Gertrudes, proclamada rainha das cozinheiras em materia de peru recheiado.

*

* *

Dia de Natal. Farto repique de sinos. Sol a flux illuminando a grande festa da Christandade.

A Ritinha accordara ante-manhã. Tinha concertada uma conspiração com o avô. Iam ambos á missa das nove.

Libertar-se da Fraulein! Pregar uma boa peça á Fraulein! Que delicioso! Só a cara que a Fraulein havia de pôr!

A's seis, apesar de se ter deitado tarde, estava bem acordada.

Silencio completo em casa. A familia tresnoitada desfor**rava**-se no somno da manhã.

Só de espaço a espaço uma voz monotona e dolente che**gava** ali, dizendo que mais alguem velava: «Gru-gru-gru-gru!»

O quadro solemne é a entrada da perua... (Pag. 185)

E assim toda a manhã, n'uma insistencia uniforme, enervante.

Eram bem dadas as oito e meia quando a Maria de Jesus lhe entrou no quarto para a vestir.

Ella quiz logo saber porque era que os perus chamavam tanto.

— «Os *piruns!* A *pirua* comeu-a a menina *honte*...» — e em tom de galhofa: «E' o *pirum* a dar-lhe as boas-festas»

— Depois temperando a agua na bacia, a Maria de Jesus accrescentou, escarninha: «E' o *pirum* a chamar a *pirua*... São *soidades*... Desde *honte* que não quer comer...»

A Ritinha poz uma cara assombrada que talvez queria dizer: — Pois os perus tambem podem ter saudades! Quem supporia tal cousa!

Ficou muito seria, a pensar. E ia para fazer uma pergunta quando a Maria de Jesus lhe encheu a cara de sabonete.

Forte embirração tinha áquillo! Sobretudo no lavar das orelhas.

Perdeu o fio na investigação psychologico-gallinacea. Só quando, a enxugar-se na toalha peluda, escutou outra vez a voz monotona, mais triste, mais arrastada, mais langorosa «Gru-gru-gru-gru!... Gru gru gru-gru!», correu impetuosa á janella e olhou com avidez para o lado da capoeira.

A um canto sombrio, retrahido do sol que tanto amava, encolhido, parecendo mais pequeno, as pennas pegadas ao corpo como se tomara banho, doente, a tremer de frio, lá estava elle ...sim, lá estava elle.

A Ritinha vestiu-se atabalhoadamente. Queria fazer uma cousa antes de sair.

Chegou ao jardim quando já lá estava o avô, todo apressado, a abotoar as luvas de lã.

— «Vamos, vamos que é tarde... Grande preguiçosa!... Já tocou a terceira vez.»

— «Foi a Maria de Jesus... Eu estava acordada ha mais que janeiros... Espere, avôsinho... Só um bocadinho assim» — e marcou na extremidáde da unha — «Eu já venho» — e deitou a correr para o lado da capoeira.

— «Ora cebolorio! Estamos aviados! Quem se mette com esta gentinha!...»

Chegou porém ao jardim quando já lá estava o avô... (Pag. 188)

De perto a scena era mais impressionante. Muito arripiado no seu canto, bico pendente, monco desbotado, *elle* podia representar, symbolicamente, no seu pequeno vulto negro, as insondaveis tristezas que devoram.

Tinha ares de empalhado, tirante a leve tremura do pescoço quando emittia o seu merencorio: Gru-gru-gru-gru!

Os dois franganitos, os dois pifios, senhores absolutos do tacho das sêmeas, banqueteavam-se desopprimidamente, com alegria adequada a um espelhento, soalheiro dia de Natal.

A mão de milho que a Ritinha trazia escondida na algibeira e atirou para o canto sombrio, foi logo vorazmente depenicada pelos dois, que porfiavam com zelo em tirar o seu ventre de miserias.

— «Ritinha!... Oh! Rita!... Oh! menina!... Anda filha, que é tarde... Não chegamos.»

A pequena veiu de lá com má sombra e passo arrastado. Acabava de descobrir n'um dos angulos do gallinheiro — aquelle precisamente onde *elle* se refugiara — vestigios de sangue e algumas pennas manchadas. Credo! Matarem-na ali mesmo! E viera-lhe um arripio!

— «Vamos, menina, despacha-te» — e o avô, que lhe viera ao encontro, tomou-lhe a mão bruscamente.

Ella deixou-se puxar. Ao dobrar o portão, levantando inquisitivamente os grandes olhos castanhos: «A gente não devia comer os bichos, pois não, avôsinho?»

Elle, todo absorto na contrariedade de chegar á igreja depois de voltado o Envangelho, não lhe respondeu.

E tinha razão o avô.

Poucos passos andados, estacou varado. O sino grande dava signal de levantar a Deus.

— «Não dizia eu?... Vês?... Pois já não vamos... Agora, para quê?» — e o velho soltava, com gesto sacudido, a mão da Ritinha.

— «Então já não vamos; não, avô?

— «Pois para quê? Pfe!»

A Ritinha não esperou mais. Correu impetuosamente para casa.

— «Olha! Schet! Escuta cá... Oh! menina!... O mafarrico da pequena!... Ouve... Vamos dar uma volta até ao almoço... Já'gora...»

— «Isso á tarde, avôsinho... A' tarde é melhor» — E, sem sequer se voltar, a Ritinha cortou para o lado da capoeira, d'onde vinha sempre aquella voz tremula, plangente, arrastada: Gru-gru-gru-gru!... Gru-gru-gru-gru!

ORDEM PUBLICA

26 de janeiro d'este anno da graça de 1903. E' segunda feirà.

Ou por gelada manhã, ou porque descancem os que hontem folgaram o domingo, é escasso o transito nas ruas.

A's oito horas Madrid está muito triste, com os seus 3° centigrados, os seus renques de arvores esqueleticas, um céo opaco que parece feito de clara de ovo batido com mistura de cinzas.

Empregados matinaes passam, embrulhados nas classicas capas de vistas de côr. Tiritam, demandando o *tranvia* electrico, onde o frio é menos perfurante.

Longos bandos de cabras atravessam a *Castellana,* de pello hirsuto, sem alegria. O pegureiro que as conduz conchega aos hombros a manta de listas vermelhas como a pelle

do seu rosto fustigada pela aragem cortante do Guadarrama, todo vestido de neve.

Um homem anguloso, de *boina* muito calcada nas orelhas, sem capa, casaco curto, exiguo e safado, deixando á vista os ossos dos pulsos arroxeados, transita, com olhar desvairado, pela *calle* de Equilaz.

Ha n'essa figura o aspecto repellente das cousas sinistras. Ladrão? Assassino? Ssmples desgraçado? Quiçá de tudo isso um pouco.

Tem no olhar obliquo o rancor do animal bravio, temperado por um vago tom humano de supplica. Terá cadastro policial? Talvez remorsos de sangue na consciencia. Sabe Deus!

Vem-lhe ao encontro um senhor fino, com o patriarchal aspecto de chefe de familia isento da preoccupação financeira. Physionomia serena e bem tratada, com vislumbres de chocolate matinal. O traje é de luto, predominando um farto sobretudo com golla de pelles. Dá certo calor, que entra pelos olhos, mirar o conjunto de tanto agasalho.

O outro estende-lhe a mão entre humilde e agressivo, entre esperançoso e despeitado. Cicía cousas em que rebôa chorosamente a palavra fome.

O rico senhor não responde, não repara, não o vê. Leva muita pressa e vae attento a abotoar a luva direita. Talvez missa de defuntos, onde elle tenha que distribuir *los cuartos* á vista dos amigos que lhe gabam a munificencia.

— «São todos assim!» — commentou uma velha trapeira que por momentos fizera parar o seu burro.

O homem desabafou. Contou-lhe a historia. — Elle era pedreiro. Passava de um mez que estava sem trabalho. Buscava e todas as portas se lhe fechavam. Raio de vida!

E logo então janeiro, interminavel, regelado, *crudo!* Chamava-se Vicente Jimenez Alcalá. Morava no bairro de Tetuan. *calle de Madrid, 14.* Tinha lá mulher e tres filhitos a estalarem de foma... Mais dia menos dia, aquillo... A mulher, doente, já não prestava para nada... Pouco mais longe poderia deitar... Fosse lá ver... Fosse ver, se queria capacitar-se. Por isso um homem ás vezes... Já se lhe ia acabando a paciencia — Fungou rancorosamente, abaixando-se a apanhar uma ponta de cigarro — Levava já tres dias implorando a caridade publica. Pois nem uma *perra!* Passavam. Passava por diante d'elle Madrid descuidosa e *burlona.* Não olhavam. Não attendiam. Só por acaso, alguma mulher, de olhar entre compassivo e medroso, murmurava, aligeirando o passo: «Perdôe.» — Perdoar!

Boas ganas tinha de perdoar a essa corja! As tendas a trasbordarem de comida, e os seus *chiquillos!...»*

— Seja tudo pelo divino amor de Deus! — Com esta phrase repassada de uncção a mulher fustigou o burrico e seguiu caminho, em busca da sua mercadoria, a ignobil *basura.*

Elle teve uma crispação de nervos que lhe fechou as duas mãos. E, allucinadamente, emprehendeu uns passos mais rapidos, como se levasse uma idea, um destino.

N'um portal tem subitamente uma visão. Um padeiro subira a escada, deixando o cesto no pateo.

Estremece; escancara os olhos; mira em roda; estende o braço; colhe um pão.

Sem serenidade para disfarçar o roubo, deita a correr, com o pão á vista, na mão, ingenuo como uma creança ou como um louco, não pensando mais que no momento de chegar ao *14* da *calle de Madrid.*

Por um momento ao menos tapará as quatro bocas famintas. Na excitação d'aquelle anhelo esquece-lhe até morder o pão, engolir um pedaço. Esqueceu-lhe a fome logo que teve de comer. Para a companheira doente reserva talvez o melhor quinhão. A ver se levanta forças...

De repente sente-se colhido. A mão de um *guardia de seguridad* caiu pesada sobre elle.

Olha espavorido aquelle ente odioso que quer arrancar o alimento da boca dos seus filhos. Abomina n'elle a sociedade inteira. No gesto oppressor d'esse homem divisa o symbolo da crueldade humana.

Exigem-lhe o *seu* pão.

Entrega-o chorando. Em soluços confessa tel-o roubado. Desculpa se: era a vida da mulher enferma, a alegria dos *chiquillos* roxos de frio, exhaustos de chorar.

O padeiro occorrera indignado, sequioso de desforço, de vingança. Mas um raio de compaixão penetra; derrete-lhe a colera — Não quer saber d'esse pão; acabou-se! Dá o pão. E' preciso que esse homem leve o pão a casa.

Mas o agente da auctoridade oppõe-se rigidamente em nome da *ordem publica*. O homem que elle tem entre as mãos é um criminoso; pertence-lhe. É da sua competencia e responsabilidade desaggravar a sociedade offendida.

Em torno do grupo vão-se aglomerando transeuntes. Alguns protestam. O maior numero são meros curiosos inactivos. Dois sujeitos offerecem pagar o pão; querem que o miserando chefe de familia leve a casa a sua presa sem preoccupação delictosa.

Mantem-se inamovivel o representante da *ordem publica*. — Estava servido se fosse deixar premiar ladrões!

Um sujeito de barba grisalha chamou sobre si a attenção, observando: «Para os ladrões dos bancos e dos ministerios é que não ha prisão nem processos!»

Um operario enferrujado respondeu á deixa: «Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historia!»

— «Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa!» — commentou um *pescadero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— «Agora é que vae ser fome negra, que lá na *Delegacion*...» — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite uma *perra* de *torrados* que acabava de comprar.

— «Havia de ser comigo! Esmurrava-lhe mas era as ventas ao tal senhor guarda... Caramba!» — grunhiu, em surdina, um tocador de *organillo* que presumia de valente nos intervallos em que a manivela cessava o *Tango do Morrongo*.

O Vicente Jimenez Alcalá, protestava com energica negativa. Não queria apresentar-se na *Delegacion*. Quando pretenderam leval-o á força, debateu-se.

Foi então que outros dois guardas, egualmente zelosos da *ordem publica* se reuniram ao primeiro, para praticarem entre todos o feito ingente de atar pelos cotovelos ao tronco o *criminoso* que furtara um pão.

Entre os espectadores houve quem apupasse os guardas, mas moderadamente, em tom conservador... da propria pelle.

E o grupo estranho caminhou para a *Delegacion* e d'ahi para o *Jusgado de guardia*, deixando pelas ruas a sua negra mancha de barbarie e de miseria.

Os curiosos mais tenazes, que faziam sequito, commentaram muito a munificencia do *Juez* — ao outro dia ribombantemente exaltada nos periodicos — que mandara o Vicente

para casa em plenissima liberdade da sua fome, só com obrigação de comparecer, sempre que lh'o exigissem os tramites do processo que ia ser-lhe instaurado.

Passava-se isto por meiados de janeiro inclemente, no anno da graça de 1903.

O SENHOR DOUTOR

A' memoria de José da Costa e Silva, medico municipal de Alcanena, fallecido em 22 de fevereiro de 1903.

Domingo gordo; 22 de fevereiro.

Nas fabricas não ha o rumorejar da lida semanal. Dardejam raios alegres do sol, convidando á folia. Arvores mostram já os rebentos floridos, bafejadas por antecipações de primavera.

O aspecto soturno da povoação contrasta rudemente com o tom festivo da natureza e as instigações do calendario.

Mulheres passam embiocadas para a missa; algumas choram. Os fabricantes, endomingados, formam grupos melancholicos ás esquinas e em frente das lojas. As boticas têm as portas cerradas.

Entre a gente taciturna perpassa um murmurio, um echo: — *O doutor... O senhor doutor...*

No adro o rapazio não dá cabriolas.

E' por toda a parte como um viver em surdina.

— «Porcaria de Entrudo!» — observa um, de chapeu largo, recemchegado dos Bugalhos — «Mascaras, vistel-as!»

— «Bruto!» — apostropha um petiz da terra — «Nam sabes que morreu o senhor dótor. ...Ê tamêm levo uma vela... logo no enterro...»

O de fóra espantou olhos incredulos: «Aquelle alto com'umas casas, que dava dez réis á gente?!...»

— «Pois esse.»

— «Bem sei... Um dia que lá foi, ralhou muito co'a mãe por via d'ella m'estar a bater...»

— «Nan te vás sin reposta, cachôpo» — intrometteu do lado a vendedeira dos tremoços — «A mim me pregou elle um foguete! ...E mais andava ê bem doente ...Só por via d'ê dar uns estalos pela cabeça á Estrudinhas. — Que na cabeça que se nan batia... Aquillo sempre me disse p'r'áli coisas! ...Qu'a gente qu'eramos com'ós animaes... sin entendimento... Qu'havera mas era de le lavar a cara... Menos pancada e menos porcaria... E vae ó despois ...Coitadinho! Deus le alumi a sua alminha!... pranta-me cinco tostões por de baixo da recêta... Ê, a bem dezer, nin dava fé... E elle, tudo a disfraçar — Veja lá, nan me bata na cabeça á piquena, óviu? — Ella antão! Ih! Jasus!... Desde aquelle dia fez-se mais soberba!... E' que nunca mais fui senhora das mãos p'ra lhe marcar nas trombas os cinco mandamentos! Quem diz lá! Era logo bocarra aberta: — Vomecê nan me dê... Olhe qu'ê faço quêxa ó senhor dótor! — Mais amiguinho das crienças! S'aquelle nan entra no ceu!...» — e a criatura passava nos olhos a manga do casaco de baeta. — «Elles tamem, in se le falando no senhor

dótor!... A minha Estrudinhas está toda ancha que tamên ha de levar uma vela...»

— E mais eu... E mais eu — echoaram por ali vozes infantis.

— «Olha, aquelle! Pitorra! Nin que pudesse co'a vela!»

— «Nada não! Olha a grande coisa!... Quer você ver o que é uma cacholeta?» — e logo tomou distancia para investir.

— «Então! Então!... Temos desordem?» — obstou o velho prior, que chegava, curvado, taciturno: «Mais juizo, rapazes... Mais tino... Ao menos, hoje...»

— «Ralhe, senhor prior, ralhe» — animou, no tom vermelho da indignação, a que vendia broas de milho. — «Esse gado nan conhece nada, nan respêta nada... Pois o que perderam nan no tornam cá a pilhar tan depressa! Ai, senhor prior, sempre isto foi uma desgraçia p'rá terra!... Nosso Senhor tamem! Cum tanto desgraçado que vive p'r'ahi sin gosto...»

— «Então, mulher!... Altos juizos!» — e um soluço cortou a palavra ao velho prior, que entrou apressado e trôpego na igreja, dirigindo com a mão estendida aos rapazes um gesto de silencio, de pacificação. Dentro, os fieis oravam n'um recolhimento profundo, em quanto o prior endireitou á sacristia, levando aos olhos o lenço de chita encarnada.

N'um angulo duas mulheres cochichavam.

— «Você viu-o?»

— «Venho de lá agora... Nan parece elle senan que está a dormir, todo muito bem asseado, sin lhe faltar nada, de casaca posta, e luvas, e gravata ó pescôço... Uma cara mais assocegadinha!... Pois p'r'os modos inda padeceu! ...Aquillo

está lá mais cheinho das flores do seu quintal! ...A senhora prantou-lh'as todas em cima .. Elle é que tratava d'aquillo... Coitadinho! mal diria elle!... Esta vida nan é nada...»

— «Era elle, era, sim senhora... Ha de haver obra de um mez, fui ê lá a casa chamal-o por via d'elle ir ver o meu home... Andava a sachar, todo entretido, que nin dava pela chuva ...Ê a dar-lhe os signaes da molestia e elle a atirar c'o sacho. Já nan quiz saber de mais coisissima nenhuma. Foi logo mandar arreiar o cavallo, e elle ahi vae que nin uma bala!... Iamos ahi a diente, já era agua se Deus a dava... Pois co'aquella de chegar, nin se quiz arrecolher no caminho! ...Tamem, abaixo de Deus Nosso Senhor, o meu home, se está vivo, a elle o deve... Era uma constão das mais ruins que lhe deu p'la cabeça!... Elle tamem logo o disse... Devo mais óbrigações á su'alma! Nin que andasse de rastos! Coitadinho! Só a elle antão é que ninguem lhe pôde valer!...»

— «Pois foram ahi mais bastos os medicos! E amigos! Enfermeiros nan lhe faltaram... Queriam-lhe ahi todos mais!»

— «A terra tem qu'o sentir... Pois um home assim!...»

— «Aquillo era um pae qu'entrava nas casas... Nin você sabe da missa a ametade...»

O velho prior subia ao altar. As duas calaram se, ajoelhando. Sentia-se tremer a voz ao officiante; e, quando elle se voltou, para o *Oremus,* notavam-se-lhe olhos vermelhos, encegueirados.

Ao longo da igreja pairava o ciciar da oração. Em tantos bustos propendentes ao altar-mór adivinhava-se o peso acabrunhador de uma afflicção absorvente, unanime, compacta. Era toda a povoação subjugada pelo mesmo pungir

velhos, crianças, proprietarios, fabricantes, os ricos, os mendigos.

O inesperado do desastre assombrara todos com a força de cataclismo formidavel. Na lucta bravia com a enfermidade e com a morte, em que o viram ali empenhado durante vinte annos, mostrara-se sempre são, forte, incansavel. Nos perigos apparecia sempre firme, disposto, optimista, invencivel. Dos melhoramentos da terra era o forte e inflexo pedestal.

Invulneravel na organisação physica como na moral.

Convenções e exterioridades apparatosas inspiravam-lhe só desprezo. Honrado até aos ossos. A sua linha de conducta não a torcia por suggestões de ninguem.

Um dia, no Alemtejo, onde passou os primeiros dez annos de clinica municipal, entra-lhe um amigo em casa a pedir um attestado de doente. Gosava perfeita saude. Fôra officialmente chamado a Serpa e convinha-lhe não se apresentar.

O doutor encara o de fito e, com voz torva: «Homem, o que lhe vale é ser meu amigo. Summa-se d'aqui.»

O outro, enfiado, voltou costas; e, elle, para a familia, furioso: «Se não fosse quem é, tinha-o atirado pela escada abaixo.»

O compadre foi para casa, applicou um sinapismo n'um pé, deixou queimar até fazer chaga, e mandou chamar o medico.

O doutor entrou alvoroçado.

— «Que é? Ha cá novidade?»

O outro estendeu-lhe o pé lastimoso.

— «Preciso de que o compadre me passe um attestado, dizendo... que não posso calçar bota.»

O doutor sorriu. «Sim senhor; passo-lhe o attestado. Effectivamente, por alguns dias, não poderá calçar bota.»

Ficaram melhores amigos do que nunca.

A indole meiga contrabalançava-lhe o genio violento.

Odiava a vilania politica e a refalsada comedia social. Os seus gosos pessoaes provinham inteiramente da sciencia, da familia, das plantas, dos seus bichos. Clinico extremado, compulsava incessantemente livros e revistas onde aprendia sempre. O tempo que lhe sobrava dos cuidados da clinica, dava-o todo ás cousas mansas: o cogitar nos progressos da terra, onde quiz sempre metter, com teimosia, intellectualidade e hygiene; o amanho das flores e hortaliças; as galantes travessuras dos netos.

Despresador de cathegorias balofas, era o mesmo homem para todos. Só distinguia assim: mão estendida para a honestidade, de blusa ou de casaca; mão sempre retrahida do canalhismo reles, embora engravatado. Não reconhecia auctoridade para dictadora a uma sociedade que reputava corrompida.

O duello, por exemplo, era-lhe objecto de mofa e acerado sarcasmo. A cousa séria era que assentasse cada um dois murros onde lhe conviesse sem intervenção de padrinhos. O desaffrontar da dignidade, tinha-o por facto pessoal, intimo, de hygiene particular como o banho e o escovar do fato. E porque era meticulosamente limpo, odiava a farça tradicional em que dois homens, que devem mutuamente despresar-se, se abraçam em publico, depois de se terem espectaculosamente arranhado até onde, em nome do decoro, lh'o consentiram uns medicos que são figuras de importancia no auto jogralesco.

E viram-no sempre inteiro, de uma só peça, não se desmentindo nunca.

Fôra para ali aos trinta e dois annos. Dera áquella gente os vinte annos mais solidos da sua vida operosa e digna. Tinham-no chamado para acudir a doentes; puzera-se logo a tratal-os em saude tambem, zelando paternalmente a sua hygiene, a sua cultura, até alguma vez, quando occorreu, a sua moralidade. Em pouco tempo saneou a povoação desde os becos sombrios ao cemiterio. Nos moços animava incançavelmente as sãs diversões: livros, musica, arte dramatica.

Inspirou a fundação de um *Centro Recreativo,* com sua *Bibliotheca;* e a de uma banda de musica, com professor expressamente contratado. Frequentava com a sua familia, para animal-as, as recitas do grupo dramatico organisado entre populares da terra.

Quando elle chegara, a escola publica era uma grande casa desmantelada, ameaçando ruina antes de concluida. Suspensa a obra por falta de recursos, ninguem antevia d'onde pudesse vir o remedio. Logo o doutor promoveu uma subscripção, e appareceu dinheiro com que se puzeram vidraças e portas, e se effectuaram outros reparos urgentes.

E isto, que fazia pela causa publica, estava igualmente disposto a fazel-o no interesse de um particular. Um rico encontrou-se, ao cabo de muitas vicissitudes, a braços com a miseria. Faltavam lhe recursos para pôr a boiar a tabua de salvação: transportar-se com a familia a Lisboa e mourejarem a vida por lá. Foi ainda o doutor quem promoveu a subscripção que havia de salvar uma familia.

Lá em casa, os do povo, os compadres, as comadres, encontravam sempre a mesa posta e recebimento acolhedor.

N'aquella estancia tão limpa, tão lavada de ares, tão caiada sempre, a dar o grande exemplo do escrupuloso aceio, sorriam a toda a hora os traços festivos da abastança gososa, compartida alegremente, da felicidade que o trabalho aviventa e o egoismo não acanha. Era aquelle o centro mais intellectual da terra. Ali discutia-se, lia-se, havia interesses, havia conversação. Os novos tocavam e dançavam, confiantes na vida. A gente era attrahida. A familia movia-se n'um centro de intimo conforto e repousado bem-estar, que alastrava por ali a rôdo, contemplando até os animaes e as cousas.

O *Sharp,* o bom cavallo amigo, que levava o senhor doutor, por soes e por chuvas, em toda a estação e a toda a hora, a casa de quem soffria, disfructava horas de regalado repouso diante da mangedoira farta. O *Funchal,* principe dos cães, predilecto da criada Libania, lograva appetitosos bocados e tinha o quintal por seu. O tigrino *Saltico,* e o amarello e doce *Zininha,* roliços, lustrosos e fleumaticos, dormiam na galeria, coalhada de sol, os mais voluptuosos somnos dados ao epicurismo felino. Até os gallinaceos da capoeira tinham quinhão d'aquella felicidade expansiva, no seu recanto soalheiro.

Quantas vezes, das suas janellas, o doutor, cheio de vigor e saude, contemplaria enlevado aquella paisagem bucolica, pacificadora e bella; desde o viço dos seus canteiros até ás verduras do extenso campo, onde a oliveira punha a sua grave mancha, e a nota operosa das fabricas contrastava com a poetica tranquillidade do cemiterio mais aquem, a mostrar a sua capella e as suas cruzes alvejantes.

Elle, que tanto amou a natureza, misturaria n'essa dulcificante sensação a vaga ideia da esposa e das filhas tão que-

ridas, e as graças dos netinhos que o traziam enfeitiçado. E é de presumir que ao seu espirito de são, de forte, não acudisse nunca, horrendo monstro, a previsão da morte que havia de tombal-o ali n'aquelle cemiterio, em pleno vigor dos cincoenta e dois annos, a dois passos da casa toda cheia de traços da sua actividade, convertido em massa inerte, coberto das flores que as suas mãos tinham plantado e regado: as suas violetas, os seus goivos, as suas rosas, e o fino espinheiro alvar tão branco como as lageas dos tumulos.

A doença golpeou-o com acinte. Dezoito dias de um combate desigual e implacavel aniquilaram o forte. Baqueou. E não o acreditava a familia. Não o acreditava ninguem. Nem sequer elle talvez no rapido declinar. Ou afan de poupar os seus, ou sincera illusão, não mostrou saber que partia, que se ia embora para sempre. Preoccupava-o sobretudo a assistencia aos doentes. — «Olhem que a minha doença é seria» — dizia — «A minha convalescença não se sabe como será. Busquem medico que assista aos doentes. Tratem d'isso...»

Sentia incommodar tanto a todos. Mostrava-se muito penhorado com o interesse tão vivo da povoação. Aos amigos, enfermeiros carinhosos dia e noute, estendeu a mão reconhecida, quasi até aos ultimos momentos. E quando deixou serenamente de respirar, era a perfeita imagem do justo que nunca levantou um odio nem em sua alma abrigou rancores.

Por isso a povoação assombrada ouve com excepcional fervor essa missa de um domingo de Quinquagesima em que toda a gente chora. E o velho prior, ao ennovelar por fim o seu *Ita: **missa est,*** tem a voz estrangulada e um tremor que sacode todo o seu busto contorcido.

Do corpo da igreja, uma voz popular corta o silencio

compungido: «Um Padre Nosso por alma do senhor dótor.» — E logo o murmurio da oração rebôa em tom de compacto enxame. — «P'r'ámor de Deus, um Padre Nosso por alma do senhor dótor.» — E o zumbido repete-se, fervido, tremente, ancioso.

Durante o dia todo, a gente conserva-se pela rua, em grupos, recordando casos d'aquelles vinte annos em que todos, no momento da afflicção, tinham corrido esperançados a casa d'aquelle homem. E moviam-se precautamente, falavam a meia voz, como se estivessem na camara mortuaria, e temessem perturbal-o n'aquelle somno em que parecia descançar emfim de tanto que lidára por todos elles. Ali estava agora inerte, para sempre immovel. E tinham que ir leval-o alem ao cemiterio, deitado no seu caixão, sereno de rosto, parecendo ainda illuminado da sua immensa bondade, mas hirto e frio, paralysada para sempre a acção para a sua grande obra social e humana.

E ao descair da tarde lá foram todos: ricos, velhos, pobres, mulheres, crianças. Estranho cortejo em dia de Carnaval!

De casa levam-no á igreja; d'ali outra vez, pela frente da casa tão querida, ao cemiterio. A banda musical acompanha em silencio. Não se ouve mais ruido que o arrastar dos pés e o chôro abafado da gente. As mulheres remiram com deslumbramento uma infinidade de corôas, sustidas por mãos tremulas de amigos. As crianças das escolas, acompanhadas pelos professores, levam com attenção as suas velas. Vae a povoação em peso.

O *Funchal* que nunca mais se tirou de casa, está deitado entre portas, de orelha baixa e olhar caído.

Chegam. Lá o depôem no tumulo.

A Gertrudinhas quer ver bem tudo. Arremessa de si a vela, e agarra-se ao avental da mãe, rogando que a levante em braços. Desattendida, puxa com força. Descose-se o avental. Então a mulher dos tremoços, exasperada, levanta a mão com cega ameaça. Mas detem-se logo, com os olhos pavidamente pregados no caixão coberto de flores.

— «O que t'a ti vale...» — e ergue a Gertrudinhas nervosamente acima da cabeça, crendo ver o senhor doutor levantar-se no ataúde a dizer-lhe ainda: «Você não me seja animal. Não lhe bata na cabeça, ouviu?»

E a Gertrudinhas, campando, de olhos muito arregalados, com o seu grande ar triumphante, como quando elle lhe passava a mão nos caracoes alourados, talvez a comparal-os com os dos seus netos, que trazia na medalha, pendente da cadeia do relogio!...

FIM

INDICE

INDICE

	PAG.
Bodas de prata	1
Philosophia da cidade	43
Passando na estrada	61
O José Calixto	69
Guitarra que fala	87
A criadinha	99
A primeira infancia do Zizi	113
O sonho da rainha	125
Tres typos historicos	135
Artigo de sensação	153
Oh! Natal! Natal!	175
Ordem publica	193
O senhor doutor	199

DEC 11 1951

DEC 11 1991